

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS MUDIÁTICOS E PRÁTICAS
SOCIOCULTURAIS

Fábio de Lima Alvarez

A DOMESTICAÇÃO DA VIOLÊNCIA: MMA (Artes Marciais Mistas) E
PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA REDE GLOBO DE TELEVISÃO

Bauru, SP

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS MIDIÁTICOS E PRÁTICAS
SOCIOCULTURAIS

A DOMESTICAÇÃO DA VIOLÊNCIA: MMA (Artes Marciais Mistas) E
PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA REDE GLOBO DE TELEVISÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de Mestre em Comunicação de Fábio de Lima Alvarez, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

Prof. Dr. José Carlos Marques

Orientador

Unesp - Bauru

Bauru, SP

2013

Alvarez, Fábio de Lima.

A domesticação da violência: os processos comunicacionais da rede globo de televisão na abordagem do MMA (artes marciais mistas) / Fábio de Lima Alvarez, 2013

160 f.

Orientador: José Carlos Marques

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual

Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2013

ALVAREZ, Fábio de Lima. **A Domesticação da violência: MMA (Artes Marciais Mistas) e Processos Comunicacionais na Rede Globo de Televisão**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Bauru, para obtenção de título de Mestre em Comunicação, na área de Concentração em Comunicação Midiática, linha de pesquisa: Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais, sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques.

*“Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho.
Eu sou um rei
Que voluntariamente abandonei
O meu trono de sonhos e cansaços”.*

Fernando Pessoa - Abdicação

Em memória de meu pai.

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe, mulher de fibra como poucas, que ainda muito me ensina a trilhar meus passos a cada dia.

Agradeço a meu irmão que, mesmo longe de casa, sempre me alegra com seu riso fácil e seu jeito audacioso de encarar as coisas.

Agradeço a todos os meus amigos que, direta ou indiretamente, participaram junto comigo desta jornada. Mencionar apenas algumas deles seria irresponsabilidade. Todos, de seu modo, foram fundamentais.

Agradeço ao professor de artes marciais Cristiano Catala e a todos os companheiros da Cris Gold Team – Bauru, por terem me propiciado um contato mais efetivo com o mundo do MMA.

Agradeço aos professores da Pós-Graduação pela contribuição em meu crescimento intelectual e pessoal.

Agradeço aos servidores do campus, em especial aos do Departamento de Pós-Graduação, pela prontidão e pela presteza.

Agradecimento especial ao meu orientador, professor Dr. José Carlos Marques, que, além de sua extrema competência, mostrou-se também um caríssimo amigo. Obrigado por todas as conversas, pelas risadas e pela liberdade de pensamento e trabalho que me concedeu.

Agradeço à CAPES pela Bolsa concedida por intermédio deste Programa de Pós-Graduação. Sem tais recursos, este Mestrado teria sido impossibilitado ou ao menos bastante dificultado.

Resumo

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo investigar o crescimento da atenção que a mídia brasileira, especialmente a TV Globo de televisão, passou a conceder nos últimos anos a um dos esportes contemporâneos dos mais controversos, o MMA (sigla em inglês para Artes Marciais Mistas). Por meio de reflexões sobre o papel dos jogos na constituição da cultura, buscamos, num primeiro momento, entender como as atividades lúdicas, renegadas até muito recentemente enquanto fenômenos científicos, possuem papel bastante importante na constituição das sociedades humanas, tanto antigas quanto contemporâneas. Em seguida, investigamos qual o processo percorrido pelos jogos tradicionais até a sua constituição enquanto esportes, entendendo como o contexto de desenvolvimento das sociedades capitalistas imprimiu suas marcas nessa modalidade.

No que se refere ao MMA, analisamos sua capilaridade nas sociedades contemporâneas, buscando evidenciar como este segmento de atividades lúdicas é ao mesmo tempo incentivador e reflexo de uma série de normas e padrões culturais, econômicos e políticos próprios do contexto em que se desenvolvem. A maior parte do trabalho, entretanto, debruça-se sobre o papel dos meios de comunicação de massa no desenvolvimento dos esportes contemporâneos: realizamos uma análise quantitativa e discursiva de produções jornalísticas e de entretenimento televisionadas pela Rede Globo de televisão, desde a compra dos direitos de transmissão das lutas do UFC. Ao evidenciar como este esporte vem sendo retratado pela emissora, pudemos percebermos suas estratégias discursivas no sentido de humanizar e disseminar a modalidade ao longo de sua grade de programação.

Palavras-chave: MMA; TV Globo; esporte; meios de comunicação de massa; discurso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I – Os esportes e seu papel na formação das sociedades capitalistas contemporâneas	
1.1 – Brincadeiras, jogos e esportes: conceitos norteadores.....	10
1.1.1 – Definições de Esporte	22
1.2 - O papel civilizador dos jogos e esportes	25
1.3 - Sobre as peculiaridades dos esportes modernos e a decadência do elemento lúdico na cultura.....	36
CAPÍTULO II - Sobre o MMA	
2.1 – Do surgimento à consolidação.....	42
2.2– A violência no MMA	56
CAPÍTULO III – O papel dos meios de comunicação no desenvolvimento dos esportes	
3.1 – Mídia, esportes e sociedade.....	65
3.2 - MMA: o esporte do capitalismo globalizado.....	69
CAPÍTULO IV – pressupostos metodológicos de análise	
4.1 – Pressupostos analíticos	79
4.2 – Apresentação do material analisado e procedimentos de coleta.....	90
4.3 - Autopromoção e humanização da atividade.....	93
CAPÍTULO V – Análise	
5.1 A abordagem discursiva: programas de entretenimento	102
5.1.1 – “Sandy na Casa dos Campeões”	102
5.1.2 – Anderson Silva no programa “Mais Você”	104
5.1.3 – Anderson Silva e Cigano no “Pizza do Faustão”	108

5.1.4 – Minotauro no “Dança dos Famosos”	112
5.1.5 – Anderson Silva no Arquivo Confidencial	113
5.1.5 – Anderson Silva no Caldeirão do Huck	119
5.2 A abordagem discursiva: programas jornalísticos	127
5.2.1 - Bom Dia Brasil.....	127
5.2.2 - Jornal Hoje.....	129
5.2.3 - Jornal Nacional.....	129
5.2.4 - Jornal da Globo	130
5.3 – Primeira transmissão ao vivo de uma luta do UFC na Globo	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
Referências.....	143
Anexos	
Quadro 1 – programas jornalísticos, datas e links	146
Quadro 2 – programas de entretenimento, datas e links	148

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo básico analisar como as Artes Marciais Mistas, a cada vez mais conhecida sigla MMA (Mixed Martial Arts, em inglês), vêm sendo retratadas por meio da mídia brasileira, particularmente pela Rede Globo de Televisão, a partir do momento da aquisição por parte desta dos direitos de transmissão de lutas do UFC – Ultimate Fighting Championship, maior campeonato da modalidade.

Partimos da hipótese de que, para que a emissora conseguisse veicular as lutas sem grande resistência por parte do público, sem maiores estranhamentos oriundos da latente violência e agressividade dos combates, esta empreendeu um projeto sistemático de atenuação, de filtragem e de humanização do esporte, buscando trazê-lo para uma espécie de “zona validadora” da emissora, ou seja, para seus programas já consagrados e de ampla aceitação pelas audiências.

Ao incorporar a temática em algumas de suas produções, como novelas, por exemplo, ou ao realizar atividades recreativas com os lutadores – como convocá-los para a “Dança dos Famosos”, quadro do programa Domingão do Faustão -, elaborar entrevistas e matérias jornalísticas que retratem os lutadores fora do ringue, acreditamos que a emissora busca um apelo afetivo, objetivando-se a criação de um vínculo de proximidade e empatia com o público, que supostamente não mais enxergará os lutadores como meros “brutamontes sanguinários e violentos”.

Para buscar compreender esta estratégia empreendida pela emissora, analisaremos uma série de programas e excertos de programas voltados direta ou indiretamente para o MMA, procurando entender, na prática, como se deu este tratamento sistêmico.

Para tanto, utilizaremos como estratégia metodológica a classificação e descrição destas “aparições”, bem como realizaremos uma análise discursiva de alguns destes fragmentos, que foram por nós divididos em dois blocos temáticos: programas de entretenimento e programas jornalísticos.

No entanto, apesar de termos como preocupação fundamental o tratamento midiático dado a este esporte-espetáculo pela Rede Globo, também buscaremos ampliar a nossa mirada analítica e empreenderemos uma discussão sobre o papel dos

jogos e dos esportes como elementos da cultura, empreendendo uma investigação de algumas das principais características das sociedades capitalistas contemporâneas, características estas que acreditamos serem tão ou mais importantes para a disseminação da atividade. Queremos dizer com isso que, mesmo partindo da hipótese de que a emissora vem se valendo de uma estratégia discursiva voltada para a humanização e depuração da violência dos combates que, caso não houvesse um contexto sociocultural permeável à atividade, dificilmente esta estratégia midiática obteria êxito.

Diferentemente do que as primeiras linhas possam dar a entender - que as representações midiáticas e estratégias discursivas são as responsáveis pela aceitação deste esporte - acreditamos que isto seja apenas uma parte do "problema". Acreditamos que os esportes não são atividades inócuas, descontextualizadas, muito pelo contrário (debateremos este tema ao longo do trabalho), são elementos intimamente relacionados numa ampla rede de sentidos, são fontes emanadoras e reflexivas de valores éticos, morais, políticos, culturais e econômicos das próprias sociedades que os praticam.

Sendo assim, num primeiro momento voltaremos o nosso foco de atenção para a discussão do papel dos jogos tradicionais e dos esportes na constituição da cultura, buscando entender como estas atividades lúdicas relacionam-se com diversos fatores aparentemente sem relação direta com elas.

Num segundo momento, buscaremos uma breve reconstrução histórica do processo de formação deste esporte contemporâneo, desde seu início "marginal" até os dias de hoje.

Também discutiremos o papel das mídias no desenvolvimento dos esportes modernos e, posteriormente, adentraremos na análise do nosso objeto propriamente dito, que terá como foco principal a quantificação e a exposição de excertos discursivos de programas de entretenimento e jornalísticos que, de alguma forma, fizeram referências ao MMA.

CAPÍTULO I - OS ESPORTES E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DAS SOCIEDADES CAPITALISTAS CONTEMPORÂNEAS

1.1 – Brincadeiras, jogos e esportes: conceitos norteadores

Os jogos sempre fizeram parte da história humana. Por mais que tentemos negar este fato, é difícil não encontrarmos algum tipo de grupamento humano que não os tenha desenvolvido. Seja ocupando papel central no desenvolvimento e manutenção de uma determinada comunidade, no caso dos jogos ritualísticos, ou mesmo sem possuir grandes motivos ou causas “nobres” por trás, a exemplo das brincadeiras mais despreziosas, o jogo em suas mais diversas manifestações é, talvez, uma das atividades mais constantes, ininterruptas, em toda a história.

Estudos científicos voltados para a compreensão do fenômeno jogo, apesar de existirem a algum tempo, ainda carecem de maior atenção e de maior permeabilidade dentro da academia.

A bibliografia disponível voltada para este tema – e aí nos ateremos principalmente às ciências humanas, mais precisamente à que trata dos aspectos culturais dos jogos – considera como um dos pontos iniciais da discussão a obra do holandês Johan Huizinga, que, na década de 1930 busca entender este fenômeno antes praticamente desprezado.

O jogo, para Huizinga, é uma atividade significativa, isto é, encerra um sentido. Quando se joga, “algo está em jogo”, algo que transcende as necessidades imediatas da vida. Um de seus aspectos fundamentais, neste sentido, é o prazer inerente ao ato de jogar, característica esta que, segundo o autor, torna a atividade algo mais do que simples resposta biológica ou fisiológica ao jogo. O prazer demonstra o forte componente estético desta classe de atividades.

Huizinga é um defensor da ideia de que o jogo, enquanto estrutura, é anterior à própria constituição da cultura. Para ele, suas principais características não esperaram o surgimento da humanidade para se mostrarem e ocuparem um papel fundamental no mundo. Para sustentar tal tese, ele apresenta as alegres evoluções dos animais, dos

cachorros, por exemplo, que mediante certo ritual convidam-se uns aos outros para brincar. Eles perseguem-se, mordem as orelhas uns dos outros sem força, sem intenção de machucar, demonstrar alguma superioridade ou mesmo para demarcar território. O que se opera neste momento é a simples vontade de brincar e de obter prazer com a atividade.

Todo jogo significa alguma coisa. Não se explica nada chamando "instinto" ao princípio ativo que constitui a essência do jogo; chamá-lo "espírito" ou "vontade" seria dizer demasiado. Seja qual for a maneira como o considerem, o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência. (HUIZINGA, 2000, P.3)

Os jogos, neste sentido, são encarados como mecanismos capazes de criar um verdadeiro mundo à parte da "realidade" cotidiana: permitem que os homens ressignifiquem o mundo e, de alguma forma, criem um mundo não necessariamente atrelado à natureza. O jogo demonstra que os homens e os animais são muito mais do que simples "máquinas biológicas" que agem de forma pré-estabelecida.

No entanto, o jogo não é entendido unicamente como uma distração, um detalhe, um adorno com o intuito de alegrar a vida. Huizinga sustenta a tese de que o jogo não é apenas um dentre muitos outros elementos *da* cultura, mas sim um elemento fundador *na* cultura. É o que nos traz Édison Gastaldo em sua reflexão sobre o livro *Homo Ludens*:

Em holandês, o nome do livro é *Homo Ludens: proeve eener bepaling van het spelelement der cultuur*, literalmente, "uma demonstração da determinação do elemento lúdico na cultura", bastante diferente de "o jogo como elemento da cultura", na tradução brasileira. Huizinga provavelmente não gostaria desta tradução, pois o que ele deseja é salientar justamente que não se trata de ver o jogo "como elemento da" cultura, como se o jogo fosse um subtema desta, mas antes "a cultura no jogo", pela sua percepção de que é pelo compartilhar comum de regras e limites que a humanidade se humaniza, e que a cultura pode resultar. (GASTALDO, 2012, p. 128)

Para Huizinga, basicamente todas as "instituições" e práticas humanas hoje consolidadas, da filosofia ao direito, passando pela linguagem e pelas trocas

comerciais e até mesmo pela guerra, possuem estreita ligação com o espírito lúdico. Isso não quer dizer que a cultura seja uma espécie de evolução do jogo; o que Huizinga sustenta é que o jogo é um elemento cultural fundador, elemento inseparável dela.

Mas reconhecer o jogo é, forçosamente, reconhecer o espírito, pois o jogo, seja qual for sua essência, não é material. Ultrapassa, mesmo no mundo animal, os limites da realidade física. Do ponto de vista da concepção determinista de um mundo regido pela ação de forças cegas, o jogo seria inteiramente supérfluo. Só se torna possível, pensável e compreensível quando a presença do espírito destrói o determinismo absoluto do cosmos. A própria existência do jogo é uma confirmação permanente da natureza supralógica da situação humana. Se os animais são capazes de brincar, é porque são alguma coisa mais do que simples seres mecânicos. Se brincamos e jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional. (HUIZINGA, 2000, p.6)

Para ele, não devemos nos ater unicamente aos significados do jogo enquanto este transcorre, sobre o que significa para seus jogadores, mas acima de tudo devemos buscar entender os mecanismos e características que o conformam em seus mais diversos aspectos e modos. O jogo não pode ser encarado como uma simples reação mecânica ou biológica a determinados estímulos, como uma espécie simples de distração e de descarga de energia preparadora para o viver. Aceitar uma concepção estritamente biológica, fisiológica, seria justamente negar o aspecto fundamental do jogo, que é o prazer, a tensão e a distensão, enfim, a diversão.

Além do mais, para o jogo existir enquanto tal, ele deve ser essencialmente voluntário, uma atividade fundamentalmente livre. Para se jogar é preciso que os jogadores adiram espontaneamente a ele. Caso contrário, estaríamos diante de qualquer outra coisa que não o jogo.

Seja como for, para o indivíduo adulto e responsável o jogo é uma função que facilmente poderia ser dispensada, é algo supérfluo. Só se torna uma necessidade urgente na medida em que o prazer por ele provocado o transforma numa necessidade. É possível, em qualquer momento, adiar ou suspender o jogo. Jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, e nunca constitui uma tarefa, sendo sempre praticado nas "horas de ócio". Liga-se a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto e no ritual. (HUIZINGA, 2000, P. 10 e 11)

O jogo pertence ao reinado da não seriedade, mas isso não quer dizer que ele não possa ser sério. Por mais que este não altere o mundo natural e, portanto, seja oposto à seriedade, oposto às coisas que estruturalmente mudem o mundo, a brincadeira de uma criança, uma partida de xadrez ou de futebol para seus jogadores ou torcedores não são conduzidas essencialmente de forma engraçada, já possuem muitas vezes enorme potencial de gerar tensão e assumirem uma série de características que impedem que os chamemos de não sérios.

O jogo inaugura tempos e espaços diferentes daqueles que estamos habituados. Ele geralmente transcorre num espaço físico delimitado, reservado para a atividade, local que muitas vezes é elevado à condição de sagrado. Suas regras são outras que as da vida cotidiana, e só existem mediante o consentimento de seus participantes, que têm plena consciência de que o que fazem é um jogo.

Sendo assim, resumidamente, Huizinga diz que o jogo é:

uma atividade livre, conscientemente tomada como 'não-séria' e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de certos limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendências a rodearem-se em segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes" (HUIZINGA, 2000, p. 16)

Ou ainda, numa definição um pouco mais concisa:

(...) o jogo é uma atividade de ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida quotidiana'. (HUIZINGA, 2000, P. 33)

Outro autor que também voltou parte de seus estudos para o papel dos jogos, buscando melhor conceituá-los, foi o sociólogo Roger Caillois, que no fim da década de 1950 propôs uma sociologia baseada nos jogos.

Ora concordando com Huizinga, ora apontando os limites de sua teoria, considerando-a "ao mesmo tempo, demasiado ampla e demasiado restrita", Caillois

buscará melhor destrinchar as características dos jogos, classificando-os segundo quatro categorias fundamentais, que ora se complementam e ora excluem-se umas às outras. Antes de apresentarmos estas quatro categorias fundamentais, traremos a sua definição de jogo (que a nosso ver pouco vem a acrescentar à definição de Huizinga), considerado por ele uma atividade:

- 1- *livre*: uma vez que, se o jogador fosse a ela obrigado o jogo perderia de imediato a sua natureza de diversão atraente e alegre;
- 2- *delimitada*: circunscrita a limites de espaço e de tempo, rigorosa e previamente estabelecidos.
- 3- *incerta*: já que o seu desenrolar não pode ser determinado nem o resultado obtido previamente, e já que é obrigatoriamente deixada à iniciativa do jogador uma certa liberdade na necessidade de necessidade de inventar;
- 4- *improdutiva*: porque não gera nem bens, nem riqueza nem elementos novos de espécie alguma; e salvo alteração de propriedade no interior do círculo de jogadores, conduz a uma situação idêntica à do início da partida;
- 5- *regulamentada*: sujeita a convenções que suspendem as leis normais e que instauram momentaneamente uma legislação nova, a única que conta.
- 6- *fictícia*: acompanhada de uma consciência específica de uma realidade outra, ou de uma franca irrealidade em relação à vida normal." (CAILLOIS, 1990, p. 29)

Após esta classificação mais ampla dos jogos, mostrando a sua capacidade de criar um tempo e um espaço próprios alheios ao da vida corrente, Caillois os distribui em quatro categorias, *agôn*, *alea*, *mimicry* e *ilinx*. Apresentemos brevemente estas quatro categorias:

Agôn – jogos de competição. O espírito que anima esta categoria é o da vontade de vencer. Sua força fundamental é a de, por meio do treinamento, do adestramento, tornar o indivíduo capaz de superar um adversário. O que conta é o mérito de uma vitória limpa, transcorrida dentro de determinados parâmetros e regras do jogo que possibilitem a maior igualdade possível de condições entre os jogadores. O esporte moderno é o representante do *agôn* por excelência. Podem ser incluídas nesta categoria desde as competições não regulamentadas, tais quais as corridas disputadas por crianças, lutas etc, passando pelos jogos de bilhar, damas e xadrez, e abrangendo também as competições mais regradas, desportivas em geral, como o futebol, o vôlei, o boxe, a esgrima etc.

Alea – Nesta categoria lúdica o que conta é a vontade de se abster de qualquer empenho decisório. A vitória ou a derrota serão decisões tomadas pelas “forças do destino”, pela sorte ou pelo azar. Os exemplos mais claros desta categoria são os jogos de loteria e de cassinos. A ideia aqui é deixar que as forças do “sagrado”, sejam elas quais forem, decidam o vencedor. Com a *alea*, ocorre um nivelamento de possibilidades onde nem sempre o mais preparado – isto de nada contará – será o vencedor.

Mimicry – A mimicry pressupõe a simulação, podendo ser exemplificada por uma criança que brinca ser um avião ou um super-herói, ou mesmo por uma peça de teatro, onde os atores assumem outra personalidade. O espírito imperante é o do disfarce, o da máscara, que tem por objetivo central a criação de um universo paralelo de puro simbolismo. Podem ser abrangidas dentro desta categoria as imitações infantis, o ilusionismo, as bonecas e bonecos em geral, as máscaras, os disfarces, e as artes do espetáculo.

Ilinx – Esta categoria tem por espírito animador a vontade do transe, da busca da excitação e da mudança das condições físicas e psíquicas correntes. Em contraposição extrema ao agôn, aqui não é o controle e o treinamento que são valorizados, mas sim a vontade de subverter os sentidos, deixar os instintos mais primevos sobressaírem-se. A vontade imperante é a do descontrole. São exemplos de jogos de vertigem os brinquedos dos parques de diversão, que tem por objetivo único deixar o corpo à mercê das forças físicas, o voo livre, o paraquedismo (desde que não em um contexto de competição), as piruetas infantis, acrobacias etc.

Apresentadas estas quatro categorias básicas dos jogos, o autor adentra, em seguida, em outro ponto fundamental da classificação destes jogos, que diz respeito ao “grau” de liberdade e de controle destas atividades, seu grau de institucionalização e sua subsequente incorporação cultural. Para Caillois, os jogos contemplados nas quatro categorias podem ser balizados por duas características básicas, a *paidia* e o *ludus*.

A *paidia* corresponde a um maior grau de liberdade dos movimentos e da ação. Busca-se brincar, divertir-se, levar o corpo e a mente ao êxtase sem grandes

pretensões, pela simples vontade do divertimento. As brincadeiras infantis, de modo geral, são encerradas dentro desta categoria.

A outra força imperante nos jogos é o *ludus*, esta já representando um maior grau de institucionalização, tornando-os verdadeiros elementos presentes e valorizados, muitas vezes fundamentais no processo de desenvolvimento de algumas sociedades. São exemplos deste grau de institucionalização, de civilização, as competições esportivas, o teatro, os rituais etc.

De forma esquemática, reproduziremos um quadro do livro¹ de Caillois que resume este esquema classificatório dos jogos:

	AGÔN (competição)	ALEA (sorte)	MIMICRY (simulacro)	ILINX (vertigem)
PAIDIA	corridas	Lengalengas	Imitações infantis	"piruetas" infantis
Algazarra	Lutas	Cara ou coroa	Ilusionismo	Carrocel
Agitação	etc		Bonecas, brinquedos	Balanço
risada	Atletismo	Apostas	Máscara	Valsa
papagaio		Roleta	Disfarce	<i>Volador</i>
"solitário"	Boxe			Atrações das
Paciência	Esgrima	Loterias simples,	Teatro	feiras
Palavras-	Futebol	compostas ou	Artes do espetáculo	Ski
cruzadas		transferidas	em geral	Alpinismo
LUDUS	Competições desportivas em geral			Acrobacias

N.B – Em cada coluna vertical os jogos são classificados aproximadamente numa ordem tal que o elemento *paidia* é sempre decrescente, enquanto que o elemento *ludus* é sempre crescente.

Numa primeira olhada pouco atenta, tal classificação poderia nos parecer uma simples categorização anódina, que pouco ou nada teria a acrescentar aos fundamentos dos jogos. No entanto, e aí que a teoria de Caillois ganha monta, estas categorias servem de base, de fundamentação, para uma verdadeira análise do rumo das sociedades, de diversas fases do desenvolvimento das culturas.

A teoria proposta por Caillois, a sua sociologia a partir dos jogos (e não uma sociologia dos jogos), busca compreender quais as relações estabelecidas entre os

¹ CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Cotovia: Lisboa, 1990. O quadro pode ser visto na página 57 deste livro.

tipos de jogos desenvolvidos em determinadas sociedades e o seu papel na formação do solo cultural da mesma.

Antes de partirmos para a apresentação desta teoria, para uma maior explanação desta íntima relação entre os jogos e as diversas sociedades humanas, cabe mais uma vez voltarmos às quatro categorias acima apresentadas. Desta vez, o objetivo é mostrar como algumas destas categorias combinam-se de forma ideal e como outras jamais podem estabelecer uma correlação profícua, incorrendo no risco de eliminação de uma pela outra. Entendamos melhor o que o autor propõe:

Para ele *agôn* e a *ilinx* são categorias que jamais se misturam. Quer dizer, caso uma delas exista, a outra deixaria de existir. O *agôn* pressupõe o autocontrole, o treinamento. Já a *ilinx* pressupõe a perda do controle, a liberação do corpo e a busca do transe incontrolável. São, logo, categorias incompatíveis. Reflitamos sobre um salto de paraquedas: se tomarmos como exemplo uma competição de paraquedismo onde os competidores buscam estabelecer alguma marca, superar algum recorde. A força que os mantém unidos, que faz com que o jogo exista, é a vontade da vitória e de superação, é a busca de condições ideais de competição com o intuito de observar qual dos participantes possui as qualidades físicas e mentais exigidas para o estabelecimento de uma nova marca, um novo recorde. Por outro lado, se pensarmos em uma pessoa "comum", alguém sem nenhum tipo de treinamento específico e que, durante um final de semana decida juntamente com alguns amigos aventurar-se em um salto, nos depararemos com outra categoria de jogo, regida por características distintas da anterior. O que impera, neste caso, é a vontade de sentir a adrenalina, de deixar o corpo à deriva no ar, por pura diversão, por pura vontade de, alguma forma, perder o controle parcial da situação, tornar-se "refém" das forças físicas e da natureza. Não se objetiva o vencer da mesma forma que no *agôn*, não existe nenhum oponente, seja ele real ou imaginário (a não ser o próprio medo), não existe nenhuma marca a ser batida, nenhum recorde a ser conquistado.

Outras categorias que não se combinam são a *Alea* e a *Mimicry*. Segundo Cailliois:

A simulação e a sorte também não parecem mais susceptíveis da menor das conviências. Com efeito, a existência da artimanha torna escusada a auscultação da sorte. A tentativa de ludibriar a sorte não

tem qualquer sentido. O jogador pede uma decisão que o certifique de que é, incondicionalmente, bafejado pela sorte. Na altura em que a solicita, o jogador não está a minar um personagem estranho, nem a acreditar ou a fazer acreditar que é outro que não ele. Além do mais, e por definição, nenhuma simulação pode iludir o destino. A *alea* supõe um total abandono ao arbítrio da sorte, uma demissão contrária ao subterfúgio e ao disfarce. De outra forma, entrar-se-ia no domínio da magia – tratar-se-ia de interferir no destino. Como há pouco, o princípio do *agôn*, era destruído, pela vertigem é agora a vez de ser destruído o da *alea*, e, a bem dizer, deixa de haver jogo. (CAILLOIS, 1990, p. 94 e 95)

Por outro lado, algumas categorias combinam-se muito bem: *agon* e *mimicry*, *alea* e *ilinx* funcionam na mais plena simbiose.

Importa aqui apenas salientar que o mesmo *ilinx*, que destruída o *agôn*, não impossibilita a *alea*. Paralisa o jogador, fascina-o, enlouquece-o, mas não o leva a violar as regras do jogo. Pode até afirmar-se que o submete mais às decisões da sorte e o persuade a entregar-se-lhes em pleno. (...)

Entre o *agôn* e a *mimicry* existe uma conjunção semelhante. Tive a oportunidade de salientar que toda a competição é, em si mesma, um espetáculo. Decorre segundo regras idênticas e na expectativa do resultado final. Exige a presença de um público que acorra às bilheterias do estádio ou do velódromo, tal como faz para o teatro ou o cinema. (CAILLOIS, 1990, p. 95)

No entanto, algumas categorias são, na visão de Caillois, fundamentais. Não apenas por suas semelhanças, mas sim por suas diferenças que, de tão gritantes, acabam por aproximá-las pelos extremos. Vejamos:

Agôn e Alea, a este nível, ocupam o domínio da regra. Sem regras, não há competições nem jogos de azar. Num polo oposto, *mimicry* e *ilinx* supõem ambos um mundo desordenado onde o jogador está constantemente a improvisar a uma fantasia transbordante e a uma inspiração soberana, nenhuma delas reconhecendo código algum. Há pouco, no *agôn* o jogador confiava nas suas reservas de vontade, enquanto que na *alea* renunciava a elas. Agora a *mimicry* supõe, naqueles que a ela se entregam, a consciência da farsa e da simulação, enquanto que é próprio da vertigem e do êxtase abolir toda a consciência. (CAILLOIS, 1990, p. 96)

Mais ainda:

As combinações da *alea* e do *agôn* são um jogo da vontade a partir da satisfação experimentada ao vencer uma dificuldade arbitrariamente concebida e voluntariamente aceita. A aliança da *mimicry* e do *ilinx* permite uma fúria inexprimível, total, que, nas suas formas mais claras, aparece como o contrário do jogo, ou seja, como uma indescritível metamorfose das condições de vida. A convulsão que assim se provoca, por não ter sinais visíveis, parece triunfar largamente em termos de autoridade, valor e intensidade, sobre o mundo real, tal como o mundo real triunfa sobre as atividades formais e jurídicas, previamente resguardadas, que são os jogos submetidos às regras complementares do *agôn* e da *alea* e que estão, esses sim, perfeitamente demarcados. A simbiose da simulação e da vertigem é tão poderosa, tão irremediável que se insere naturalmente na esfera do sagrado e fornece previamente um dos principais impulsos para a mistura de terror e fascínio que define esse nível do sagrado. (CAILLOIS, 1990, p. 97)

A partir destas combinações fundamentais – *agôn* e *alea*; *mimicry* e *ilinx* – Caillois buscará entender como as características dos jogos e das sociedades que os jogam estão imbricadas de forma bastante profunda. Referindo-se a Huizinga, que acreditava que a cultura em suas mais diversas formas nasce do jogo, Caillois relativiza esta concepção. Para ele, não poderemos jamais saber onde começa um e onde termina o outro, ou seja, quem precedeu quem, se a cultura desenvolve-se mediante seus jogos ou se alguns tipos de jogos desenvolvem-se por conta de algumas características culturais específicas.

O importante na teoria de Caillois, no entanto, não é fazer esta discussão, que para ele pouco ajuda a compreender as relações entre os jogos e a cultura. As duas categorias, apesar de pertencerem a “mundos” diferentes, são inseparáveis. O que vale é saber que existe uma profunda relação entre os jogos e as características dominantes das sociedades.

Para sustentar a sua argumentação, Caillois buscará nas sociedades ditas “primitivas” suas principais características e formas de desenvolvimento e interação social, as suas forças de poder e de coesão, buscando relacioná-las a seus princípios lúdicos predominantes.

O autor sustenta que, nestas sociedades, o poder era mantido por uma combinação poderosa entre a máscara e a vertigem, ou seja, entre a *mimicry* e *ilinx*. Os rituais de possessão, a utilização de máscaras que simbolizavam os espíritos dos ancestrais – que muitas vezes eram tomadas como sendo os próprios espíritos -, eram

as fontes de onde todo o poder emanava. Por meio de um jogo de diferenciação entre os iniciados e os não iniciados, entre a casta dos que dominam os segredos da máscara e dos rituais – o segredo de saber que as máscaras e a possessão são, na verdade, artefatos humanos – ocorre que os que não tem acesso a esta liturgia oculta acabam por acatar os ditames daqueles que, ao entrarem em contato com os espíritos, dizem o que é certo e o que é errado, ditam os rumos daquela comunidade.

A máscara simula, lança os membros da sociedade num mundo de transe, nitidamente oposto ao da vida corrente, mas pleno de capacidade de influir nas estruturas sociais, de mantê-las e até mesmo de criá-las.

No entanto, em algum momento de difícil precisão histórica, algumas destas sociedades “primitivas” paulatinamente desprendem-se desta relação transcendental, pelo menos como força central de coesão, e iniciam uma nova forma de organização e de distribuição do poder.

O que ocorre é um crescente abandono da mimicry e da ilinx enquanto estruturas mantenedoras dos laços sociais e subsequente adoção de outros parâmetros, do agôn e da alea. Esta passagem, apesar de despertar pouco interesse de início, influenciará de forma profunda nestas sociedades, as reconfigurando de diversas maneiras.

Ao deixar de lado o aspecto da transcendência - da simulação e da vertigem, do jogo de esconde-esconde entre os que conhecem os segredos da máscara e os que temem os indivíduos detentores deste saber-, e adotar a competição, ou seja, a equidade de condições numa disputa como parâmetro imperante, a sociedade pode dar um passo rumo à institucionalização.

O reinado da mimicry e da ilinx, enquanto tendências culturais reconhecidas, prestigiadas, dominantes, está, com efeito, condenado a partir da concepção do Cosmos, ou seja, de um universo ordenado e estável, sem milagre nem metamorfose. Esse universo aparece como o domínio da regularidade, da necessidade, da medida, em suma, do número. (CAILLOIS, 1990, p. 129)

Com o advento da concepção de que o mundo pode, de alguma forma, ser controlado, que a sua dinâmica segue algumas normas e leis, que apesar de estar

constante mutação ele possui certa regularidade, as sociedades passam a valorizar o trabalho, a vontade de modificar este mundo, de transformá-lo de acordo com as suas vontades e necessidades. Os homens não mais se pensam como plenos reféns dos Deuses, criaturas estas que devem ser aduladas e adoradas constantemente mediante certos rituais para que o cosmos mantenha seu relativo equilíbrio, mas sim como seres minimamente capacitados para se organizarem e planejarem o seu desenvolvimento e crescimento enquanto sociedade.

Ao dar este passo, ao não enxergarem-se mais como reféns, mas sim como indivíduos capacitados para modificar a ordem das coisas, o mérito, o treinamento e a competição justa entre os membros da sociedade são tomadas, ao menos ideologicamente, como as condições ideais de desenvolvimento da civilização.

Para ele, esta forma de conceber a natureza mundana reflete-se no desenvolvimento das instituições, no surgimento de uma máquina administrativa, de uma organização burocrática que, reafirmamos, ao menos no nível discursivo-ideológico, define que a competição dentro de parâmetros mormente justos, como os concursos públicos, por exemplo, permitem a todos os membros da sociedade participarem, caso queiram, das estruturas organizacionais e de poder, possibilita que os mais aptos sejam incorporados nas esferas decisórias.

É paralelo ao surgimento da máquina administrativa, dos concursos públicos, o maior espaço ocupado nestas sociedades pelos jogos de competição e de sorte.

Ainda segundo Caillois, outro passo fundamental para a consolidação da civilização, além da ruptura do transe como elemento fundamental da coesão social, é a busca da atenuação dos efeitos da *alea* nas sociedades. Quer dizer, dar espaço para que o empenho e o mérito individuais contrabalancem esta verdadeira loteria da vida, que pode muito bem determinar o futuro e as condições dos seres humanos. Faz parte da *alea* o nascimento, se será nascido em “berço de ouro”, em família abastada ou, pelo contrário, nascido numa família pobre; se terá as aptidões físicas e mentais adequadas para a realização de determinada atividade e por aí vai.

O *agôn* é tomado como a única forma possível de tentar atenuar os efeitos da *alea*.

Devido aos seus princípios e, cada vez mais, devido às suas instituições, as sociedades modernas tendem a alargar o domínio da competição regulamentada, ou seja, do mérito, em detrimento do domínio do nascimento e da herança, ou seja, do acaso. Tal evolução agrada à justiça, mas também à razão e à necessidade de aproveitar ao máximo os talentos. Eis o motivo pelo qual os políticos reformadores realizam um esforço sem tréguas para conceber uma concorrência mais equitativa e para apressar a respectiva implementação. Mas os resultados de sua acção continuam escassos e desoladores. Além do mais, parecem longínquos e improváveis. Até lá, e mal atinge a idade de poder refletir, o indivíduo facilmente compreende que é tarde e que os dados estão lançados. Está encerrado na sua condição. O mérito talvez permita melhorá-la, mas nunca sair dela, nem nunca modificar radicalmente a sua forma de viver. É daí que deriva a nostalgia de 'cortar caminho', de soluções imediatas que ofereçam a perspectiva de um sucesso rápido, ainda que relativo. Uma perspectiva deste tipo deve ser solicitada à sorte, já que a dedicação e a qualificação são impotentes para tal busca. (CAILLOIS, 1990, p. 136)

Portanto, *agôn* e *alea* contrabalanceiam-se, regulamentam-se: uma é a válvula de escape da outra, uma é a negação plena da outra. Para subverter a sorte, o adestramento e o empenho. Para superar o outro que possui as melhores condições e aptidões, um grande golpe de sorte.

Obviamente que este processo, assim como qualquer outro processo histórico colocado em marcha, jamais pode ser tomado como pleno, como uma ruptura brusca que, de uma hora para a outra inaugura uma nova ordem das coisas. Mesmo em situações e sociedades onde a razão, a competição, o mérito e a sorte tenham se sobressaído, algumas marcas da "antiga" ordem ainda se fazem bastante presentes. Podemos trazer como exemplo genérico o fato de que, na maior parte das sociedades contemporâneas que possuem a figura do Estado moderno como força central da coesão social também existam inúmeras formas organizativas comunais que valem-se de aspectos da transcendência como principal força aglutinadora, a exemplo das mais diversas religiões.

1.1.1 – Definições de Esporte

Vale neste ponto da discussão sobre os jogos buscar entender brevemente um outro conceito fundamental, o conceito de esporte. Muito falamos dos jogos e dos

esportes, basicamente sem efetuar qualquer distinção entre um termo e outro. Estes termos, muitas vezes tomados como sinônimos na linguagem cotidiana, necessitam de maior detalhamento dentro dos limites de uma investigação científica. Pois bem, devemos então responder a pergunta: o que diferencia o termo jogo do termo esporte?

Brevemente, podemos responder a esta questão com uma “fórmula” contingente: todo esporte é um jogo, mas nem todo jogo é um esporte. Atentemo-nos então ao que faz com que os esportes sejam uma sub-categoria dos jogos.

A despeito da vulgarização do termo esporte, ao nos utilizarmos desta palavra para a descrição de uma atividade física, tomaremos o conceito elaborado por Valdir Barbanti.

Esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos. (BARBANTI, 2006, p. 57)

A breve definição de Barbanti, assim sustentada pelo autor, tem apenas a força de baliza a ser seguida para a melhor compreensão da atividade. Observemo-la melhor, destrinchando suas características:

atividade competitiva (o jogo exclui as encenações e as brincadeiras infantis não competitivas, por exemplo);

institucionalizada (caso não exista um relativo grau de controle e de regulamentação desta atividade, a exemplo de uma federação que regulamente de forma estrita as regras de uma modalidade, esta não poderá ser considerada esporte. Exemplo: uma “pelada” entre amigos num final de semana que não obedeça a regras estritas - não seja regulamentada de forma oficial por alguma instituição detentora de tal poder – jamais poderá ser considerada um esporte, mesmo que a linguagem cotidiana não faça tal distinção. Será considerada uma atividade recreativa, um jogo, ou até mesmo “esporte de recreação” - terminologia defendida por alguns outros teóricos da educação física-, mas não será considerado um esporte no sentido estrito do termo, ou para não deixar dúvidas, o esporte profissional de alto rendimento.)

esforço físico vigoroso ou uso de habilidades motoras relativamente complexas (esta definição exclui outras atividades competitivas da categoria esporte, a exemplo dos jogos de tabuleiro, como o xadrez e a damas, e os jogos de cartas);

participação motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos (entram nesta combinatória os fatores individuais que fazem com que determinada pessoa escolha ou não praticar determinada modalidade. Tomemos como exemplo um garoto da periferia de uma cidade brasileira que sonha em ser jogador profissional de futebol: poderemos citar como exemplo de motivação intrínseca a vontade de ser reconhecido, de dar um futuro melhor a sua família por meio desta atividade profissional. Exemplo de motivação extrínseca seriam as histórias de superação contadas quase que diariamente nos meios de comunicação de massa, que fazem com que o garoto inspire-se em outros que, em algum momento de suas vidas, comungavam de sua mesma condição, a de garoto periférico com talento com a bola.)

Outra forma de mostrar as diferenças entre as atividades lúdicas e as esportivas, assim como fez Caillois, é tomar como medida o grau de institucionalização destas atividades. Neste sentido, alguns autores optam por uma definição mais segmentada, a de brincadeiras, jogos e esportes. Segundo Klaus Meier (in Calhoun W. Donald):

All sports are games,
Not all games are sports
Sports and games may or not be play,
Sports and games are play if voluntarily pursued for intrinsic rewards,
Sports and games are non-play if involuntarily pursued or
participated in for extrinsic rewards,
Play may take forms other than sport and games (MEIER, K in
CALHOUN, W. D, 1987, P. 56)²

Pois bem, efetuamos esta distinção para, agora, adentrarmos nas condições de surgimento do esporte moderno. A definição acima nos ajuda a compreender que, a partir de agora quando nos referimos a uma atividade enquanto esporte, queremos dizer, basicamente, que falamos do esporte profissional de alto rendimento.

² **Tradução livre:** Todos os esportes são jogos; nem todos os jogos são esportes; Esportes e jogos podem ou não serem brincadeiras; Esportes e jogos podem ser brincadeiras se buscados voluntariamente para a obtenção de recompensas intrínsecas; Esportes e jogos são não-brincadeiras quando involuntários ou quando a participação é pautada por recompensas extrínsecas; A brincadeira pode assumir formas outras dos jogos e dos esportes.

Retomemos, então, o que expusemos até o momento: começamos com Huizinga para demonstrar a fecundidade do jogo enquanto elemento fundamental e inseparável na constituição da cultura e no desenvolvimento das sociedades humanas. No mesmo trajeto, expusemos as classificações de Roger Caillois buscando evidenciar como as principais características de determinadas sociedades humanas refletem-se e são influenciadas pelo próprio “formato” dos jogos que praticam. Caillois defende que a mudança do par mimicry-ilinx para o par agôn-alea enquanto estruturas lúdicas – mas mais do que isso, estruturas próprias das atividades de não-ócio – modificaram profundamente estas sociedades, fazendo-as sair de um estado “primitivo” e iniciar um processo rumo à institucionalização, rumo à civilização.

1.2 O papel civilizador dos jogos e esportes

Em se tratando deste processo rumo à estruturação do que convencionamos chamar de civilização, apresentando a nosso ver grandes ligações com as teorias de Caillois, os autores Norbert Elias e Eric Duning em “**Deporte y ócio en el proceso de la civilizacion**” buscam entender como as sociedades passaram de uma forma mais desregrada de conduta dos hábitos para uma forma mais palaciana de relação entre os indivíduos, dando especial atenção aos esportes, pensados como inseridos dentro deste mesmo amplo processo civilizador. O foco central dos ensaios contidos neste livro é voltado à discussão de como a violência muitas vezes presente na disputa – e na sociedade em geral, nas relações entre seus membros - vai sofrendo uma série de depurações até praticamente dissolver-se, ao menos enquanto conduta incentivada de forma oficial. Por este prisma, comungando com Huizinga e Caillois, os jogos não podem ser entendidos como situados fora da sociedade; o fundamental é entender os jogos dentro de seu contexto de surgimento e valorização, evidenciando suas principais características e suas relações estabelecidas extra campo.

Para melhor entender as bases deste processo de civilização e de depuração da violência nas competições e na vida cotidiana, Elias lançará uma pergunta bastante pertinente: por que o modelo de esporte tal qual o conhecemos hoje teve origem nas altas classes inglesas ao longo do século XVIII? Qual a conjuntura que permitiu o

surgimento e a valorização deste modelo de competição e a sua rápida disseminação para os outros países ocidentais?

Para ele, o desenvolvimento do esporte contemporâneo deve ser buscado como reflexo da própria estrutura de poder inglesa. O surgimento das competições esportivas pautadas pelo regramento e controle da violência manifesta, segundo Elias, estava relacionado com o fim de um ciclo de violência iniciado em 1641, por ocasião da deposição do Rei Carlos I pelo puritano Cromwell. Findas as revoluções chamadas Puritana e Gloriosa (1688) e subsequente instauração de uma monarquia parlamentar, a violência das ruas foi sendo paulatinamente atenuada e as disputas religiosas e políticas ganharam um novo espaço: o parlamento. Segundo Elias:

Dado que las tensiones continuas constituyen una parte integral de cualquier régimen parlamentario, en el que se libran numerosas batallas no violentas según reglas firmemente establecidas, el nivel de tolerancia a las tensiones como parte del *habitus* social de un pueblo tiene que afectar de alguna manera el funcionamiento de un régimen de tal naturaleza.

En este sentido, hay cierto grado de afinidad entre un régimen parlamentario y los juegos deportivos. Esta afinidad no es accidental. Ciertos tipos de actividades recreativas, entre ellos la caza, el boxeo, las carreras y algunos juegos de pelota, se convirtieron en deportes y, de hecho, así fueron llamados por primera vez, en Inglaterra durante el siglo XVIII, es decir, justamente cuando las antiguas asambleas nacionales, la Cámara de los Lores y la Cámara de los Comunes, que representaban a secciones pequeñas y privilegiadas de la sociedad, convirtieron en el principal campo de batalla en el que se decidía quién debía formar gobierno. (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 41)³

No entanto, mais do que a simples formação do parlamento, outra característica fundamental na constituição desta forma de governo foi a distribuição

³ Tradução livre: Dado que as tensões contínuas constituem uma parte integral de qualquer de qualquer regime parlamentar, no qual ocorrem numerosas batalhas não violentas segundo regras firmemente estabelecidas, o nível de tolerância às tensões como parte do *habitus* social de um povo deve afetar, de alguma maneira, o funcionamento de um regime de tal natureza. Neste sentido, há certo grau de afinidade entre um regime parlamentar e os jogos esportivos. Esta afinidade não é accidental. Certos tipos de atividades recreativas, entre elas a caça, o boxe, as corridas e alguns jogos com bola, converteram-se em esportes e, de fato, assim foram chamados pela primeira vez, na Inglaterra durante o século XVIII, ou seja, justamente quando as antigas assembleias nacionais, a Câmara dos Lordes e a Câmara dos Comuns, que representavam a parcelas pequenas e privilegiadas da sociedade, converteram-se no principal campo de batalha no qual se decidia quem deveria fazer parte do governo.

do poder. No caso inglês, diferentemente de outros países do continente europeu, a exemplo da França, a distribuição de poder não estava nas mãos de classes distintas, mas sim na mão de uma mesma classe detentora de terras, porém com alguns interesses e direcionamentos políticos distintos (Whigs e Tories). Tanto a Câmara dos Lordes quanto a Câmara dos Comuns eram majoritariamente dominadas por proprietários de terras, de maior extensão naquela casa do que nesta. Portanto, a disputa de poder deu-se entre facções de uma mesma classe social, o que de alguma forma facilitou o entendimento e a elaboração de um jogo político mais “respeitoso”, permitindo uma alternância de poder e consequente detenção temporária da máquina Estatal de forma a não buscar eliminar a outra parte disputante. “Puede decirse que el surgimiento del deporte en Inglaterra durante el siglo XVIII fue parte integrante de la pacificación de las clases altas de este país.” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 44)

Decorre que este “impulso civilizador”, como chama Elias, que gerou uma atenuação dos enfrentamentos violentos entre as classes altas inglesas, refletiu-se também em seus passatempos. Não existindo divisões entre a aristocracia rural e uma aristocracia urbana, como no caso da França, o que ligava o ambiente rural e o ambiente das cidades era a chamada “temporada londrina”, onde os membros da alta classe desfrutavam do ambiente urbano, desenvolvendo uma série de jogos, a exemplo do críquete, que combinavam a conduta parlamentar com a realização do jogo ao ar livre, fundindo num mesmo jogo aspectos rurais e urbanos.

Outro aspecto fundamental para a compreensão do desenvolvimento do esporte é a formação dos clubes. Em muitas outras monarquias europeias, o direito da livre associação, quando não proibido, era ao menos estranho. No caso inglês, o que ocorre é justamente o oposto.

En el desarrollo del deporte fue fundamental la formación de estos clubes, creados por personas interesadas ya fuese como espectadores ya como participantes. En el nivel previo al del deporte, pasatiempos como la caza o diversos juegos de pelota se regulaban de acuerdo con las tradiciones locales, distintas con frecuencia de una localidad a otra. Tal vez algún parroquiano de más edad, quizás un padrino o patrocinador de la villa, se encargaba de vigilar que la joven generación observara las costumbres tradicionales; tal vez nadie lo hacia. (ELIAS & DUNNING, 1992 p. 53)⁴

⁴ Tradução livre: No desenvolvimento do esporte, foi fundamental a formação destes clubes, criados por pessoas interessadas seja como espectadores seja como participantes. Anteriormente aos esportes, passatempos como a

A formação destes clubes é fundamental para o desenvolvimento do esporte moderno na medida em que passam a organizar competições supralocais. Para a existência destas competições, regras mais estritas precisaram ser criadas, garantindo certa uniformidade fundamental para que as partidas pudessem transcorrer sem resquícios de regras locais.

El acuerdo sobre las reglas a imponer en este nivel superior de integración y, en caso de que tales reglas no fuesen totalmente satisfactorias, el acuerdo de cambiarlas fue una condición de primer orden para el paso de un pasatiempo a un deporte. El acuerdo sobre un marco de reglas y de costumbres sociales relacionados con el juego iba generalmente del brazo con el desarrollo de un organismo de supervisión que se encargaba del cumplimiento de las reglas y proporcionaba árbitros para los partidos cuando había necesidad de ellos. Era el primer paso en el camino hacia un desarrollo que hoy se considera en general como un hecho consumado y para el que, en consecuencia faltan los conceptos adecuados. Los diversos deportes, podríamos decir, comenzaron a asumir un carácter propio que se impuso en la gente que los practicaba. (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 53)⁵

Vale ressaltar que, assim como Caillois, Elias não enxerga necessariamente o processo de parlamentarização como causa da “esportivização” dos passatempos das classes altas inglesas, mas sim que ambas as atividades são fruto de um mesmo contexto.

No puede decirse que en tal caso la parlamentarización de las antiguas cámaras de los Lores y de los Comunes fuera la causa y el

caça ou diversos jogos com bola regulavam-se segundo as tradições locais, frequentemente diferentes entre uma localidade e outra. Talvez algum paroquiano de mais idade, um patrono ou membro importante da vila, se encarregava em vigiar que a geração mais jovem seguia devidamente aos costumes tradicionais. Tal vez ninguém o fizesse.

⁵ **Tradução livre:** O acordo sobre as regras a serem impostas neste nível superior de integração e, no caso em que tais regras não fossem totalmente satisfatórias, o acordo de alterá-las, foi uma condição fundamental para a passagem de um passatempo a um esporte. O acordo sobre um marco legal e de costumes sociais relacionados ao jogo iam geralmente de mãos dadas com o desenvolvimento de um organismo de supervisão que encarregava-se do cumprimento das regras e que proporcionava os árbitros para as partidas quando eram solicitados. Era o primeiro passo no caminho rumo a um desenvolvimento que hoje se considera, em geral, como um fato consumado para o qual, em consequência, faltam os conceitos adequados. Os diversos esportes, podemos dizer, começaram a assumir um caráter próprio que se impôs às pessoas que os praticavam.

deporte el efecto. Ambos, el deporte y el Parlamento, tal como nacieron en el siglo XVIII, tipificaban el mismo cambio en la estructura de poder de Inglaterra y en los hábitos sociales de la clase que surgió de las luchas precedentes como el grupo gobernante. (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 55)⁶

Se está relativamente claro o contexto de formalização das atividades lúdicas antes menos regradas e sua subsequente transformação em esporte, resta entender, nesta passagem de uma relativa liberdade para uma institucionalização das regras, quais os traços e vontades empenhados nos jogos que mantêm-se ao longo do tempo e, por outro lado, quais traços são modificados por meio da própria reformulação das atividades lúdicas. De outro modo, devemos buscar entender como o jogar e o fazer parte do jogo foram modificados por este processo rumo à institucionalização.

Para Elias, o processo civilizador é, em suma, um processo de aprendizado do autocontrole. Partindo do pressuposto de que somos seres com instintos, forças libidinosas, sentimentos nem sempre considerados “positivos”, ele defende que precisamos de mecanismos para dar vazão a esta condição. No entanto, esta vazão não pode ser “natural”, mas sim mediada. Daí a necessidade do desenvolvimento de outras formas, de outros mecanismos que permitam que esta tensão armazenada nos indivíduos – seja ela um impulso interno ou decorrente da própria sociedade em que ele está inserido – seja eliminada de forma controlada.

En otras palabras, el aprendizaje del autocontrol es un universal humano, una condición común de la humanidad. Sin ella, las personas, como individuos, no lograrían convertirse en seres humanos y, como sociedades, se desintegrarían con rapidez. Lo que puede variar, lo que de hecho ha cambiado durante el largo proceso de desarrollo de la humanidad, son las normas sociales de autocontrol y la manera en que se las hace funcionar y adaptarse al potencial natural en cada uno para retrasar, suprimir, transformar, en resumen, controlar de diversas maneras las pulsiones elementales y demás sentimientos espontáneos. (...) De hecho, los cambios de este tipo constituyen la médula estructural de este proceso

⁶ Tradução livre: Não podemos dizer que em tal caso a parlamentarização das antigas câmaras dos Lordes e dos Comuns foi a causa e o esporte o efeito. Ambos, o esporte e o Parlamento, tal como nasceram no século XVIII, tipificavam a mesma mudança na estrutura de poder da Inglaterra e nos hábitos sociais da classe que surgiu das lutas precedentes como grupo dominante.

demostrable así como de los más breves estallidos civilizadores o de-civilizadores que pueden observarse. No existe pues, en el desarrollo social de la especie humana, un punto cero de civilización, un punto que nos permita decir: fue aquí donde terminó la barbarie absoluta y aquí donde comenzó la vida civilizada entre los seres humanos. En otras palabras, un proceso civilizador es un proceso social sin comienzo absoluto. La secuencia de cambios puramente sociales sin transformaciones biológicas conocidas en la especie, tuvo lugar sin discontinuidad absoluta como secuela de una evolución biosocial y, en definitiva, biológica. A diferencia de la última, el proceso civilizador, igual que otras secuencias sociales de cambio en una dirección determinada, puede dar marcha atrás. Un proceso civilizador puede ir seguido, incluso acompañado, por vigorosos movimientos en la dirección contraria, por procesos de-civilizadores. (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 61)⁷

Retomaremos esta discussão sobre a possibilidade de um retrocesso da conduta tomada por civilizada e a adoção de uma conduta mais próxima da barbárie quando entrarmos mais especificamente na discussão do MMA enquanto esporte contemporâneo. Por ora, o que nos interessa é entender o processo que conduziu à formação dos esportes, da passagem de meros jogos recreativos à sua completa institucionalização, assumindo um papel central nas sociedades contemporâneas não apenas enquanto atividade a ser desfrutada em tempo livre, mas inclusive utilizada enquanto ferramenta educacional e até mesmo, discursivamente, como mantenedora da boa saúde física das populações.

Para Elias, o processo civilizador é, em suma, um processo de controle. No entanto, este grau de controle não poderá jamais ser medido de forma quantitativa, não podemos simplesmente afirmar que determinada atividade, seja ela uma atividade ligada ao ócio ou ao tempo de trabalho, possa ser quantificada enquanto

⁷ **Tradução livre:** Em outras palavras, a aprendizagem do autocontrole é uma constante humana, uma condição comum da humanidade. Sem ela, as pessoas, como indivíduos, não conseguiriam converterem-se em seres humanos e, como sociedades, desintegrar-se-iam com rapidez. O que pode variar, o que de fato muda durante o amplo processo de desenvolvimento da humanidade, são as normas sociais de autocontrole e a maneira da qual estas funcionam e adaptam-se ao potencial natural de cada um para retardar, suprimir, transformar, em resumo, controlar de diferentes maneiras as pulsões elementares e demais sentimentos espontâneos. (...) De fato, as mudanças deste tipo constituem a espinha dorsal deste processo demonstrável assim como dos mais breves estallidos civilizadores e “de-civilizadores” que podem ser observados. Não existe, pois, no desenvolvimento social da espécie humana, um ponto zero de civilização, um ponto que nos permita dizer: foi aí onde terminou a barbárie absoluta e aqui onde teve início a vida civilizada entre os seres humanos. Em outras palavras, um processo civilizador é um processo social sem começo absoluto. A sequência de mudanças puramente sociais sem transformações biológicas conhecidas na espécie, teve lugar sem descontinuidade absoluta como consequência de uma evolução biosocial e, em definitivo, biológica. A diferença da última, o processo civilizador, assim como outras sequências sociais de mudança em determinada direção, pode dar marcha à ré. Um processo civilizador pode ir seguido, inclusive acompanhado, por vigorosos movimento na direção oposta, por processos de-civilizadores.

mais ou menos controlada. Para o autor, devemos entender este processo enquanto um esquema de inter-relação entre os indivíduos, devemos entender como estas relações são figurativizadas.

(...) cuando décimos que las luchas parlamentarias o los deportes requerían más autocontrol que las luchas políticas del período precedente, reguladas con menos rigor y a menudo más violentas, no nos referimos a un cambio en la cantidad de autocontrol de cada individuo aislado, que no podríamos imaginar susceptible de ser medida; ni tampoco a un cambio cualitativo de los seres humanos que formaron entre sí figuraciones tales como un Parlamento o un equipo de críquet, que demostrablemente se regulaban con más severidad que las que les precedieron y que demandaban de sus miembros un control más riguroso, uniforme y estable de si mismos. (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 64)⁸

No entanto, pese que mesmo que algumas atividades não incluídas dentro da categoria ócio, tais como as próprias batalhas políticas, possam de alguma forma gerar tensão, excitação, entre os seus partícipes, as atividades miméticas⁹ em geral - e aí incluímos tanto as representações teatrais, as apresentações musicais e os esportes - são pensadas como os mecanismos geradores de tensão por excelência, ou seja, fica reservado mormente ao ócio os elementos “não-rationais” da existência humana.

Apesar de todas estas atividades miméticas compartilharem desta característica, a excitação e a subsequente liberação catártica, os esportes tendem a ser, dentre todas elas, a que mais possibilita um descontrole controlado das emoções. Elias exemplifica isto mostrando como, num concerto de música erudita, por exemplo, os costumes criaram uma série de padrões de conduta e de controle no que tange à demonstração das emoções dos espectadores quando, ao fim de um ato – quando a

⁸ Tradução livre: Quando dizemos que as lutas parlamentares ou os esportes requeriam mais autocontrole do que as lutas políticas do período precedente, reguladas com menor rigor e também mais violentas, não nos referimos a uma mudança na quantidade de autocontrole de cada indivíduo isoladamente, que não poderíamos imaginar susceptível de ser medida; assim como também não a uma mudança qualitativo dos seres humanos que formaram entre si figuraciones tais quais um Parlamento ou um equipe de críquete, que demonstravelmente se regulavam com mais severidade do que as que as precederam e que demandavam de seus membros um controle mais rigoroso, uniforme e estável de si mesmos.

⁹ Vale dizer aqui que Elias e Dunning atribuem outro significado à palavra mimesis do que o atribuído por Caillois. Para este, a mimesis é apenas uma dentre as categorias lúdicas (apesar desta combinar-se com outras categorias) ao passo que para aqueles, as atividades miméticas são todas as atividades de tempo livre voltadas para a criação de algum tipo de tensão simulada. O termo mimesis aqui, a nosso ver, é basicamente tomado como sinônimo do conceito de jogo defendido por Huizinga e Caillois.

própria música foi planejada para propiciar uma descarga da excitação por meio do aplauso! -, a norma social instituída implica numa contenção das palmas, reservando apenas ao final da apresentação a manifestação do público. No caso dos esportes, do futebol, por exemplo, esta demonstração das emoções e da efervescência da torcida é muitas vezes conclamada, incentivada, torna-se até mesmo fundamental para o desenrolar do jogo, podendo inclusive influir no desempenho dos jogadores.¹⁰

Para Elias, o fundamental na mimesis esportiva é a representação da luta, a teatralização de um combate que, ainda que consiga conservar a tensão de uma batalha, impede o desabrochar da violência descontrolada e preserva a integridade física dos jogadores. O desenvolvimento e refino das regras têm justamente este intuito, garantir um equilíbrio das condições de disputa, preservar a integridade física e moral dos atletas e, acima de tudo, gerar uma boa dose de tensão e ansiedade, de angústia e de alegria.

A consolidação dos esportes e sua centralidade enquanto forma de liberação emocional, segundo Elias, não devem ser encaradas separadamente de um amplo processo de autocontrole não só da violência em si, mas, de todo o tipo de emoção. Salvo em algumas ocasiões específicas, as sociedades ocidentais contemporâneas restringem a livre demonstração pública dos sentimentos, sejam estes alegres ou tristes, uma crise de choro ou uma longa risada. Como nos falam Elias e Dunning, “as pessoas que se deixam levar abertamente por uma grande excitação, é provável que acabem em um hospital ou em uma prisão.” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 83)

Soma-se a este controle individual e coletivo - que acaba sendo tomado e introjetado como uma marca própria da personalidade pelos membros destas sociedades - as próprias condições materiais de desenvolvimento destas sociedades. Sem recair numa ilusão de que nas sociedades capitalistas contemporâneas não existem enormes problemas, o que os autores buscam evidenciar é que no atual

¹⁰ Vale questionarmos esta afirmação de Elias e não generalizá-la. Se por um lado temos uma série de restrições às manifestações da plateia em um concerto de música erudita, o mesmo cenário de comedimento é inimaginável em um show de punk ou heavy-metal. Assim como, diferentemente do que se passa no futebol, as manifestações da torcida são fortemente condenadas, se não até mesmo reprimidas em uma partida de tênis. Seria interessante neste caso fazermos uma leitura destas atividades baseada na teoria de habitus de P. Bourdieu, onde o autor defende que a demonstração das emoções e até mesmo do corpo, de suas manifestações fisiológicas inclusive, estão fortemente ligadas a um padrão de conduta adquirido pelas diferentes classes sociais. Se as classes proletárias não escondem o suor, não contêm os gritos, urros, e todo o tipo de manifestação espontânea, o mesmo padrão de conduta é refutado pelas classes mais abastadas, mais uma forma de diferenciação social.

momento de “desenvolvimento”, não mais estamos tão à mercê das condições naturais, conseguimos de alguma forma proporcionar um relativo maior grau de estabilidade na vida cotidiana. Mesmo sabendo que nem todos (a maioria) possuem acesso à saúde, moradia e educação dignas e de qualidade, é inegável que a expectativa de vida de um trabalhador dos dias de hoje comparado a um trabalhador de dois séculos atrás sofreu modificações relevantes. Ou ainda, não estamos atualmente tão reféns das condições climáticas a ponto de perdermos toda a produção agrícola quanto estávamos há alguns anos atrás. Os autores comparam estes dois contextos, o contemporâneo e o antigo, como duas ondas: se antigamente as transições e as mudanças, os fatos que colocavam em risco a tranquilidade e qualidade de vida das populações eram bruscos e rápidos, assemelhando-se a “ondas curtas”, o momento contemporâneo gera ondas “comparativamente largas, lentas e de baixa frequência”, ou seja, podemos observar no horizonte a irrupção de uma crise não sendo tão pegos de surpresa quanto por uma onda curta.

Voltamos a enfatizar que tais observações devem ser tomadas com bastante cuidado, sem pretender de forma alguma dizer que o modelo econômico vigente seja positivo e permita um desenvolvimento pleno dos seres humanos. Podemos afirmar com bastante certeza que a dominação do homem pelo homem continua de vento em popa, que as leis do mercado cada vez mais se assenhoram dos ditames da vida das pessoas e que nossa sociedade, longe de “apaziguada”, é lugar privilegiado de preconceitos, exclusão e batalhas de toda a sorte. Milhares morrem atualmente de fome em todo o mundo – talvez mais do que nas sociedades ditas “primitivas”, arcaicas -; as diferenças entre os mais ricos e os mais pobres ampliam-se a olhos largos. O agricultor do semiárido Nordeste ainda espera a chuva cair e ainda vê o seu gado morrer de sede. Isso jamais deve ser perdido de vista. No entanto, mesmo que apenas no nível da percepção coletiva ou apenas dentro de alguns bolsões de riqueza alimentados por outros bolsões de pobreza, o modo de vida e a sensação de segurança foram substancialmente alterados.

O próprio desenvolvimento do Estado, o controle do uso da força, a resolução de contendas por meio da lei, o direito (mesmo que mais para alguns do que para outros) de receber um tratamento médico adequado e por aí vai, criam de alguma forma uma noção assumida coletivamente (ou criada ideologicamente) de

estabilidade. Sofremos com o medo do desemprego, mas não da fome generalizada; temos medo de sermos assaltados, sequestrados e até mesmo de sofrer violência policial, mas não temos mais o medo de sermos assolados por uma invasão “bárbara”.

Neste contexto de maior controle e de criação de normas mais eficientes de manutenção da estabilidade social – a ideia de civilidade - as atividades recreativas e, mais especificamente os esportes, ocupam o lugar privilegiado de liberação das emoções que noutros espaços são evitadas ou terminantemente proibidas.

En las sociedades industriales avanzadas, las actividades recreativas constituyen un reducto en el que, con la aprobación social, puede expresarse en público un moderado nivel de emoción. No podremos entender el carácter específico y las funciones concretas del ocio en estas sociedades si nos damos cuenta de que, en general, el nivel de control de las emociones tanto en la vida pública como en la privada se ha elevado con respecto al de las sociedades menos diferenciadas. Que sepamos, en todas las sociedades humanas funciona algún tipo de comedimiento social e individual. Pero las restricciones relativamente fuertes y uniformes características de las sociedades más diferenciadas y complejas surgieron, como ya hemos demostrado, en el curso de una peculiar transformación de las estructuras sociales y personales. Tales restricciones son sintomáticas de un proceso civilizador bastante largo que, a su vez, mantiene una interdependencia circular con la organización especializada y cada vez más eficaz del control en las sociedades complejas: la organización del Estado. (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 85)¹¹

Vale ainda - colocado que os esportes modernos surjam e ganhem ressonância dentro de sociedades cada vez mais complexas, industrializadas, tendo como pano de fundo a formação e consolidação da ideia de Estado como ente regulador da vida

¹¹ **Tradução livre:** Nas sociedades industriais avançadas, as atividades recreativas constituem um reduto no qual, com a aprovação social, pode expressar-se em público um moderado nível de emoção. Não poderíamos entender o caráter específico e as funções concretas do ócio nestas sociedades se nos damos conta de que, geralmente, o nível de controle das emoções tanto na vida pública quanto na vida privada foi elevado quando comparado às sociedades menos diferenciadas. Que saibamos, em todas as sociedades humanas funciona algum tipo de comedimento social e individual. Mas as restrições relativamente fortes e uniformes características das sociedades mais diferenciadas e complexas surgiram, como já demonstramos, no curso de uma peculiar transformação das estruturas sociais e pessoais. Tais restrições são sintomáticas de um processo civilizador bastante longo que, por sua vez, mantem um interdependência circular com a organização especializada e cada vez mais eficaz de controle nas sociedades complexas: a organização do Estado.

social - buscar entender como a criação e a liberação de tensões surgidas dentro da esfera mimética refletem-se na forma de organização destas sociedades.

Para dar melhor direcionamento à sua especulação, Elias procura fazer uma distinção capital para o estudo do ócio. Partindo de uma concepção que vai em grande parte de maneira contrária ao senso comum, o autor defende que a noção de que as atividades de ócio são uma mera esfera compensadora do tempo empregado no labor, uma espécie de apêndice desta, não está de todo correta. Antes de mais nada, ele sugere que as atividades empregadas no tempo livre nem sempre estão ligadas ao lazer, ao divertimento. Na categoria tempo livre, as atividades miméticas em geral, como os esportes, por exemplo, ocupam apenas uma pequena parcela quando comparadas a outras atividades desenvolvidas no tempo não ligado estritamente ao trabalho. Fazer as despesas de uma casa, abastecê-la com mantimentos, realizar a limpeza e arrumação do ambiente, dormir, comer, fazer amor, divagar sobre a vida etc, todas estas são atividades que acontecem fora do espaço de trabalho sem, no entanto, possuírem alguma ligação com as atividades miméticas.

Posto isto, Elias busca, então, entender quais as características destas atividades miméticas que as diferenciam das demais atividades de tempo livre. Como já dissemos anteriormente, tais atividades tem como objetivo principal a criação de um ambiente de tensão, um ambiente que permita a exaltação, de forma autorizada socialmente, das emoções mais subterrâneas. O interessante deste ponto de vista é que, se tomarmos a aceção comum de que as atividades do tempo livre são apenas uma forma de relaxamento do trabalho, nos perguntaremos: por que motivo as pessoas iriam a um espetáculo teatral ou a uma partida de futebol – atividades miméticas do tempo livre – ao invés de simplesmente ficarem em casa descansando, dormindo e recuperando-se do cansaço da rotina?

Para Elias e Dunning, as atividades miméticas não são uma válvula de escape das tensões do trabalho, mas uma forma de se gerar a tensão emocional positiva que muitas vezes nos é solapada na rotina de trabalho, na vida cotidiana.

En sociedades como la nuestra, que exigen una disciplina y un recato emocional absolutos, el campo permitido para la expresión abierta de los sentimientos agradables fuertes está rigurosamente circunscrito. Para muchas personas, no sólo en su vida profesional o

laboral sino también en su vida privada, todos los días son iguales. A muchas de ellas nunca les sucede nada nuevo ni estimulante. Consiguientemente su tensión, su tono, su vitalidad o como quiera que lo llamemos, disminuye. De forma simples o compleja, en un nivel bajo o alto, las actividades recreativas facilitan durante un rato ese estallido de las emociones agradables fuerte que con frecuencia falta en las rutinas de la vida diaria. A diferencia de lo que a menudo se cree, su función no consiste simplemente en liberar esa dosis de tensión que es un factor esencial de la salud mental. La base de su efecto catártico reside en la restauración del "tono" mental normal mediante un brote transitorio de emoción agradable. (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 114)¹²

O que vale nesta afirmação é notar que a atividade mimética desenvolvida em tempos de ócio deixa de ser um mero auxílio, um apêndice do trabalho, ganhando novo status. Os esportes, desta forma – pensados enquanto representantes desta classe de atividades ociosas -, ganham nova importância dentro dos estudos científicos. O que antes era tratado como uma simples distração, algo irrelevante, passa a ser trabalhado enquanto componente que, se não tomado como seminal para a cultura como defende Huizinga, deve ao menos ser elevado ao mesmo patamar das coisas "sérias", dos temas científicos já consagrados. Esta foi a tônica dos autores apresentados até agora.

1.3 Sobre as peculiaridades dos esportes modernos e a decadência do elemento lúdico na cultura

Até o momento buscamos trazer as principais características do elemento jogo e a sua profunda relação com a cultura e a estruturação das sociedades mais complexas. Sendo assim, aspecto agonístico dos jogos, a partir do momento em que

¹² Tradução livre: Em sociedades como a nossa, que exigem uma disciplina e um recato emocional absolutos, o campo permitido para a expressão aberta dos sentimentos agradáveis fortes está rigorosamente circunscrito. Para muitas pessoas, não só em sua vida profissional ou no trabalho, mas também em sua vida privada, todos os dias são iguais. A muitas delas nada de novo ou estimulante acontece. Consequentemente sua tensão, seu tom, sua vitalidade ou como quer que o chamemos, diminui. De forma simples ou complexa, em um nível baixo ou alto, as atividades recreativas facilitam durante um certo tempo este estalido das emoções agradavelmente fortes que com frequência faltam na rotina da vida diária. A diferença do que frequentemente se crê, sua função não consiste simplesmente em liberar essa dose de tensão que é um fator essencial da saúde mental. A base de seu efeito catártico reside na restauração do "tonos" mental normal mediante um rebento transitório de emoção agradável.

vai ganhando cada vez mais espaço, é causa e consequência de um maior grau de especialização das atividades, de complexidade dos modos de vida, de uma maior regulação das formas de se viver e da forma de direcionar o trabalho, direcionando-o com fins de intervir no mundo, de moldá-lo de acordo com os interesses destas sociedades.

Huizinga chega em muitos momentos de seu livro a evidenciar como a noção de jogo – já que em muitas línguas de origem indo-europeia não eram encontradas uma palavra única para designar o jogo enquanto categoria, mas mais de uma, às vezes 3 ou 4, que ora evidenciavam determinado aspecto específico de alguma atividade – muitas vezes era tomada como sinônimo da própria civilização. A exemplo do que ocorria no grego antigo e no latim, as atividades de caráter competitivo eram muitas vezes tratadas como uma categoria à parte, uma forma de designação que, apesar de não excluir os aspectos da ludicidade, da brincadeira, da fanfarronice de seu universo, traziam em seu cerne um impulso largamente denotado como civilizador.

As competições “esportivas”, os Jogos Olímpicos Gregos e as disputas que tinham lugar nos anfiteatros romanos eram muito mais do que simples momentos miméticos de distração, eles representavam os feitos do povo (entenda-se por povo, no caso grego apenas a casta superior de patrícios, homens e livres; e no caso romano, as disputas eram em nome da glória do Império, mesmo que muitas das competições fossem realizadas por escravos de diversas partes do território romano, a exemplo das lutas entre gladiadores). Por meio desta forma de disputa, os deuses eram agradecidos, os vencedores venerados e a exaltação das habilidades físicas e da estratégia permitiam uma importante ferramenta de identificação e de criação de um ideário de unidade, de fortalecimento dos laços sociais.

No entanto, como já mencionamos anteriormente, os esportes modernos, apesar da movimentação corporal realizada pelos jogadores ter se mantido praticamente intacta ao longo dos séculos, não mais são jogos voltados para os deuses, para a obtenção de bênçãos e de prosperidade; eles foram, em última instância, dessacralizados.

De forma bastante rápida, devemos então observar quais são as principais características que fazem com que não possamos chamar de esporte, por exemplo, as Olimpíadas Gregas. Observemos as características atribuídas por Allen Guttmann ao

esporte moderno: 1. secularização (Weltlichkeit); 2. igualdade de chances; 3. especialização dos papéis; 4. racionalização; 5. burocratização; 6. quantificação; 7. busca do record." (In: BRACHT, 2003, p. 14)

Se observarmos cada uma destas características poderemos notar que estas são plenamente compatíveis com o desenvolvimento da própria produção industrial (talvez com exceção da característica número 2, a igualdade de chances).

Nos antigos jogos gregos ou romanos, ou mesmo em outros tipos de competições praticadas em diversas sociedades "arcaicas", observamos que poucas ou mesmo nenhuma destas características apresentadas acima aconteciam: os jogos eram majoritariamente ligados às deidades, não eram, portanto, secularizados; em muitas destas competições, a exemplo do boxe antigo, as batalhas não necessariamente buscavam um equilíbrio competitivo, já que muitas delas nem sequer eram travadas entre atletas de mesmo porte físico ou mesmo equipados com luvas iguais (CORNELL, 2002); a atual "fixação" de muitos espectadores com as estatísticas dos jogos, com a quantificação dos movimentos, com os aspectos fisiológicos dos jogadores etc era praticamente inexistente; não se buscava o record. Mesmo que este pudesse existir, ele era muito mais uma forma de dar monta e visibilidade social aos feitos dos competidores do que propriamente uma meta a ser batida, a ser constantemente superada.

O esporte moderno pauta-se, então, por estas características que o conduzem, cada vez mais, para a profissionalização. Para se atingir cada vez melhores resultados, o jogar não pode mais apenas ser uma distração, algo desprezioso, não pode mais ficar na mão de amadores (daqueles que amam). A dedicação de atletas e clubes no sentido de aperfeiçoar suas marcas, assim como a própria difusão das competições que cada vez mais deixam o seio de uma comunidade mais restrita e alastram-se para espaços de disputa cada vez maiores, chegando a tornarem-se supra-nacionais, sob a batuta do Estado muitas vezes, coloca a atividade num patamar diferente do que estava antes.

Estas modificações na estrutura dos jogos, o acirramento das disputas, a busca do record e da dedicação integral ao treinamento levam Huizinga a não mais considerar os esportes como representantes do espírito lúdico, como mecanismos de formação da própria cultura.

Cada vez mais fortemente se nos impõe a triste conclusão de que o elemento lúdico da cultura se encontra em decadência desde o século XVIII, época em que florescia plenamente. O autêntico jogo desapareceu da civilização atual, e mesmo onde ele parece ainda estar presente trata-se de um falso jogo, de modo tal que se torna cada vez mais difícil dizer onde acaba o jogo e começa o não-jogo. (HUIZINGA, 2000, p. 229)

Assim como Huizinga, a crítica sociológica de matriz marxista e neo-marxista enxergará no esporte contemporâneo a representação plena dos valores do capitalismo. O esporte torna-se ferramenta de manutenção do sistema, fomentando a racionalidade instrumental e a competição em todos os âmbitos da vida, tornando-se mecanismo de sedução e de alienação na medida em que cria um mundo ideal de igualdade de oportunidades, diferentemente do que acontece na sociedade dominada pela luta de classes. O esporte, assim que assume um papel cada vez mais institucionalizado e acaba sendo encampado pelo Estado, inclusive enquanto mecanismo didático, neste sentido, assumiria a função de criar um espírito complacente com as regras da vida cotidiana, dadas de antemão, como as leis do mercado, por exemplo. Os esportes, por esta vertente analítica, seriam adestradores de corpos e mentes, mecanismos de liberação controlada dos impulsos revolucionários e dotados de grande capacidade de distrair a população para as verdadeiras mazelas sociais. O esporte seria a exaltação do espírito militarista e fascista, estaria a serviço das organizações capitalistas para o disciplinamento e o controle por meio da manipulação e do treinamento. (BRACHT, 2003)

Se por um lado concordamos com algumas destas afirmações, por outro lado consideramos importante relativizá-las. De fato, o surgimento dos esportes contemporâneos não deve ser entendido fora de seu contexto, ou seja, dos mecanismos econômicos, sociais e culturais vigentes. Colocando de outra forma, os esportes representam e incentivam o sistema capitalista de produção. Servem de mecanismos compensatórios, seja como forma de criação de um mundo ideal, seja como propiciador de uma excitação agradável capaz de romper com a rotina.

No entanto, acreditamos que tais críticas são perfeitamente plausíveis para a observação das principais características dos jogos por si, mas que são incapazes de

olhar para o jogo que deriva do jogo. Ou seja, se a profissionalização e a mercantilização do esporte são um fato, o papel que este tipo de competição exerce para aqueles que se dedicam a acompanhá-la enquanto espectadores é, em grande parte, deixado de lado.

O ato de ir a um estádio de futebol, de fazer parte de uma torcida, por exemplo, ou mesmo de “tirar sarro” de um amigo cujo time perdeu a última partida, apesar de relacionado com o jogo em si, lança na verdade um novo jogo, uma nova brincadeira que, agora, pode ser reincorporada e reformulada, podendo inclusive tornar-se uma ferramenta de manutenção de laços sociais que não necessariamente estejam voltados para a exaltação do modo de funcionamento capitalista.

É o que defende Gastaldo, que, apesar de reconhecer a reprodução do sistema na lógica do jogo em si, sendo a sua profissionalização e mercantilização as suas marcas mais evidentes, ainda vê a polissemia dos esportes.

Pode-se também participar do universo do esporte (particularmente do futebol) mesmo sem jogar: todas as apropriações simbólicas espontâneas feitas pelos torcedores/as fora dos estádios, em bares, casas, edifícios, empresas e escritórios, formas de interação a que denominei ‘relações jocosas futebolísticas’ (GASTALDO, 2010) enquadram-se nesta rubrica. São piadas, ironias, fantasias, cartazes, deboches e apostas, “jogos dentro do jogo”, que usam o futebol dentro de campo como mote para interações sociais lúdicas, em que honra, gênero e poder encontram-se tematizados. (GASTALDO, p. 134)

Um exemplo interessante neste sentido seria, por exemplo, como muitas tribos indígenas brasileiras acompanham os jogos de grandes times de futebol e também organizam suas “peladas” jogando entre os membros da tribo ou mesmo com outras tribos. Se por um lado isto representa o extermínio ou ao menos a modificação de sua cultura, inclusive de seus jogos tradicionais, o mesmo jogo do dominador pode agora servir a outros fins, para a aproximação entre os membros da tribo, por exemplo, servindo de mecanismo renovador seus laços comunais.

Se nos distanciarmos das visões mais maquinais sobre o funcionamento das sociedades e dos indivíduos podemos, de alguma forma, utilizar as teorias sobre os esportes e os jogos como linhas condutoras reflexivas sem as tomarmos como cabresto. Queremos dizer com isso que, se podemos reconhecer em parte as forças

econômicas, sociais e políticas agindo de forma a atingir um determinado objetivo, não devemos nos esquecer da própria capacidade humana, coletiva e individual, de se apropriar destes procedimentos e os ressignificar de forma nem sempre condizentes com a tônica dominante. Ao reconhecermos que as coisas “sérias” podem não ser tão sérias assim e que as coisas “insignificantes” podem ter um peso tão grande quanto as demais, ampliamos a nossa própria compreensão do homem e do mundo, observando-o de forma mais complexa.

Esta forma de pensar, ainda pouco adotada por grande parte dos estudos científicos, é a que consideramos com maior potencial para a melhor compreensão, mesmo que parcial – e consciente disto – das sociedades humanas. Desta forma, o estudo científico da comunicação não pode ser pensado independentemente de todos estes fatores, visto que os meios de comunicação foram pensados e projetados por seres humanos, voltados para seres humanos, originados dentro de contextos socioculturais específicos e que cumprem uma série de funções que nem sempre são tão claras quanto algumas teorias gostam de atribuir.

Partidário desta forma de se fazer ciência é o francês Michel Mafesolli (2009), que mesmo não tendo seu foco de atenção voltado para o estudo dos esportes, busca reintegrar ao pensar humano as coisas cotidianas, as “irrelevâncias” e banalidades que preenchem a nossa existência. Incorporar o que antes fora descartado, esta é a ordem do dia.

Capítulo II – SOBRE O MMA

2.1 – Do surgimento à consolidação

Até o presente momento, trouxemos para nossa discussão alguns dos principais questionamentos voltados para este grande grupo de atividades que é o jogo, resvalando por uma série de trilhas analíticas que ora parecem complementar-se, ora parecem excluir-se. Passamos, mesmo que de relance, pelos esportes modernos enquanto formas lúdicas surgidas e disseminadas num contexto mais recente de desenvolvimento das sociedades capitalistas industrializadas. Dos autores expostos, resumidamente, podemos dizer que os esportes modernos estabelecem uma espécie de ruptura com os jogos arcaicos tradicionais, apesar de reconhecermos um certo anacronismo em muitas regras e formas de se jogar. Queremos dizer com isso que, apesar da estrutura dos jogos pouco ou nada ter sido alterada ao longo dos anos – temos como exemplo a luta, cujos movimentos corpóreos (e estranho seria se não fosse diferente, visto que fisiologicamente somos os mesmos homens de sempre) são os mesmos de milênios atrás -, as atribuições e funções cumpridas por estes jogos, estas sim, sofreram profundas alterações.

O surgimento do esporte moderno é tributário de vários movimentos políticos, econômicos e culturais que resignificaram os antigos jogos, destituindo-os de seu caráter transcendente e trazendo-os para o reino da secularização. A disseminação dos esportes enquanto atividade lúdica amplamente praticada nas sociedades capitalistas contemporâneas é prenhe dos valores destas mesmas sociedades: é voltado para a obtenção do record, para a meta e para sua superação, estabelece uma profícua relação com a ciência, com a busca do aperfeiçoamento dos movimento corporais, assume a competição e a busca de igualdade de condições (mesmo que num plano ideológico) como fator básico para a ocorrência do jogo, pune o desrespeito à regra e exige uma conduta minimamente cortês e respeitosa com o adversário, premia o esforço e o mérito, o treinamento e a dedicação etc. Estas são as características básicas do jogo enquanto jogo. Mas mais do que isso, o jogo extrapola o campo, a arena, ele contamina e contagia aqueles que o assistem, embevece corações e almas e

as preenche com uma boa dose da emoção e da adrenalina furtadas pela vida cotidiana.

É provável que o leitor esteja se perguntando: mas e o MMA, e a mídia?

Como já dissemos, a nosso ver, simplesmente tomarmos o MMA enquanto produto midiático de forma descontextualizada, sem antes buscarmos classificá-lo enquanto jogo, enquanto esporte, e deixarmos de observar toda a trajetória de consolidação desta forma contemporânea de lazer, seríamos levados a fazer uma análise que pouco tivesse a acrescentar ao tema. Expostas as principais teorias norteadoras do jogo, devemos agora, então, entender como a mídia contribuiu e contribui para a solidificação desta forma de entretenimento, como nutre e é nutrida pelo jogo, como os espectadores, agora de forma mediada, participam e interagem com o jogo.

No que tange ao MMA, devemos buscar as suas similaridades e diferenças em relação a outras formas de competição que o antecederam, buscar quais foram as características que se mantiveram ao longo do tempo e quais as suas modificações substanciais que fazem com que o chamemos com um nome próprio. Estas modificações e este percurso devem ser entendidos dentro da própria trilha aberta pelos esportes modernos e da criação de um mundo cada vez mais permeado por diversos meios de comunicação, devendo entendê-los enquanto fenômenos culturais e, portanto, amplo em significações e possibilidades.

Antes de mais nada, vale explicitarmos aqui que o percurso histórico que apresentaremos a seguir é o que diz respeito majoritariamente ao UFC –Ultimate Fighting Championship, considerado o maior campeonato deste seguimento. Tal ressalva é importante por alguns motivos: primeiramente, podemos dizer com grande segurança que os combates com “poucas regras” não são exclusividade do MMA. Retomaremos esta questão a seguir. Além do mais, diversos campeonatos muito parecidos com as atuais configurações do MMA existem há um bom tempo na mídia mundial.

Segundo Philippe di Folco, as lutas são encontradas desde os tempos mais remotos, tanto em textos míticos quanto em documentos históricos. Tais exemplos são ilustrados na briga bíblica entre Cain e Abel, no “O épico de Gilgamesh” e em muitos outros. Além do mais, tais combates eram frequentes no Egito dos Faraós, na

Índia Antiga e na Grécia, não como batalhas objetivadas, voltadas para a defesa ou conquista de bens materiais/políticos, mas sim como ritos de passagem. (DI FOLCO, 2007).

Although combat, both close (wrestling) and apart (boxing), is closely regulated today, there was certainly a time it was natural and free, bare-handed, between two people of the same gender. Combat is one of the first sports practiced in every civilization. Every ethnic group in the world has developed one or more unique forms of single combat. Even today, highly industrialized societies are still drawn to such forms of combat that combine ancient, ethnic rituals with the desire to let loose, as reflected in the growing number of clubs and the appearance of numerous treatments of the subject (films, matches, video games, etc.). (DI FOLCO, 2007, p. 10)¹³

No Japão, país que desenvolveu e ainda hoje cultiva uma gama imensa de técnicas de combate, as artes marciais, num primeiro momento, recebiam a denominação de *bushidô*, algo no português como “o caminho do guerreiro”. O *bushidô* era mais do que a técnica, mas a própria vida do guerreiro, a forma de se portar perante o mundo e de tratar seus oponentes. Esse espírito guerreiro que imperou no Japão até os idos da era feudal, começa a se dissipar durante a era Meiji, período em que o país do Sol nascente estabelece um contato mais frequente com alguns países ocidentais.

Com o fim das guerras feudais, a casta guerreira praticamente desaparece e, assim, grande parte de suas técnicas de combate acabam por se esvaír. No intuito de preservar parte desta cultura guerreira, algumas das técnicas marciais que não mais encontravam papel na nova ordem social passam por um processo de reelaboração. Inclusive, um novo termo linguístico é cunhado para designá-las, o *budô*. Este termo reflete algo como “desenvolvimento pessoal”, uma forma de se manter essa cultura ancestral, porém com foco agora não no combate, mas na inserção do indivíduo no novo mundo colocado.

¹³ Tradução livre: Apesar dos combates, tanto os de grande proximidade (wrestling) quanto os de maior distância (boxe), sejam regulados atualmente, certamente houve um tempo em que eram naturais e livres, com as mãos desnudas, entre duas pessoas do mesmo gênero. O combate é um dos primeiros esportes praticados em todas as civilizações. Todos os grupos étnicos no mundo desenvolveram uma ou mais formas únicas de combate que mesclam rituais ancestrais e étnicos com a vontade de jogar, assim como retratados no crescente número de clubes e a aparição de numerosos tratamentos da matéria (filmes, partidas, vídeo games, etc.).

The traditional martial arts of Japan (*bugei* or *bujutsu*) involved from the experiences and culture in the feudal warrior class known as *bushi* or *samurai*. The martial arts became increasingly “sportified” in the process of Japan's modernization in the Meiji period (1868-1912) and specially in the postwar era. In more recent times, Japanese *budô* as the martial arts are now called, have seen a vast increase in participants throughout the world, numbering in the tens of millions. No other form of traditional Japanese culture can boast such successful dissemination on an international scale. However, it is no simple task to ensure the essence of *budô* is maintained as it becomes established around the globe. (Nippon Budokan Foundation, 2009, p. 27)¹⁴

Encontradas em diversas culturas, em todos os cantos do mundo, desde os tempos mais remotos, as artes marciais, só pela sua história não devem ser negadas como importante fenômeno da humanidade. No entanto, o foco deste trabalho não se encontra na busca dessa historicidade das artes marciais, mas sim num ponto muito mais específico, o MMA.

A vertente mais aceita sobre a criação do MMA remete ao Brasil, no início do século XX, quando em 1914 chega a nosso país o imigrante japonês Mitsuyo Maeda, também conhecido como Conde Koma (apelido que recebeu na Espanha).

A trajetória de Maeda, contada por Stanlei Virgílio em Conde Koma – O invencível yondan da história, pode ser considerada como o germe do MMA moderno. Professor da Kodokan, escola fundada pelo criador do Judô, Jigoro Kano, ele sai em “peregrinação” pelo mundo, acompanhado de outros dois judocas, na busca de provar a superioridade do Judô frente a outras artes marciais. Após passar pela Europa, América do Norte e Central, ele chega à América do Sul, onde acaba por se radicar em Belém do Pará, no ano de 1917. É lá que ele se naturaliza como brasileiro, recebendo o nome de Otávio Mitsuyo Maeda, e torna-se adido da imigração japonesa no Estado.

¹⁴ **Tradução livre:** As artes marciais tradicionais do Japão (*bugei* ou *bujutsu*) incluem-se nas experiências e na cultura da classe feudal de guerreiros conhecida como *bushi* ou *samurai*. As artes marciais tornaram-se crescentemente “esportivizadas” no processo de modernização do Japão na era Meiji (1868-1912) e especialmente no período pós-guerra. Mais recentemente, o *budô* japonês, nomeação dada às artes marciais atualmente, tem presenciado um vasto crescimento do seu número de praticante por todo o mundo, chegando a casa de dez milhões. Nenhuma outra forma de cultura tradicional japonesa pode gozar de tamanho sucesso e disseminação em escala internacional. Entretanto, não é tarefa simples garantir que a essência do *budô* seja mantida a partir do momento em que estas consolidam-se pelo globo.

Em Belém do Pará, Maeda conhece Gastão Gracie, um importante empresário do ramo da borracha na região, de quem recebe ajuda para se fixar na cidade. Em retribuição, Maeda ensina os fundamentos do Jiu-jitsu a Carlos Gracie, filho de Gastão. A título de curiosidade, vale aqui uma breve citação de Virgílio sobre a confusão advinda do fato de Maeda ser judoca, mas ter ensinado aos Gracie o jiu-jitsu:

(...) é interessante citarmos que, mesmo sendo Maeda originário do Kodokan e, portanto, do judô, em Belém do Pará, quando foi por ele iniciado o seu ensino por volta de 1917, após a sua chegada da Europa, falava-se mais em jiu-jitsu que propriamente em judô. (...) Explica-se este fato primeiramente por serem o judô e o jiu-jitsu lutas ainda desconhecidas nessa época, tornando-se fácil confundir uma com a outra. Segundo, pela origem do judô, todo ele estruturado nos estilos do jiu-jitsu Kitô, Sekiguti, Tenjin e Jikishin e, portanto, sem ter praticamente diferenças nos seus fundamentos, já que apenas houve, pelo judô, uma seleção e aperfeiçoamento das técnicas e a introdução de metas e filosofias próprias que, dado o caráter esportivo desta nova arte, punham o homem em toda a sua plenitude física, intelectual, moral e espiritual como objetivo prioritário. Terceiro que, para mostrar o judô superior, teve de abrir mão, mesmo que em caráter provisório, de certos conceitos, certas limitações que impunham essas mesmas metas e filosofia que o diferenciavam para, em igualdade de condições, testar e provas o seu valor frente a outros tipos de lutas. Hoje, passada essa fase de divulgação e implantação, voltou cada uma dessas lutas para um caminho, distanciando-se uma da outra, sem mais razões para confundi-las. (VIRGÍLIO, 2002, p. 93)

Após ter aprendido os fundamentos do jiu-jitsu, os Gracie mudam-se de Belém para a então capital do país, o Rio de Janeiro. Carlos abre uma academia e torna-se professor da arte marcial ensinada por Maeda. É lá que seu irmão mais novo, Hélio Gracie – que era bastante magro e franzino e sofria de desmaios não explicados pelos médicos – observa seu irmão mais velho e, dessa forma, pela observação, aprende e adapta as técnicas para o seu tipo de porte físico. Assim como Carlos, Hélio torna-se professor de jiu-jitsu.

Essa arte marcial, até então praticamente desconhecida no Brasil, ganha diversos adeptos, inclusive de membros da elite brasileira¹⁵, que impressionavam-se

¹⁵ Dentre os mais proeminentes alunos dos Gracie, podemos citar: Adhemar de Barros (ex-governador de São Paulo), Carlos Lacerda, Roberto Marinho, João Baptista Figueiredo, Getúlio Vargas e muitos outros proeminentes membros da elite brasileira. (AWI, 2012)

com as possibilidades da modalidade, que permitia a quase qualquer um, mesmo que de porte físico não atlético, praticá-la.

Talvez imbuídos do espírito de Maeda, que tinha como objetivo mostrar a superioridade do judô, os Gracie se empenham numa jornada: a de provar a superioridade do jiu-jitsu brasileiro frente a outras artes marciais. Para tanto, Carlos e Hélio colocam anúncios em jornais cariocas convidando os “valentões” da cidade para um confronto sem regras. Os primeiros oponentes vinham do boxe e da capoeira e, praticamente despreparados para o novo terreno proposto pelo jiu-jitsu, a luta no chão, foram sistematicamente derrotados. A popularidade dos Gracie cresce ao longo dos anos, e os duelos por eles propostos acabam sendo batizados de Desafio Gracie.

A partir de agora, falaremos em Vale-Tudo¹⁶, termo que designará grande parte dos combates aqui narrados. Só poderemos falar em MMA muito mais à frente, já no início do século XXI. Retomaremos esta discussão mais à frente.

A popularidade dos irmãos Carlos e Hélio cresce tanto que começa a incomodar,

(...) pois, atravessando as fronteiras do nosso país, o nome da família Gracie chegou também no Japão, causando impacto e incomodando os donos do jiu-jitsu mundial, não acreditando eles que neste nosso país longínquo pudesse haver um jiu-jitsu tão evoluído quanto o deles. E assim, para conferir, enviaram, dos seus lutadores, dois expoentes dessa tradicional luta japonesa. (VIRGÍLIO, 2002, p 100)

Os dois desafiantes enviados pelo Japão são Kato e Kimura. A primeira luta com Kato, vice-campeão mundial de jiu-jitsu, ocorrida em 7 de setembro de 1951, no Estádio do Maracanã, termina em empate (Hélio estava com duas costelas fraturadas, mas decidiu lutar mesmo assim). Uma segunda luta é agendada para o dia 29 do mesmo mês, desta vez no Ginásio do Pacaembu. Segundo Virgílio:

A revista Cruzeiro assim relata: “Em oito minutos, Hélio Gracie liquidou, no Pacaembu, um dos maiores lutadores de jiu-jitsu do mundo – termina a luta senhor juiz, senão o japonês morre” (...) De fato, Hélio avisou o árbitro de que Kato já estava dormindo, mas o

¹⁶ Segundo o jornalista Felipe Awi, o nome Vale-Tudo não foi logo adotado de início. A primeira luta pública de vale-tudo ocorreu em 1920, quando Carlos Gracie e o capoeirista Samuel, o Negro Gigante, foi chamada de “estilo versus estílus”, “só depois a imprensa começou a se referir a este tipo de confronto como ‘lutas valendo tudo’.” (AWI, p. 41)

árbitro não interrompeu a luta, e por única e direta razão de lealdade e disciplina de nosso lutador, do seu respeito pelo adversário, Kato pôde sobreviver porque Hélio simplesmente o largou espontaneamente, prevenindo as consequências funestas se continuasse aplicando a técnica do “shime-wazá” (estrangulamento), com que decretou a derrota de seu oponente. (VIRGÍLIO, 2002, p. 100)

Ainda no ringue, Hélio é desafiado por Kimura. O brasileiro aceita de imediato o duelo contra Kimura, quarenta quilos maior que Hélio e, então, campeão mundial de jiu-jitsu. A luta acontece em 10 de novembro de 1951, no Maracanã, com público de mais de 20 mil pessoas, incluindo o então presidente da república, Getúlio Vargas. Hélio aguenta por 13 minutos, mas é derrotado pelo gigante japonês, que o finaliza com uma trava de antebraço, golpe atualmente conhecido no jiu-jitsu como Kimura, em homenagem ao lutador japonês.

O vale tudo era extremamente popular nas mídias cariocas, recebendo grande atenção de Jornais como *O Globo* e *Diário da Noite*. Existem inclusive relatos de desafios que ocorreram no interior das redações, a exemplo de uma luta entre Hélio Gracie e o capoeirista Carimbé, nas instalações do jornal *Diário Carioca*. (AWI, 2012)

É curioso também, como nos lembra Felipe Awi, que o primeiro evento público de Vale-Tudo protagonizado por Hélio Gracie, no ano de 1932, relatado pelo jornal *O Globo*, fora chamado de “evento de lutas mistas”, inclusive com o seu adversário, o pugilista Antônio Portugal, lutando com luvas de 4 onças, o mesmo peso das luvas utilizadas atualmente nas lutas de MMA.

Com a grande popularidade atingida pelas lutas de vale-tudo, elas acabam por receber atenção inclusive de um outro meio de comunicação emergente, a televisão. A primeira transmissão televisiva de uma luta desta estirpe no Brasil é datada de 1958, pela TV Rio, no programa de Variedades *Noite de Gala*, comandado pelo apresentador Flávio Cavalcanti. Sobre esta passagem, que pavimentará o caminho de um programa dedicado exclusivamente a esta modalidade de lutas, o Heróis do Ringue, nos traz Awi:

(...) o Garotão (Carlson Gracie, filho de Carlos e sobrinho de Hélio) venceu Guanair Vidal, desafeto dos Gracie, de forma espetacular, com um nocaute técnico em apenas quatro minutos. O patrocinador, Abraão Medina, ficou entusiasmado com a reação animada do

público. Dono da rede de lojas de eletrodomésticos *O Rei da Voz*, Medina era um empreendedor nato. Publicitário, empresário musical (de craques como Ronaldo Bôscoli, por exemplo), foi um dos primeiros anunciantes da televisão brasileira. Foi ele quem convenceu o dono da TV Continental, o pernambucano Rubens Beraldo, a exibir um programa semanal dedicado ao vale-tudo (ou luta livre americana, como alguns jornais chamavam). (AWI, 2012, p. 59)

Sobre o programa *Heróis do Ringue*, vale a pena trazermos um excerto um tanto longo, mas bastante ilustrativo do que foi este momento, da chamada “pré-história” do esporte, buscando suas similaridades e diferenças em relação ao MMA moderno:

Em 1959, o projeto saiu do papel. *Heróis do Ringue* era exibido às segundas-feiras, às 20:30, em horário nobre, direto do Clube de Regatas Flamengo, na Gávea, ou no Esporte Clube Carioca, no Jardim Botânico, em ginásios invariavelmente lotados. Além de Carlson, as estrelas maiores eram os professores mais graduados da Academia Gracie (...) O programa começou a incomodar o mesmo *Noite de Gala* que exibiria Carlson Gracie no ano anterior, que até então era líder no horário. Ao mesmo tempo que alcançava boa audiência, *Heróis do Ringue* também sofria com as críticas de outros canais e da imprensa escrita, feitas especialmente por jornais inimigos dos Gracie, como o *Última Hora*. O motivo, é claro, era o alto grau de violência dos combates. Até que, em 1962, uma luta de João Alberto resultou no fim do programa. Ele enfrentava um pernambucano chamado José Geraldo, bom de luta livre, mas com pouca técnica. Em menos de cinco minutos de luta, pegou-o numa chave Kimura clássica, a mesma que derrotara Hélio Gracie 11 anos antes, e ficou à espera da desistência do adversário. Mas, em vez das três batidinhas, o que se ouviu foi o osso de José Geraldo estalando. (...) A fratura, ao vivo e em close, foi demais para os telespectadores mais sensíveis. A crítica, que já era forte, tornou-se raivosa, e nem Abraão Medina foi capaz de manter o programa no ar. Pior que isso, o esporte foi banido no estado da Guanabara, sob a acusação de pôr em risco a integridade física dos atletas. “*Heróis do Ringue* acabou porque, como sempre, essas comissões de direitos humanos se metem onde não têm que se meter. Por que não jogaram a toalha? A culpa é do Corner do Geraldo”, afirma Vígio. Curiosamente, ao contrário do que desejavam os Gracie, o sucesso do *Heróis do Ringue* acabou abrindo caminho para o mais bem-sucedido programa de lutas encenadas exibido no Brasil, o *Telecatch*, estrelado por Ted Boy Marino, a partir da segunda metade de 1960, pela TV Excelsior, e depois pela TV Globo. (AWI, 2012, p. 59-60)

Com a proibição das lutas de vale-tudo na Guanabara, o protótipo do MMA segue para o Norte e Nordeste do país, onde recebe importante destaque da mídia, inclusive com a exibição, na década de 1960, de um programa na TV pernambucana, chamado *Ringue Torre*.

O vale-tudo, apesar de conquistar relativa popularidade e atenção nacional, tinha como pano de fundo os bairrismos cariocas, as disputas entre os praticantes de diversas modalidades marciais, principalmente incitadas e ocasionadas pelos jiu-jutsocas, que a todo momento queriam afirmar a superioridade de sua luta e ganhar cada vez mais notoriedade. Estas rinchas entre as artes marciais e entre as academias extrapolavam muitas vezes o ringue, com numerosos exemplos de pancadaria em diversos pontos do Rio de Janeiro. A cidade era praticamente "loteada" entre as modalidades. Se um praticante de Muay-thai fosse visto em território "dominado" pelo Jiu-jitsu, ou vice-versa, a pancadaria era garantida. (AWI, 2012)

Tais enfrentamentos entre as modalidades renderam, em alguns momentos, duelos mais formalizados, como no caso do vale-tudo de 1980, em Brasília, quando Rickson Gracie enfrentou o famoso Rei Zulu, representante de uma modalidade maranhense de luta bastante desconhecida pelo grande público, o tarracá. Outros exemplos da retomada do vale-tudo foram as lutas de 1983, a revanche de Zulu contra Rickson (que derrotou novamente o Maranhense), - que recebeu público de 15 mil pagantes no Maracanãzinho -, e o desafio entre representantes do Jiu-Jitsu e do Muay-thay, em 30 de abril de 1984, novamente no Maracanãzinho, desta vez com público de 22 mil pessoas. Apoiado pela revista *Manchete*, o evento foi batizado de "A Noite das Artes Marciais".

Após um relativo rescaldo no vale-tudo, apesar da rivalidade entre as modalidades ter se mantido bastante presente, a próxima grande exibição pública de relevância nacional foi o duelo entre o jiu-jitsu e a luta-livre, denominado o *Grande Desafio*, ocorrido no ano de 1991, no Grajaú Country Club, transmitido desta vez pela já maior emissora de TV do país, a Rede Globo.

Apesar de não ter sido transmitido ao vivo e grande parte de suas cenas mais sangrentas terem sido editadas, o evento foi considerado por muitos telespectadores algo aberrante, repleto de violência e desrespeito às regras estipuladas para o combate.

No relato de Awi:

O maior derrotado, porém, foi o fair play. Léo Batista, o mais antigo apresentador esportivo da TV Globo e também ex-apresentador de lutas de boxe, estava indignado. Ele abriu a transmissão, chamando um videotape em que se explicavam as origens e as características das duas modalidades. Em seguida, prometera uma luta limpa ao telespectador: 'como todo esporte, tem que existir regulamento, senão vira bagunça. Confira as regras para o Grande Desafio daqui a pouco', disse. Além de soco de mão fechada, não valeriam golpes baixos, dedo nos olhos, mordidas e puxão de cabelos ou orelhas. A luta seria decidida de três maneiras: nocaute, desistência ou pelo estouro do tempo, o que significava empate. Mas logo no primeiro combate o telespectador ficou com a impressão de que a TV Globo havia posto no ar, em plena noite de sábado, um festival de pancadaria. Uma luta sem regras, regada a sangue. (AWI, 2012, p. 105)

Ainda segundo o jornalista, o clima belicoso do local, que fora "invadido" pelo público que estava do lado de fora do ginásio causou enorme rebuliço e prejuízos para a imagem não apenas do vale-tudo, mas para o próprio Jiu-Jitsu.

Para o vale-tudo, no entanto, os prejuízos foram enormes. O primeiro deles, político. As autoridades presentes saíram contrariadas com o excesso de violência dentro do ringue e o clima de guerra fora dele. "O prefeito foi embora sem falar comigo, nem se despediu. Aliás, nunca mais falou comigo depois disso", conta Docelar, que lamenta até hoje o prejuízo financeiro por causa da invasão e do golpe da receita dos ingressos. O dano mais grave, porém, foi à imagem do esporte. O desrespeito às regras, destacado na transmissão da TV Globo, associado à quantidade de sangue que foi ao ar, assustou os telespectadores mais conservadores. O vale-tudo ficaria muitos anos sem ganhar o mesmo destaque na televisão aberta brasileira. Miguel Pires Gonçalves diz que não houve uma cobrança interna da emissora. Para os observadores mais atentos, estava claro que o Grande Desafio tinha sido menos um evento esportivo do que um acerto de contas. (AWI, 2012, p. 117)

Para entendermos, então, os desdobramentos destes duelos que ocorriam em terras brasileiras e chegarmos até o momento contemporâneo de criação de um esporte, precisaremos nos deslocar no tempo e irmos para a década de 1980, onde a figura chave para o surgimento do MMA nos moldes modernos é Rorion Gracie, filho de Hélio.

Rorion, que também era mestre em jiu-jitsu (assim como grande parte dos filhos de Carlos e Hélio) abre, na década de 1980, uma academia na garagem de sua casa, em Torrance, no estado da Califórnia. Assim como se deu no início do século XX em terras brasileiras, essa arte marcial era pouco conhecida nos EUA e, para que ganhasse popularidade, Rorion começa a repetir os passos de seu pai: desafiar lutadores de diversas modalidades de artes marciais para confrontos praticamente sem regras, para lutas de Vale-Tudo.

Todas as lutas eram filmadas, e o vencedor ficava com os direitos de imagem. Com estes desafios, a popularidade de Rorion e do jiu-jitsu brasileiro começam a crescer rapidamente na terra do Tio Sam.

Rorion, que já havia trabalhado como figurante em alguns filmes, estabelece contatos com pessoas influentes em Hollywood, que passaram a conhecer mais de perto essa arte marcial cultivada pela família Gracie. A ele (Rorion) é atribuído ter ensinado Mel Gibson a aplicar o golpe guilhotina em *Máquina Mortífera*, assim como ter ensinado golpes ao ator Chuck Norris.

É nesse ambiente que Rorion, juntamente com o ex-fuzileiro naval estadunidense e publicitário Arthur Davie, no ano 1993, lança o programa UFC – Ultimate Fighting Championship na TV americana. O objetivo do programa era promover uma disputa de Vale-Tudo entre diferentes estilos de artes marciais, buscando provar qual técnica era superior. No torneio, 8 lutadores de diferentes estilos se enfrentavam num torneio “mata-mata”, ou seja, o ganhador de cada luta ganhava o direito de ir para a próxima fase e o perdedor era desclassificado. Não havia praticamente regras, nem limite de peso, nem tempo máximo de duração para as lutas.

A criação do UFC – The Ultimate Fighting Championship, no ano de 1993, é considerada um marco para este esporte/espetáculo. Ele tinha forte apelo para o inusitado e para o bizarro (inclusive tendo sido sugerido como nome do evento o título *Guerra dos Mundos*) e muito mais se assemelhava a um “freak show” do que a um campeonato esportivo. Não havia categorias de peso, o uso de luvas não era obrigatório e as regras eram praticamente inexistentes, com pouquíssimas restrições a golpes perigosos. Seu slogan inicial era, inclusive, “There are no rules!” (Não existem regras!). Para Rorion Gracie, um de seus mais proeminentes fundadores, seu objetivo

inicial era o de provar a superioridade do Jiu-Jitsu brasileiro frente a outras artes marciais.¹⁷

Sobre a veiculação do primeiro UFC, conta o jornalista Felipe Awi:

Art Davie acompanhou os altos e baixos de Rorion, da garagem à academia que comprou em Torrance. Matriculado como aluno, tornou-se amigo do mestre. De vez em quando, os dois conversavam sobre a possibilidade de levar o jiu-jitsu para muito mais gente. Davie então não tinha dúvidas de que a única maneira de fazer isso era com a ajuda da televisão. Rorion lhe falou sobre o sucesso do passageiro *Heróis do Ringue* no Brasil, e os dois concordaram que os desafios ao vivo ainda eram a melhor maneira de atrair as pessoas. Mas, dessa vez, eles não poderiam usar emissoras de sinal aberto, como Carlos e Hélio fizeram quase quarenta anos antes. As lutas poderiam ser violentas demais para o público americano. O caminho seria uma sistema de transmissão ainda inexistente no Brasil na época, o pay-per-view. Davie conhecia uma empresa nova-iorquina especializada na venda de shows musicais pela televisão, o Semaphore Entertainment Group (SEG). (AWI, 2012, p. 93)

Com público esperado de 40 mil espectadores, o torneio atingiu o dobro da audiência, mostrando desde o início a capilaridade deste esporte-espetáculo na sociedade estadunidense.

Para representar o jiu-jitsu brasileiro, o escolhido pela família Gracie fora outro filho de Hélio, Roice, na época com 27 anos. Roice fora escolhido não devido à sua força, nem à sua técnica apurada, mas sim pelo fato de ser magro, não ser musculoso, ou seja, não possuir muitas das características comumente atreladas à imagem de um lutador.

Essa escolha teve como principal objetivo vender o jiu-jitsu como a arte superior, onde alguém pequeno como Roice poderia ganhar de um brutamontes apenas com a técnica. E a publicidade deu certo: Roice ganhou a primeira edição do UFC, em 13 de dezembro de 1993 e sagrou-se como herói perante o público americano, popularizando de vez o jiu-jitsu. O mesmo aconteceu nas edições 1,2 e 4 do UFC, com Roice derrotando vários lutadores maiores e mais pesados.

Vale ressaltar que o campeonato UFC também inovou por outro motivo: o octógono. As lutas em geral, que antes aconteciam em ringues quadrilaterais,

¹⁷ Documentário: The Ultimate Gracie. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=_ajoMJelcN0> . Acesso em: 04/03/2011

passaram a ser realizadas num espaço de formato octogonal (8 lados), também chamado de jaula. O espaço fora projetado por Rorion e pelo roteirista de Hollywood, John Millius, que junto com Francis Ford Coppola roteirizou o filme *Apocalypse Now*. É de Millius também a direção do filme "Conan, o Bárbaro", estrelado por Arnold Schwarzenegger. (AWI, p. 95)

Para evitar o formato tradicional do ringue quadrado, impedindo a fuga dos lutadores pelas cordas, alguns inusitados projetos de ringue foram cogitados:

A primeira opção tinha o formato de jaula, seria içada por um guindaste até o meio do ginásio e retirada só depois que um dos lutadores fosse nocauteado ou finalizado. Era um tanto inspirada na cúpula do trovão e dá nome ao terceiro filme da série *Mad Max*. Outro modelo não tinha teto, mas seria cercado por uma piscina cheia de tubarões e jacarés, como um castelo medieval. Em outro, parecido com uma arena da Roma Antiga, Millius imaginou os lutadores entrando em cima de bigas, vestidos como gladiadores. O modelo aprovado tinha um formato de octógono, com o objetivo de evitar que o lutador ficasse preso no corner e a luta tivesse que ser interrompida a todo momento, como frequentemente acontece no boxe. (AWI, 2012, p. 95)

Apesar do grande sucesso do campeonato UFC nos EUA, com enorme venda de lutas por pay-per-view, a entidade começou a entrar em declínio. Protestos por parte de alguns setores da sociedade estadunidense, inclusive com a participação do então senador Jonh McCain, conseguiram proibir a veiculação do UFC, tirando o evento do ar no fim da década de 1990.

Em 2001, a marca UFC fora vendida para a entidade Zuffa, dos irmãos Frank e Lorenzo Fertitta, empresários do ramo do entretenimento. Dana White, antigo promotor de lutas de boxe, amigo dos Fertitta, além de acionista, tornou-se o presidente e a "cara" da empresa.

Para conseguir voltar a ser veiculado na TV americana, o UFC passou por um processo de reformulação, que culminou na forja do termo MMA. Nesse processo de reformulação, encabeçado principalmente por Dana White, uma série de regras foram criadas a fim de atenuar os confrontos: foram definidas categorias de peso, golpes demasiadamente perigosos foram excluídos (um exemplo é o tiro de meta, quando o

atleta caído podia ser chutado na cabeça), o uso de luvas tornou-se obrigatório e números de rounds são estipulados.

Além de proteger a integridade física dos atletas, tais mudanças nas regras do UFC também objetivavam a sua maior aceitação perante o público, levando a violência crua dos combates a um nível mais palatável, mais tolerável. Um conjunto de 31 regras, sob o título de Unified Rules of MMA foi aprovado em 2001 perante algumas comissões atléticas americanas, que passaram a aceitar o MMA como esporte.

O que antes era um torneio praticamente sem regras, acabou por se tornar um esporte com regras bem delimitadas e, fato este apontado por muitos como o responsável pela popularização das lutas, que passaram a chegar, segundo o UFC a 354 milhões de lares em todo o mundo, sendo televisionadas em mais de 145 países e em 19 línguas.¹⁸

Vale deixar claro que a trajetória aqui apresentada diz respeito à passagem do Vale-Tudo para o MMA, mais especificamente à trajetória de criação do UFC. Vale reafirmar que os combates desarmados e sem regras não são criação do Vale-Tudo, nem exclusividade brasileira. Retrocedendo na história das Olimpíadas gregas, encontraremos no século VI antes de Cristo uma modalidade chamada Pankration (pan= todos ; kracion = poderes, força), uma mistura de pugilismo e luta de solo, que só tinha término com a exaustão total ou mesmo com a morte de um ou ambos os lutadores (CORNELL, 2002). A própria trajetória de Conde Koma, que desafiava profissionais e brigadores de plantão, está recheada de lutas pouco ou nada regradas. Essa reconstituição mais precisa, entretanto, não é nossa maior preocupação neste trabalho.

Saindo do campo dos duelos em si, e já pensando em algo mais midiático, também não podemos nos esquecer dos campeonatos japoneses Shooto, K-1 (luta em pé) e PRIDE que também conquistam o público japonês e começam a se espalhar pelo mundo. Estes campeonatos de artes marciais, onde as regras eram poucas, partilhavam do mesmo "espírito" desenvolvido nos EUA. O Shooto, inclusive, é anterior ao UFC, datado de 1985.

Porém, o campeonato japonês de maior destaque fora, sem dúvida, o PRIDE, criado em 1997, sendo o primeiro evento japonês a ser transmitido na TV americana, em 13 de maio de 2000. Com outro sistema de regras (onde golpes proibidos no UFC eram permitidos, como o “tiro de meta” e pular sobre a cabeça do adversário quando estivesse no chão), o evento tornou-se bastante popular, tendo conseguido levar uma multidão de mais de 90 mil pessoas ao Estádio Nacional de Tóquio na final Shockwave, em 2002.¹⁹

O evento, à época o maior concorrente do UFC, acabou enfraquecendo-se após denúncias de uma possível ligação de seus donos com a máfia japonesa²⁰, culminando com a sua compra pelo UFC em 2007.

Muitos outros eventos de MMA surgem não só no Brasil como em outros países, a exemplo do Belator, Iron Cage, Jungle Fight e muitos outros, evidenciando o crescimento de interesse tanto de promotores e anunciantes quanto do público.

Trouxemos estas informações com o intuito de dizer que, apesar de a promoção de lutas poucas regradas não ser exclusividade do UFC, esta é, sem dúvida, globalmente, a maior empresa promotora de lutas de MMA, tendo sua sigla muitas vezes confundida com a sigla do próprio esporte.

2.2 - A violência no MMA

Como pudemos observar, a trajetória do vale-tudo rumo ao MMA não foi tranquila. Apesar do enorme poder de atração e fascínio que este tipo de combate tenha gerado, inclusive com boa atenção por parte da mídia brasileira e, mais à frente, da mídia internacional, acreditamos que a sua efetiva consolidação só foi possível devido à atenuação da violência dos combates. Para tanto, o discurso do esporte enquanto instituição balizadora da atividade foi fundamental. Nas linhas que se seguem, buscaremos discutir este fundamental passo da atividade.

Retomando novamente algumas das concepções de Elias e Dunning sobre o papel da violência nos esportes, chegaremos à conclusão de que, à medida que

¹⁹ fonte: http://www.pridefc.com/pride2005/whats_about01.htm

²⁰ fonte: <http://sports.espn.go.com/sports/news/story?id=2814235>

caminham rumo à institucionalização, os esportes passam por diversos processos de atenuação de sua violência explícita; a violência passa a ser depurada para que não apenas a integridade física dos atletas seja preservada, mas acima de tudo, para que entrem em sintonia com a sensibilidade de determinada comunidade em relação à exposição à violência.

Para exemplificar este processo, os autores valem-se de um dos – ainda hoje – mais populares esportes entre as classes altas inglesas, a caça de raposas. Ao buscar os desdobramentos deste tipo de atividade – que inicialmente em nada distinguia-se da caça convencional, voltada para a obtenção de alimentos – os autores observam que ela, ao longo do tempo, passa a exercer um papel fundamental no divertimento e na recreação destas classes, distanciando-se da caça funcional. Se antes o objetivo da atividade era matar o animal, não importando muito os métodos utilizados para este feito, agora o importante é o prazer da perseguição, é a adrenalina da peleja. Os caçadores não mais carregam armas. Toda a perseguição e subsequente morte da raposa é realizada por cachorros. A carne da raposa é desprezada. Elias e Dunning salientam neste processo uma grande mudança em relação ao emprego da violência, cujo uso cada vez menos faz parte da vida cotidiana dos cidadãos. Agora, o divertimento e o extravaso não mais se realizam no ato em si, mas sim no ato de observar. O caçador passa de ator principal para observador do espetáculo de morte e violência: usufrui de sua angústia e tensão sem sentir qualquer tipo de remorso.

Uno de los problemas fundamentales a que se enfrentan las sociedades en el curso de un proceso civilizador era – y sigue siendo – el de encontrar un nuevo equilibrio entre placer y restricción. El progresivo reforzamiento de los controles reguladores sobre la conducta de las personas y la correspondiente formación de la conciencia, la interiorización de las normas que regulan más detalladamente todas las esferas de la vida, garantizaba a las personas mayor seguridad y estabilidad en sus relaciones recíprocas, pero también entrañaba una pérdida de las satisfacciones agradables asociadas con formas de conducta más sencillas y espontáneas. El deporte fue una de las soluciones a este problema. Las innúmeras personas que anónimamente contribuyeron al desarrollo de los deportes quizá no fueron conscientes del problema al que se enfrentaban en la forma general en que ahora se presenta en retrospectiva al sociólogo, pero algunas sí que tenían clara conciencia de él como problema específico con el que se topaban en la inmediatez de sus propios pasatiempos limitados. La figuración de la

caza de zorros – de la caza convertida en deporte – muestra algunas de las formas en que la gente se ingenió para obtener placer de una actividade que implicaba ejercer violencia física y matar en una etapa en que, en la sociedad en general, incluso los ricos y poderosos habían visto cada vez más mermada su capacidad para emplear la fuerza sin el consentimiento de la ley y en la que se su propia conciencia se había vuelto más sensible con respecto al uso de la fuerza bruta y el derramamiento de sangre. (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 202 e 203)²¹

Sendo a caça apenas um de muitos exemplos deste processo de atenuação da violência – pelo menos da violência praticada diretamente pelos seres humanos -, o que devemos retirar deste processo, segundo Elias e Dunning, é que o surgimento desta classe de atividade recreativa, que possuía uma ética própria a fim de proporcionar um ambiente de elevada e prazerosa tensão, seria uma espécie de compensação adequada à própria estruturação do poder político na Inglaterra nos idos do final do século XVII e início do século XVIII.

Como já trouxemos, este processo de atenuação do uso da violência na resolução das dissidências políticas, fruto de um equilíbrio das forças entre as classes altas inglesas, e que culminou com a instauração de um sistema parlamentar de governo (mas acima disso, a manutenção deste sistema por meio do respeito à regra que impedia que determinado grupo político, ao assumir o poder, não se aparelhasse da estrutura “proto-estatal” para aniquilar o grupo opositor) também refletiu-se nos moldes assumidos pelos esportes modernos. A violência da caça, cujo ápice era a morte do animal efetuada pelas mãos dos caçadores, é transferida para os animais,

²¹ Tradução livre: Um dos problemas fundamentais enfrentados pelas sociedades em curso de um processo civilizador era – e continua sendo – o de encontrar um novo equilíbrio entre prazer e restrição. O progressivo reforço dos controles reguladores sobre a conduta das pessoas e a correspondente formação da consciência, a interiorização das normas que regulam mais detalhadamente todas as esferas da vida, garantia às pessoas maior segurança e estabilidade em suas relações recíprocas, mas também entranhava uma perda das satisfações agradáveis associadas com formas de conduta mais simples e espontâneas. O esporte foi uma das soluções para este problema. As inúmeras pessoas que anonimamente contribuíram para o desenvolvimento dos esportes quiçá não foram conscientes do problema que enfrentavam na forma geral que agora se coloca em retrospectiva ao sociólogo, mas algumas tinham sim clara consciência dele enquanto problema específico com que deparavam-se na imediatez de seus próprios passatempos limitados. A figuração da caça de raposas – a caça convertida em esporte – mostra algumas das formas em que as pessoas debruçaram-se para obter prazer de uma atividade que implicava no emprego de violência física e matar em um etapa em eu, na sociedade em geral, inclusive os ricos e poderosos viam cada vez mais minada a sua capacidade de empregar a força sem o consentimento da lei, assim como a sua consciência que havia se tornado mais sensível a respeito do uso da força bruta e do derramamento de sangue.

para os cachorros. Busca-se uma forma de atenuar a diferença de forças e manter um relativo equilíbrio para que a perseguição seja o mais duradoura possível.

Se na caça a atenuação da violência ocorre por meio do abandono às armas para dar cabo à vida da raposa, nos esportes que não recorrem ao uso de animais para este fim, onde o enfrentamento se dá entre seres humanos, a violência das pelejas é atenuada por meio de regras ou de outros recursos capazes de evitá-la ou de metaforizá-la.

No entanto, se podemos reconhecer uma coerência no pensamento de Elias e Dunning, que defendem uma relação bastante nítida entre a atenuação da violência no campo político e nas atividades recreativas, como então pensarmos o desenvolvimento das artes marciais mistas, do MMA, que, em princípio, poderia representar um retrocesso em relação ao processo civilizador?

Em relação ao início de uma caminhada no sentido oposto do processo civilizador, antes de buscarmos uma analogia contextual entre o momento político inglês do século XVIII e o das sociedades capitalistas contemporâneas, devemos dar uma olhada no que outras teorias sobre a violência nos esportes trazem sobre o fato.

Para Donald Calhoun, existem quatro teorias básicas sobre a relação entre a violência na vida quotidiana e a violência nos esportes. A primeira diz que os esportes serviriam como válvulas de escape para a redução da violência social já que além de propiciar um ambiente adequado para esta descarga de energia, também geraria um ambiente de aprendizado e autocontrole ou mesmo uma espécie de “modelagem negativa”, que faria com que os espectadores ficassem ao menos receosos em agir de forma violenta ao observarem os danos sofridos pelos atletas; a segunda defende que a violência nos esportes tende a aumentar a violência na vida diária já que, ao invés de uma descarga positiva de impulsos violentos, os esportes serviriam de incentivadores desta conduta, inclusive por meio da identificação público-atleta, que veria a violência como uma forma de reconhecimento e prestígio social; A terceira teoria defende que a violência nos esportes seria um paralelo do que acontece socialmente, ou seja, se uma sociedade é mais violenta, seus esportes tenderiam também a sê-los; Os esportes seriam, assim, uma forma de representar a cultura dominante.

A quarta principal teoria diz que a violência nos esportes:

may *symbolize* the violence by which frustrated members of society would like to express their frustration; the desire of just people to overthrow the unjust; or the perpetual struggle of frail human to master a hard world. Here, it is held, unconscious and denied impulses are acted out dramatically on the field of sport. (CALHOUN, 1987, p. 283)²²

Calhoun nos traz uma série de estudos sobre as quatro teorias que, de uma forma ou de outra, independentemente da metodologia empregada, resultam em prospecções capazes de defendê-las e embasá-las. Ou seja, todas as teorias são plausíveis e todas são justificáveis perante os parâmetros científicos.

Para fugir desta indeterminação, o autor busca outros estudos que, ao invés de defender uma ou outra postura, acabam por dizer que a violência dos/nos esportes e na sociedade em geral é muito mais um fator percebido do que um fato pronto, ligado diretamente à prática. A forma como cada cultura lidará com a violência, se reagirá de forma violenta ou não a certos estímulos, está muito mais ligada à representação simbólica que esta fará da violência. E mais ainda, o nível de violência e as reações violentas, sustenta o autor, estão muito mais ligados ao “senso de justiça” e o seu não cumprimento do que a ação em si mesmo. Isto quer dizer que, segundo o autor, desde que uma determinada competição esportiva tenha regras claras e estas sejam respeitadas – caso sejam desrespeitadas, algum tipo de punição deverá ser empregada – as pessoas tendem a não se manifestar de forma violenta.

Ao finalizar o capítulo em que trata da violência nos esportes, o autor nos diz:

It is interesting to close a chapter on sport violence and social violence with Brickman's idea (which is clearly arguable) that if society's system of justice were modeled on that of the sport establishment we might substantially reduce perceived injustice and the violence that can follow it. (CALHOUN, 1987, p. 302)²³

²² **Tradução livre:** podem simbolizar a violência pela qual membros frustrados da sociedade poderiam expressar sua frustração; o desejo das pessoas justas em superar a injustiça; ou o perpétuo enfrentamento do ser humano frágil na tentativa de dominar um duro mundo. Aqui, isto é sustentado, impulsos inconscientemente e renegados são encenados dramaticamente no campo esportivo.

²³ **Tradução livre:** É interessante terminar um capítulo dedica à violência no esporte e na sociedade com a ideia de Brickman (a qual é claramente discutível) que se os sistemas de justiça social fossem modelados assim como são os esportes, nós podemos reduzir significativamente a injustiça social e a violência decorrente desta.

Talvez um tanto reducionista, o que nos interessa desta afirmação não é a defesa de um sistema social de justiça similar ao desportivo, mas sim que investiguemos melhor como os sistemas valorativos de determinada cultura agem de acordo com determinados parâmetros de violência percebida, mais especificamente em nosso esporte objeto de estudo, o MMA.

Longe de gozar de qualquer tipo de unanimidade, a questão da violência nos esportes, bem como a questão da violência originada a partir dos esportes, mostra-se de forma pendular, ora parecendo evidenciar o papel catártico e atenuador das tensões sociais por meio dos esportes violentos, ora apresentando uma relação quase que causal entre a violência oriunda da arena esportiva e a violência manifesta no espaço extra-jogo. Vejamos o que Allen Guttman, em seu ensaio intitulado "The Appeal of Violent Sports", nos traz sobre esta questão.

Guttman começa sua exposição falando dos antigos jogos gregos e, mais à frente, expondo a relação entre a violência do público e dois dos jogos mais populares no Império Romano, as lutas de gladiadores e as corridas de bigas. Para o autor, diferentemente do que tendemos a pensar, salvo raríssimas exceções, após as batalhas entre gladiadores, a violência exercida por parte do público era basicamente nula. No sentido oposto, nas corridas de bigas, competição que gozava de maior prestígio no Império Bizantino - que apesar de seu elevado nível de tensão não poderia ser classificada como um esporte violento -, o público destes espetáculos tendia a se comportar de forma muito mais violenta do que nos combates de gladiadores, tendo inclusive incendiado por inúmeras vezes alguns velódromos, que a partir destes incidentes passaram a ser construídos de mármore, a fim de impedir novos incêndios. Segundo o autor, em um destes episódios de violência deflagrados por parte dos espectadores, uma grande rebelião tomou conta do Império, chegando inclusive a proclamar um novo imperador, substituindo o vigente Justiniano. Tal rebelião só foi controlada após a chegada do general Belizário e suas tropas, com um custo estimado de 30 mil vidas.

No entanto, Allen Guttman também nos trás outros estudos a respeito da violência originada no público, só que desta vez com enfoque nos esportes modernos. Destoando das informações históricas anteriormente por ele trazidas, grosso modo,

quase todos os estudos por ele apresentados tendem a contrariar a tendência em afirmar de que os jogos violentos evitariam uma conduta mais violenta por parte daqueles que assistem a atividade. Segundo estes estudos, a teoria da catarse - que pressupõe uma liberação dos impulsos violentos no decorrer dos jogos - estaria incorreta, já que o que estes pesquisadores apontam é justamente o contrário, que os espectadores tendem a agir de forma mais violenta após assistirem a competições violentas.

O autor termina seu ensaio expondo uma questão apresentada no livro "Sports Violence and The Media", de autoria Jennings Bryant e Dolf Zillmann, que notaram que algumas peças publicitárias de eventos esportivos incluíam imagens de mortes acidentais acontecidas em corridas de barcos.

They wonder if we are involved in a regression toward "gladiator-like combat" (1983, p. 209). The question is a good one. If there has been a "civilizing process" that reduced the level of expressive violence in modern society, it has been less than totally effective. The aficionado of Madrid's bullring is not the only sports spectator who is excited and enthralled by death. Who among the four hundred thousand spectators who gather to experience the excitement of the Indianapolis 500 is unaware of the exciting possibility of a fiery crash? What ringside boxing fan is unaware of the exciting possibility that one of the two physically powerful men—so *alive*—who touch gloves at the start of a bout might, fifteen minutes later, be as dead as the deadest Roman gladiator? Whether we acknowledge it or not, the haunting specter of death is also an aspect—who knows how important?—of the perennial appeal of violent sports.²⁴ (GUTTMANN, 1998, p. 26)

²⁴ Eles se questionam se estamos vivenciando uma regressão para "combates de tipo gladiatorial (1983, p. 209). Esta é uma boa questão. Se tem existido um "processo civilizador" que reduziu o nível da violência expressada nas sociedades modernas, ele tem sido menos efetivo ao invés de totalmente efetivo. O aficionado das touradas de Madrid não é o único espectador esportivo que é excitado e encantado pela morte. Quem dentre os quatrocentos mil espectadores que se reúnem para experimentar a emoção das 500 milhas de Indianápolis ignora a excitante possibilidade de um violento acidente? Que torcedor de uma disputa de boxe desconhece a excitante possibilidade que um dos dois homens fisicamente poderosos - tão vivos - que tocam as luvas antes do início possa, quinze minutos depois, estar tão morto quanto o mais morto dos gladiadores Romanos? Queiramos ou não reconhecer, o espectro fantasmagórico da morte é também um aspecto - que sabe o quão importante? - do apelo perene dos esportes violentos.

Se concordarmos com os autores expostos até o momento, duas hipóteses complementares nos parecem mais adequadas para se tratar da questão da violência: A primeira sugere que a violência nos esportes pode ser considerada um fato quase que perene, presente nas mais diferentes formas e nos mais variados momentos históricos; a segunda sugere que a questão da violência está em grande parte atrelada ao nível de percepção do que se é considerado violento e contra as regras de determinada sociedade, sendo portanto fundamental compreender o contexto social, político, cultural e econômico em que estas atividades surgem e, mais ainda, como estas mesmas atividades são recebidas e decodificadas.

Se partirmos desta ideia – de que a violência nos esportes seja principalmente uma questão de percepção -, devemos então entender quais foram os passos que o MMA percorreu para, de alguma maneira, ser aceito socialmente, passar a ser tolerado enquanto esporte/entretenimento que não mais é tomado como sinônimo de violência no sentido puro.

Como anteriormente apresentado, o desenvolvimento dos esportes modernos deveu-se a uma série de fatores que incluem o surgimento de um modo de organização social cada vez mais secularizado e burocrático, altamente voltado para o crescimento das relações comerciais e das transações econômicas, pautadas por um desenvolvimento científico empregado de racionalismo cujo objetivo central é a expansão da produção mercadológica, inseridos em sociedades em que cada vez mais os meios de comunicação e de informações assumem um papel primordial não apenas na transmissão de dados produtivos, mas que, acima de tudo, tornaram-se formas de manifestação da cultura.

Com o contato cada vez mais próximo entre culturas, povos e territórios que antes andavam não tão próximos quanto nos dias atuais – contato pelo menos no nível da percepção, principalmente por meio da troca (nem sempre igualitária, na verdade quase nunca) de informações, ou seja, pelos meios de comunicação -, as sociedades capitalistas contemporâneas caminham cada vez mais para um contexto globalizante, com a aceleração de um processo de conduta múltiplo por parte de instituições e indivíduos, mas ao mesmo tempo mais próximos de um modelo padronizado (neotribos).

O atual processo de desenvolvimento das sociedades capitalistas, apesar de ainda depender intimamente da estrutura estatal, caminha cada vez mais para o fortalecimento de uma economia de livre mercado, neoliberal, cujo ponto principal é a abstenção do Estado nas decisões tomadas em nível global, ou pelo menos uma conduta estatal que cause o mínimo de perturbações para o desenvolvimento do livre fluxo de informações e mercadorias. Privatizações de empresas estatais antes consideradas estratégicas, crescimento do capital volátil e especulativo, queda de barreiras comerciais e menor poder das agências reguladoras, aumento das terceirizações e novas formas de contrato trabalhistas são apenas alguns dos sintomas desta conduta político-ideológica.

Neste contexto, o desenvolvimento dos esportes enquanto formas recreativas de tempo livre ganham cada vez mais espaço, uma vez que se enquadravam perfeitamente nos rumos destas sociedades, sendo uma via de mão dupla em relação a este processo.

No entanto, muito mais do que analisar este movimento enquanto acirramento do poder das empresas em detrimento de um fortalecimento do Estado enquanto ente capaz de gerenciar a vida dos cidadãos, o que nos interessa é buscar compreender quais são as marcas desta forma de organização social no que tange ao agir das pessoas inseridas neste contexto e, mais especificamente, buscar entender como o MMA assume um papel preponderante enquanto esporte altamente praticado e consumido midiaticamente e qual a sua relação com este contexto mais amplo.

Capítulo III – O PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DOS ESPORTES

3.1 – Mídia, esportes e sociedade

Tão logo os esportes galgaram um desenvolvimento rumo à sua atual configuração, assim que as associações desportivas passaram a se proliferar no início do século XVIII não apenas na Inglaterra, mas em toda a Europa, os meios de comunicação disponíveis na época logo começaram a prestar atenção neste novo gênero de notícias. Segundo Daniel Bech e Louis Bosshart, os primeiros artigos relacionados aos esportes apareceram no início do século XVIII. Um dos primeiros registros deste gênero é um artigo datado de 1733, publicado no *Boston Gazette*, que retratava uma luta de boxe disputada entre os atletas John Faulcomer e Bob Russel. Este tipo de material jornalístico era encontrado com certa frequência na seção de notícias locais. Ainda segundo os autores:

The first newspaper with a special sports section was the *Morning Herald* in England (1817), followed by other English and American papers: *The Globe* (England, 1818), *The American Farmer* (USA, 1819), and *Bell's Life* (England, 1824, published on Sundays). *The Times*, the conservative London paper, introduced its sports section in 1829. All these sports sections contained local news, as telegraph transmission was not yet available.²⁵

Os esportes com maior visibilidade e capilaridade na época eram o boxe, o ciclismo, as corridas de cavalo, o baseball e o futebol.

Processo semelhante pôde ser observado em terras brasileiras, quando notas sobre a realização de eventos de turfe e seus resultados eram frequentemente publicados nos jornais cariocas no início do século XIX. (MELO, 2012)

²⁵ Tradução livre: O primeiro jornal com uma seção especial dedicada aos esportes foi *Morning Herald*, na Inglaterra (1817), seguido por outros jornais Ingleses e Americanos: *The Globe* (Inglaterra, 1818), *The American Farmer* (EUA, 1819), e *Bell's Life* (Inglaterra, 1824, publicado aos domingos). *The Times*, o conservador jornal londrino, introduziu a sua seção de esportes em 1829. Todas estas seções esportivas continham notícias locais, já que as transmissões telegráficas ainda não estavam disponíveis.

Não buscaremos aqui o relato histórico da imprensa esportiva, mas sim refletir sobre o papel que os meios de comunicação de massa tiveram na proliferação do esporte moderno.

Talvez seja impossível determinar todas as condicionantes responsáveis pelo desenvolvimento destas duas atividades, dos esportes e do jornalismo dedicado à cobertura esportiva. Como sugere Victor de Mello em sua pesquisa historiográfica, é difícil precisar se os esportes cresceram por conta da imprensa ou se o desenvolvimento de uma imprensa esportiva foi fruto de uma busca e um interesse do público por este tipo de informação.

Enfim, a imprensa esportiva progressivamente noticiou o esporte porque ele crescentemente tornou-se uma prática socialmente valorizada, e a prática também se tornou crescentemente valorizada porque foi progressivamente noticiada na imprensa. Nem só causa, nem só consequência: causa e consequência. (MELO, 2012, p. 121)

Aceitando esta simbiose entre o desenvolvimento de uma imprensa voltada para a cobertura esportiva e o desenvolvimento dos esportes, chegamos a um ponto fundamental de nossa análise, que é a que assume que os esportes contemporâneos não mais podem ser entendidos de forma dissociada dos meios de comunicação. Esta simbiose vai além do simples relato dos fatos esportivos, chegando mesmo a interferir na configuração dos próprios jogos.

Na verdade, os meios de comunicação como fontes mediadoras entre realidades, permitem que o jogo desenvolva-se para muito além do campo de competição, da arena, ampliando os fatos esportivos de forma exponencial. A grande atenção dada aos jogadores, aos bastidores das competições, aos dirigentes esportivos, aos estádios, e à própria torcida, mostram como os esportes, de forma geral, não devem ser entendidos somente enquanto jogos isolados da realidade em que estão inseridos.

Cria-se na verdade um circuito de íntima dependência entre estas duas esferas, já que os meios de comunicação são as únicas ferramentas disponíveis para elevar qualquer jogo a um nível de significação que extrapole as barreiras físicas do *locus* das competições.

A queda das barreiras territoriais proporcionada pelos meios de comunicação lançou na verdade novas possibilidades de identificação e de sociabilidade, potencializadas de forma que modificaram a própria estrutura dos espetáculos esportivos.

Se no início os clubes desportivos cumpriam uma função de amálgama social restrito a pequenos grupos, voltados para interesses específicos de uma determinada classe social ou grupo de aficionados, com os meios de comunicação esta sociabilidade antes mais segmentada é conduzida para outros níveis.

Amplia-se a rede de torcedores, de fãs. Os campeonatos deixam de lado o bairrismo e ganham monta mundial. Os ídolos do esporte tornam-se celebridades, cujas vidas e ações dentro e fora de campo tornam-se produtos de interesse por uma gigante parcela de pessoas, servindo muitas vezes de modelo de conduta ou de figuras que personificam uma posição social almejada.

Se devemos reconhecer que este processo de identificação não é de todo novo no campo dos jogos – o reconhecimento dado aos competidores das antigas olimpíadas gregas ou mesmo a idolatria gerada por muitos gladiadores romanos são apenas alguns dos exemplos mais “batidos” -, já que o vitorioso no jogo em muito assemelha-se ao herói mitológico nos moldes descritos por Campbell, também devemos reconhecer que as mídias geraram novas formas de identificação com este herói, ampliando por uma série de artifícios e recursos a exploração de sua figura.

É o que nos traz Morin em *Neurose*, que busca entender como as figuras icônicas não apenas do esporte, mas do mundo midiático são trabalhadas e consumidas por uma legião de seguidores. Esta busca de identificação com estas celebridades, segundo Morin, deve ser entendida pelo duplo caráter destas pessoas que, se por um lado realizam feitos intangíveis para a grande maioria da população, por outro demonstram a sua humanidade numa série de ações que os impedem de habitar em definitivo um espaço extraterreno.

Um Olimpo de vedetes domina a cultura de massa, mas se comunica, pela cultura de massa, com a humanidade corrente. Os olímpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação. Concentram nessa dupla natureza um complexo virulento de projeção-identificação. Eles realizam os fantasmas que

os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário. A esse título os olímpianos são os condensadores energéticos da cultura de massa. Sua segunda natureza, por meio da qual cada um se pode comunicar com sua natureza divina, fá-los participar também da vida de cada um. Conjugando a vida quotidiana e a vida olímpiana, os olímpianos tornam *modelos de cultura* no sentido etnográfico do termo, isto é, modelos de vida. São heróis modelos. Encarnam os mitos de auto-realização da vida privada. (MORIN, 1997, p. 107)

Os esportes, assim como o cinema, a telenovela, fornecem estes modelos de projeção-identificação, ora mostrando uma vida que não pode ser vivida por todos, ora mostrando o que os torna iguais aos demais indivíduos.

Sobre este aspecto, é interessante também voltarmos um pouco ao que já expusemos sobre a teoria de Roger Caillois, que aponta o declínio da máscara e da vertigem e a disseminação do mérito e da sorte como as principais características das sociedades complexas. No entanto, apesar de não mais conservar o seu papel central, a *mimicry* ainda encontra um espaço fundamental para se desenvolver, uma espécie de espaço compensatório para os ditames da dupla agôn-alea. É o mecanismo da delegação, basicamente o mesmo processo de projeção-identificação defendido por Morin, que permite que os indivíduos “comuns” possam de alguma forma viver, mesmo que por breves momentos e de forma caricata, a vida de seus ídolos.

Um mimetismo larvar e benigno fornece uma inofensiva compensação a uma multidão resignada, sem esperança nem propósito firme de ascender ao universo de luxo e de glória que a deslumbra. A *mimicry* surge difusa e adulterada. Privada da máscara, já não conduz à possessão e à hipnose, mas sim à mais vã das ilusões, a que desponta no fascínio de uma sala escura ou no estádio ensolarado, no momento em que todos os olhares se fixam nos gestos dum luminoso herói. É refletida indefinidamente pela publicidade, pela imprensa e pela rádio. Identifica, de longe, milhares de vítimas paralisadas com os seus ases favoritos. Fá-los viver em imaginação uma vida plena e sumptuosa, cujo quadro e cujos dramas lhes são diariamente descritos. Embora a máscara já só se use em ocasiões especiais, ou quase se não use, a *mimicry*, agora infinitamente exposta aos olhos de todos, serve de base ou de contrapeso às novas normas que governam a sociedade. (CAILLOIS, 1990, p. 149)

Neste sentido, os meios de comunicação não apenas permitem uma disseminação maior do jogo em si, de determinado esporte ou espetáculo, mas geram um verdadeiro novo mundo que possibilita a inserção e identificação psíquica dos indivíduos com alguns modelos ideais, que logo serão amplamente explorados de diversas formas, tanto comercialmente quanto ideologicamente.

As marcas deste belo casamento – cujo divórcio nem passa pela cabeça de seus cônjuges – podem ser encontradas desde a publicidade dentro e fora da arena, pelos produtos derivados do jogo (brinquedos, mascotes, jogos eletrônicos que reproduzem o jogo etc), ou mesmo na alteração nos horários das transmissões esportivas para melhor se adequarem à grade dos grandes veículos de comunicação (BOURDIEU, 1997; MÜLLER, 1996).

As Artes Marciais Mistas já nascem neste contexto matrimonial entre mídia e esporte, sendo pensadas desde o início para inserirem-se plenamente nele. Se nos lembrarmos do processo de criação do UFC, desde a escolha dos lutadores até a concepção do ringue octagonal, lembrar-nos-emos que, inicialmente, seu objetivo era muito mais a criação de um produto midiático do que uma disputa esportiva. Obviamente que não devemos excluir a vontade de algumas pessoas em de fato desenvolver as lutas e torna-las “esportivas”, assim como fala Rorion Gracie sobre seu objetivo principal com o UFC, o de disseminar o jiu-jitsu brasileiro mundo afora. No entanto, sem todo o aparato midiático montado em torno do evento, que foi se rebuscando ao longo do tempo, principalmente após a compra do torneio pela empresa Zuffa, dificilmente veríamos o MMA com a permeabilidade que hoje usufrui.

Ainda nesta toada, além desta simbiose mais nítida, da mútua dependência entre as duas esferas, a esportiva e a midiática, precisamos refletir sobre o papel das mídias em geral para a construção de uma sociedade que, grosso modo, podemos chamar de globalizada.

3.2 - MMA: o esporte do capitalismo globalizado

Podemos dizer aqui, sem nos apegarmos muito à terminologia, mas sim às características do fenômeno, que estamos caminhando a passos largos para a criação de uma virtualidade (entendida aqui no sentido de possibilidade) comunicativa global.

Isso quer dizer que, mesmo que queiramos negar, estamos entrando em contato cada vez mais constante com tecnologias de informação e comunicação que nos permitem o reconhecimento da possibilidade de existências e de formas de ser que antes nem sequer eram cogitadas. Vivemos um alargamento da possibilidade de contato entre as culturas. Possibilidade esta que poderá ou não ser efetivada em decorrência de uma série de ajustes finos entre condições de produção material, de acesso às ferramentas, de domínio e reconhecimento da nova dinâmica tecnológico-comunicacional colocada, da imposição das instituições, e mesmo das vontades subjetivas mais arraigadas aos indivíduos e comunidades.

Como traz Armand Mattelart (1994 ; 2002), essas transformações pelas quais os meios de comunicação passaram para se constituírem tais quais os conhecemos hoje, foram fortemente atrelas às ideias imperantes de racionalização e progresso forjadas no iluminismo e levadas a cabo pelos Estados e empresas. Os meios de comunicação de massa e, mais posteriormente, os meios de comunicação segmentados (se é que podemos concebê-los desta forma) possuem em sua gênese a vontade de expandir, que tem na noção de fluxo seu principal sustentáculo. Fluxo de informações e capital, capaz de percorrer todo o globo ao mesmo tempo, dando-o uma imagem de totalidade e vendendo uma ideia de relativo controle.

Concordamos com Mattelart no que tange à mundialização da economia, às estruturas do sistema e às forças motrizes da expansão da comunicação; no entanto, resta buscar entender quais são os usos, as práticas e condutas tanto individuais quanto coletivas desencadeadas pelo contato com este novo *status quo*.

As linhas interpretativas e ideológicas que se ramificam a partir desta constatação – a de uma mundialização da possibilidade de comunicação – são várias, ora pendendo para o deslumbre, para a euforia frente ao novo mundo de possibilidades, ora pendendo para evidenciar o aumento das desigualdades e a dissolução dos antigos modos de vida, das culturas antes bem delimitadas e estabelecidas, apontando as mazelas do capitalismo globalizante.

Assumiremos aqui que o processo de globalização não é único e homogêneo, mas sim multifacetado. De um lado temos o crescimento dos fluxos de informação e de capitais, de aumento da produção e circulação de mercadorias em nível global e, por outro lado, temos também um aumento da concentração de poderes em grandes

conglomerados empresariais, que aumentam a desigualdade da distribuição desta produção global. (HOBBSAWM, 2000)

Deixando um pouco de lado os aspectos econômicos mais evidentes e partindo para uma compreensão da significação e da identidade dos indivíduos e comunidades que são perpassados pela globalização, como nos lembra Stuart Hall, a ampliação das fronteiras sensíveis tanto individuais quanto coletivas, em linhas gerais, permite a identificação de dois movimentos básicos: a tradição e a tradução. A primeira equivaleria à busca de raízes, à busca de uma identidade coletiva anterior à atual, buscando num passado glorioso – na maior parte das vezes um passado muito mais fantasioso do que propriamente factível – a ancoragem comunal no mundo. O segundo movimento, a tradução, estaria calcada na tentativa de reconhecer o elemento até então “alienígena” e buscar integrá-lo à dinâmica da comunidade, objetivando a manutenção de suas particularidades sem, no entanto, impedir a sua “contaminação” com o diferente.

Os esportes em geral, e mais especificamente o MMA, quando inseridos neste novo contexto, permitem amplamente o reconhecimento desta tensão, já que os valores encenados no ringue muitas vezes pendem para um apelo ao tradicional (vale lembrar, por exemplo, que os lutadores são identificados por sua nacionalidade, alguns entram carregando bandeiras de seus países) e ora pendem para a hibridização (retomando a nacionalidade dos lutadores, muitos deles não concedem entrevistas em seu idioma nativo, mas sim em inglês, língua que atualmente se configura como ponta de lança da comunicação em nível global).

Nesta tensão entre culturas e modos de vida diferentes, quando as barreiras culturais mais estreitas e o senso de comunidade fundada na proximidade física são remodelados e deixam de ser as únicas possíveis, é “natural” esperarmos que as pessoas e comunidades impelidas a reconhecer esta dimensão maior, “global”, busquem simbolizá-la de diversas maneiras.

Anthony Giddens sistematiza de forma bastante clara este processo de interligação entre as culturas, principalmente no que tange às percepções identitárias inseridas neste contexto, nomeado por ele de “modernidade tardia” (em linhas gerais, este conceito em muito se assemelha ao conceito de modernidade líquida utilizado por

Baumann, ou mesmo o conceito de pós-modernidade também utilizado por este autor.)

Nas condições da modernidade tardia, vivemos “no mundo” num sentido diferente do de épocas anteriores da história. Todo mundo ainda continua a viver uma vida local, e as limitações do corpo asseguram que todos os indivíduos, a todo momento, estarão contextualmente situados no tempo e no espaço. E, no entanto, as transformações do lugar, e a intrusão da distância nas atividades locais, combinada com a centralidade da experiência transmitida pela mídia, mudam radicalmente o que “o mundo” é na realidade. Isso se dá tanto ao nível do “mundo fenomênico” do indivíduo quanto ao do universo geral de atividade social dentro do qual a vida social coletiva transcorre. Embora todo mundo viva uma vida local, os mundos fenomênicos da maioria são verdadeiramente globais. (GIDDENS, 2005, p. 173)

O MMA, de alguma forma, insere-se culturalmente de forma bastante eficiente enquanto esporte capaz de simbolizar e dialogar com estes novos valores crescentes. Mesmo que a globalização – ou qualquer outro termo adjacente capaz de dar conta deste aumento dos fluxos informacionais e a relativização das barreiras físicas e psíquicas antes bem delimitadas - não seja um processo pleno, igualitário e espontâneo, mas fruto de um projeto de iluminista de sociedade, de interligação de todo o mundo e da liberalização dos fluxos de informações e capitais, os indivíduos tocados por este processo necessitam de mecanismos e formas de reconhecer este novo cenário e nele atuar. De forma paralela ao processo de formação dos esportes modernos observado por Dunning & Elias, que simbolizavam o processo de parlamentarização nas atividades recreativas da elite, o MMA também simboliza este novo contexto das sociedades capitalistas contemporâneas.

Mesmo que ideologicamente e nunca plenamente realizável, a globalização vende uma ideia de distribuição e ocupação igualitária tanto das atividades produtivas quanto das atividades lúdicas. A grande sedução do discurso da globalização, da queda das barreiras e das fronteiras, é a de vender a ideia da possibilidade de ação quase que ilimitada por parte dos indivíduos, a ideia de que estes podem agir e se movimentar livremente pelo mundo, aproveitando agora das “delícias” que cada canto do globo tem a oferecer. Se é verdade que uma ínfima parcela da população mundial de fato

usufrui deste lado “positivo”, tem os meios e, acima de tudo, a permissão para andar de forma desimpedida pelo mundo, os que não fazem parte desta elite global continuam uma vida resignada e obediente aos desmandos desta mesma elite que gerencia de forma estratégica a aplicação dos recursos naturais e humanos em escala global.

Voltamos a insistir que, apesar de as possibilidades oriundas da globalização não serem usufruídas de forma plena por todos, ao menos em nível ideológico, as pessoas vivem este espírito. Os meios de comunicação ajudam a manter a ilusão da plena possibilidade, da capacidade do indivíduo, da troca livre de informações e da possibilidade empreendedora individual.

Com o fim das disputadas bélicas e ideológicas que, direta ou indiretamente, dominavam o mundo entre os períodos pós-segunda Guerra e dissolução da União Soviética, o que antes era polarização entre os dois blocos, o capitalista e o comunista, agora é vendido como multicultural, como plural.

A ideologia imperante é a de que não mais existem mundos e atitudes a serem moldados, corações e mentes a serem conquistados, mas sim a de se viver plenamente enquanto indivíduo capaz de dialogar com este novo cenário e transitar de forma plena pelas diversas culturas e terrenos, sempre aproveitando as possibilidades que a interligação da comunicação e das mercadorias possa vir a oferecer.

Antes de frutificar, no entanto, o MMA precisou de uma semente que encontrou um solo bastante fértil, que permitiu o seu desabrochar. Para atingir a dimensão que possui atualmente, o MMA precisou buscar um território “neutro” para fundar seus alicerces, no caso, o território brasileiro, tendo no BJJ (Jiu-Jitsu Brasileiro, em inglês) sua principal arma e “história” fundadora.

A arte marcial aprimorada pelos Gracie era extremamente sedutora para esta nova sociedade que valoriza cada vez mais a hibridização: ela possuía um grande exotismo, era uma arte marcial adormecida para o mundo, uma arte marcial extremamente efetiva e guardada por poucos, originada no oriente e preservada no ocidente, mas acima de tudo era uma arte vencedora, destronava as piruetas e os chutes rodados das artes marciais plásticas amplamente exploradas pelo cinema e pelo videogame e subjugava-as. O Jiu-jitsu brasileiro era um exemplar a ser enaltecido da possibilidade da mistura cultural que deu certo e foi capaz de vencer a tradição.

O papel antropofágico realizado pelo BJJ foi fundamental para a aceitação das artes marciais mistas em nível global. O MMA – majoritariamente o UFC -, vende-se não como uma luta que teve suas bases no oriente, como o judô ou o karatê, por exemplo, que trazem junto de si toda uma carga simbólica, um “senso comum” sobre o que são as artes marciais orientais (pautadas pela disciplina, pelo respeito, pelo desenvolvimento pessoal etc.), nem como o boxe – exemplo de combate que antes do MMA era o que mais representava o “peso” dos valores ocidentais -, mas sim como uma luta engendrada sob novos matizes, com uma carga simbólica que, se não neutra, é a que mais se aproxima de uma ideia mestiça, híbrida por excelência, permeável, absorvente e criadora.

Soma-se a isto o fato de que, com o aumento da dissolução do poder dos Estados e da mudança gradativa na forma de se pensar o mundo, as instituições e as ações coletivas e a acentuação do poder e da liberdade dos indivíduos - processo este que chamaremos de pós-moderno – a insegurança que antes tinha causa concreta aparente, o inimigo externo ou interno sempre à espreita, agora torna-se dispersa, sem causas sociais aparentes. O peso recai no indivíduo ou em grupo cada vez mais segmentados, as neo-tribos. Daí, segundo Bauman, grande parte da violência pós-moderna pode ser explicada desta forma, pela busca da reafirmação individual e grupal por meio da solidificação de sua imagem. Aceita-se e valoriza-se a violência, o aumento do impacto como forma legítima, na verdade a única capaz de fazer o indivíduo mostrar-se e ser reconhecido. Ampliaremos este posicionamento buscando paralelos com o crescimento do MMA.

A recoletivização da violência no serviço da autoafirmação neotribal é apenas um dos resultados da privatização pós-moderna dos problemas de identidade. O outro é a tendência a mobilizar formas de violência gradualmente “normalizadas”, legalmente permitidas e culturalmente aprovadas no processo de autoafirmação individual. Este é agora cada vez mais orientado pela busca de flexibilidade e permanente abertura de opções, pelo ressentimento de se estar vinculado às necessidades dos outros e pela relutância em se aceitar uma inconveniência que não traz nenhum benefício visível para a satisfação dos prazeres de alguém. (BAUMAN, 2011, p. 215)

Se num contexto moderno, num Estado ou numa sociedade com propósitos e “missões” relativamente bem estabelecidos, com instituições fortes capazes de manter

a coesão interna, a identificação coletiva e a ação individual eram mais fáceis, num contexto pós-moderno de relativização de enfraquecimento (para não dizer queda) dos modelos consagrados de organização social e de distribuição dos papéis sociais, são os pequenos grupos de interesse e os indivíduos que devem, agora, lidar com o mundo e com os outros da melhor forma possível. Se nas sociedades modernas clássicas o papel social a ser cumprido pelos indivíduos era claro – assim como era claro o desviante, o incapacitado e o degenerado -, nas sociedades pós-modernas, a moral é muito mais relativista. Ao menos ideologicamente, o “faça você mesmo”, “seja você mesmo”, “viva intensamente” são as palavras de ordem que vem substituir as antigas “abaixo a ditadura”, “a burguesia fede” e tantas outras.

Esta nova forma de sensibilidade e de reestruturação social, como já dissemos, evidentemente, deverá ser levada em conta para a busca de explicações plausíveis que justifiquem a cada vez maior a aceitação por parte dos indivíduos das lutas de MMA.

A nossa é a primeira cultura na história a não premiar a duração e a conseguir fatiar o tempo de vida em séries de episódios vividos com a intenção de protelar suas consequências duradouras e evitar compromissos firmes que tornariam tais consequências restritivas. A eternidade não importa, a não ser para a experiência instantânea. O ‘longo prazo’ é apenas um pacote de *Erlebnisse* de curto prazo, receptivo a um incessante embaralhamento e sem uma ordem privilegiada de sucessão. O infinito foi reduzido a uma série de ‘aqui e agora’; a imortalidade, à interminável reciclagem de nascimentos e mortes. (BAUMAN, 2009, p. 313)

O refluxo das grandes narrativas totalizadoras abre espaço para a ascensão de novas narrativas, mais adequadas ao novo contexto das sociedades capitalistas contemporâneas. Não é de se estranhar que o surgimento e a busca por novos jogos, por novos esportes, ganhe tanta importância. O MMA, dessa maneira, pode ser encarado como um novo espaço narrativo da modernidade líquida (ou pós-modernidade). A reciclagem de nascimentos e mortes sugerida por Bauman é metaforizada nas lutas, que acontecem uma após a outra, cada uma encerrando em si uma narrativa, um desfecho, que culmina com a vitória de um e derrota de outro, metáfora plena da relação vida e morte. A própria dinâmica do MMA, principalmente o UFC, de não possuir uma tabela de pontuação – ele não segue, por exemplo, a mesma lógica de um campeonato de futebol - está em plena sintonia com este

“espírito”. Uma noite do evento, que engloba aproximadamente 10 lutas, cria uma concatenação de narrativas que, apesar de dentro de uma narrativa maior – a noite do evento – raramente tecem conexões profundas umas com as outras: cada luta é uma narrativa, cada luta encerra um mundo em si mesmo. A própria escolha dos lutadores que compõem o card (relação das lutas do evento) é feita de forma subjetiva, não seguindo um sistema racional de pontuação. Os dirigentes e empresários do evento são quem combinam as lutas e, para tanto, seguem motivações que muitas vezes não são explícitas e tangíveis a todos os que acompanham o esporte.

Entretanto, apesar do espectador deste esporte/espetáculo não poder acompanhar de antemão a “escalação” das lutas, tal configuração talvez seja justamente uma explicação e um “sintoma” dessa nova dinâmica social.

Tal lógica exige menos esforço, exige uma menor doação e participação do “eu” na constituição de uma macro-narrativa (retomando o exemplo do futebol, geralmente podemos dizer que o torcedor deve acompanhar todas as partidas de um campeonato, já que o resultado da partida anterior geralmente influencia na partida futura a ser jogada e, muitas vezes, o resultado dos jogos de outros times também influi na classificação), liberando-o para a fruição momento a momento, um momento breve que será rapidamente substituído por outro. A lógica da adesão-distensão constantes na busca do máximo de gozo no menor espaço de tempo possível é a que impera.

Não queremos com isso decretar o fim das grandes narrativas, mas sim demonstrar o surgimento de uma nova dinâmica social que corre em paralelo à antiga. Falamos aqui do reino da ambiguidade e, portanto, apenas buscamos sugerir uma possibilidade de abordagem do fenômeno estudado.

É interessante também nos atentarmos às alterações de condutas dos indivíduos apresentadas por Anthony Giddens, em seu livro “Modernidade e Identidade”. Segundo o autor, vivemos num momento por ele denominado de “modernidade tardia” ou “alta modernidade”. Na apresentação de seu livro, ele nos diz:

As instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto a seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global. No entanto, essas não são apenas transformações em extensão: a

modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e portanto com o eu. Uma das características distintivas da modernidade, de fato, é a crescente interconexão entre os dois “extremos” da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro. (GIDDENS, 2002, p. 9)

Neste novo mundo global, de queda das certezas e dos caminhos únicos, o trilhar dos cidadãos inseridos neste contexto – ao menos no nível perceptivo – passa a ser uma questão de escolha, uma avaliação dos riscos. Giddens nos diz que vivemos em uma “sociedade do risco”, onde cada atitude passa a ser tomada mediante a análise de seus prós e contras, análise esta que recai cada vez mais sobre os indivíduos. Os exemplos são fartos, como no caso da medicina, por exemplo, que pode oferecer uma enorme gama de possibilidades de tratamentos para um problema: são escolas médicas que adotam procedimentos dos mais variados, cada um deles contanto com ampla rede de amparo às suas premissas, fiando-se em vários sustentáculos capazes de demonstrar a sua eficácia. No entanto, se todas são plausíveis e não mais existe unanimidade em relação ao tratamento, quem fará a escolha será o próprio paciente, ele será o gestor de seus próprios riscos. Difícil afirmarmos de forma contundente o que é melhor ou pior, a unanimidade ou a pluralidade dos procedimentos a serem adotados, no entanto, o que vale é a evidência de que esta nova dinâmica altera de forma profunda a percepção de mundo outrora dominante.

A argumentação tecida até agora vai no sentido de buscar compreender a atividade para além de seu aspecto mais rapidamente apreendido, a questão da luta, da violência, e caminha na direção de buscar evidenciar como este forte elemento agonístico tem muito mais a dizer sobre uma nova cultura emergente do que o simples jorrar do sangue. A linguagem da luta, entendida como linguagem do corpo em movimento, é tão antiga quanto a humanidade e, dessa forma, a compreensão de suas premissas é tão facilmente reconhecida por culturas diversas que ela torna-se um “curinga” por excelência desta nova comunidade que cada vez mais reconhece sua “capacidade global”.

Apesar do caráter ancestral da atividade lúdica da luta, não podemos nos esquecer de que o formato que conhecemos hoje como MMA passou por uma série de “filtros” e restrições com o objetivo de modelar-se aos valores normativos das sociedades capitalistas contemporâneas.

A atividade do MMA possui esta múltipla faceta: por um lado, enquanto atividade física, é uma das que mais se aproxima da liberdade lúdica (vale lembrar que o espírito agonístico é uma das principais características de qualquer tipo de jogo), é de fácil compreensão perante uma comunidade global e, por outro lado, as suas características também evidenciam um projeto de sociedade no qual a atividade se insere. Um projeto de sociedade pautado pelo desenvolvimento da lucratividade, do progresso linear e exponencial, do livre e veloz fluxo de informações e capitais e da ampliação do consumo em todos os níveis, tanto material quanto simbólico.

Ao mesmo tempo em que é uma atividade “aberta”, o MMA é também amplamente contaminado (na verdade, como esporte/espetáculo ele já nasce com essa proposta) pelo American Way of Life, pela ideia do *self-made man*, pela ideia da distensão máxima das regras (livre mercado, por exemplo) e do empreendedorismo, com a noção de que todos possuem as mesmas condições e, assim, que vença o melhor (darwinismo social).

No capítulo seguinte, buscaremos entender, então, como a mídia brasileira, em específico a Rede Globo de Televisão retrata esta atividade, quais são os pontos acentuados ao se referir ao fenômeno, como são retratados os atletas e dirigentes, como a violência dos combates é discutida, e como o discurso midiático em relação ao MMA ancora-se na instituição esportiva para validar a atividade, etc.

CAPÍTULO IV – PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DE ANÁLISE

4.1 Pressupostos Analíticos

Para balizar nosso estudo e buscarmos melhor entender como se estabelece a relação entre o momento histórico contemporâneo e as suas representações na sociedade, optaremos por uma investigação não restritiva, ou seja, por uma análise que consiga incorporar matizes diversos e que, dessa forma, amplie ao máximo a nossa discussão acerca da construção dessa grande narrativa esportiva, a do MMA.

Por acreditarmos que o espaço midiático - entendido em sua forma mais ampla - tenha um papel fundamental na dinâmica das sociedades contemporâneas ditas modernas (ou pós-modernas), buscar entender a forma como se operam as relações entre os *media* e os mais diversos grupos sociais e indivíduos torna-se questão de primeira importância.

Para realizar tal empreitada, optaremos por um recorte que busque entender a mídia como um campo sujeito às mais diversas influências - de ordem organizacional, empresarial, ideológicas, subjetivas, culturais etc - objetivando distanciarmo-nos de uma visão maniqueísta, que encara a prática midiática ou como uma simples embudadora de padrões e normas de conduta ou como uma representação objetiva do real.

Se realmente desejamos nos afastar de tais concepções fatalistas e fechadas, devemos explorar ao máximo as contradições explícitas e implícitas que permeiam o fazer midiático, buscando identificar quais são os processos, as relações de poder, os agentes, os sujeitos, os objetos, o contexto e demais fatores que modelam e repercutem não apenas no produto acabado, mas também nas suas implicações e reverberações mais amplas.

Ao tomarmos tal postura, não nos isentamos de assumir nosso papel como sujeito e agente deste mesmo processo, sendo nossa análise também condicionada pelos mais diversos fatores objetivos e subjetivos e, portanto, não pretende ser totalmente neutra ou imparcial, assumindo toda a contradição inerente a ela.

No entanto, para não cairmos num relativismo onde tudo é válido, nem nos fecharmos em padrões analíticos estritamente objetivos, optaremos por um respaldo teórico (já que não podemos encará-lo como um procedimento metodológico sistemático) que permite tal mobilidade: a Análise de Discurso, mais especificamente a de origem francesa (AD).

A opção por tal arcabouço teórico repousa na possibilidade de entender os discursos sobre o esporte alvo de nossa investigação, seja no plano jornalístico ou de entretenimento, de forma relacional, dialógica e polifônica, ou seja, conforme dito acima, compreendê-los como um processo de embates contraditórios e repletos de variáveis condicionadas e condicionantes por fatores múltiplos.

Na Análise de Discurso, um discurso só pode ser produzido a partir da interação entre interlocutores e sua realidade é histórico-social. Ao apontar para as condições de produção de um discurso, a AD tenta trazer à tona elementos que indiquem os condicionantes sociais de um discurso, sendo este um conceito central nessa teoria. Ou seja, há a interação do sujeito com algo externo a ele (seja o referente, seja seu contexto social), mas essa relação é eminentemente centrada no indivíduo enquanto um ser social. (CASSIANI; GIRALDI; LINSINGEN, p. 2)

Dessa forma, é possível compreender qualquer texto para além de seus elementos expressos, do texto material em si mesmo, permitindo enxergar também os elementos que muitas vezes são omitidos ou dissimulados, conseguindo assim uma amplitude e um leque analítico bastante interessante. Entretanto, isso não significa que devemos buscar incessantemente um sentido oculto no texto, procurando enquadrá-lo em construções demasiadamente abstratas e pré-concebidas, mas sim analisá-lo em sua forma manifesta, como uma construção significativa e viva, permeada por diversas vozes e interesses.

Apesar de parecer contraditória, tal abordagem sobre o discurso, segundo Foucault (apud FISCHER) não pretende emancipá-lo, como se através de sua análise sistemática fosse possível capturar todas as significações existentes, mas sim o contrário.

Na verdade, tudo é prática em Foucault. E tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, ou seja,

enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam. Nesse sentido, o discurso ultrapassa a simples referência a “coisas”, existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera “expressão” de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. É esse “mais” que o autor se refere, sugerindo que seja descrito e apanhado a partir do próprio discurso, até porque as regras de formação, dos conceitos, segundo Foucault, não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (Foucault, 1986, p.70). (FISCHER, 2001. Pg. 4)

Ao assumirmos o jornalismo e o entretenimento como gêneros e processos que, assim como todas as demais atividades humanas, são indissociáveis da linguagem pela qual se manifestam – ou seja, estão imersos num sistema de significações e construções discursivas que estão em constante processo de interação com todos os elementos da vida social – eles deixam de ser encarados como simples relações causais, e passam a ser entendidos como uma construção inter-relacional.

Ao nos apoiarmos na Análise do Discurso, objetivamos entender a mídia como espaço constituído por diversos elementos e interpelado por diversas vozes. Dessa forma, os textos perdem seu caráter totalmente autoral, como representantes claros e objetivos de uma ideia, como se fossem eles próprios totalmente originais e capazes de existência fora de um contexto e de uma conjuntura propícios à sua emergência.

Dois conceitos fundamentais, o de dialogismo e de polifonia, propostos por Mikhail Bakhtin, nos ajudam a melhor elucidar este processo. O dialogismo, basicamente, pode ser entendido como a forma relacional na qual os discursos são encadeados e interagem com as construções sociais. A polifonia, de forma bastante próxima, evidencia a presença das diversas vozes evocadas num discurso, sejam essas as vozes de um período histórico, de uma autoridade, de uma ideologia etc.

Como vimos, a “polifonia” se refere, embora de outro ângulo, ao mesmo fenômeno designado por “dialogismo” e “heteroglossia”. Enfatiza a coexistência, em qualquer situação textual ou prototextual,

de uma pluralidade de vozes que não se fundem em uma consciência única, mas que, em vez disso, existem em registros diferentes, gerando um dinamismo dialógico entre elas próprias. Nem “heteroglossia” nem “polifonia” apontam para a heterogeneidade enquanto tal, mas sim para o ângulo dialógico no qual essas vozes se justapõem e se contrapõem, gerando algo além delas próprias. (STAM, 1992. Pg. 96)

Antes de buscarmos essas vozes no discurso midiático sobre o MMA, entretanto, faz-se necessário primeiramente definirmos o que é o discurso.

Em uma síntese das definições foucaultianas sobre o que é o discurso, Rosa Maria Bueno Fischer aponta que, de maneira geral, o discurso é constituído por enunciados.

Em quase todas as formulações sobre discurso, Foucault refere-se ao enunciado. Discurso como “número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência”, ou como “domínio geral de todos os enunciados”, “grupo individualizável de enunciados”, “prática regulamentada dando conta de um certo número de enunciados” são algumas delas (1986, p.90 e 135). A idéia contida nas expressões “condições de existência”, “domínio”, “grupo individualizável” e “prática regulamentada”, usadas nas definições anteriores, é básica para entendermos a definição de enunciado como “função de existência”, a qual se exerce sobre unidades como a frase, a proposição ou o ato de linguagem. O enunciado em si não constituiria também uma unidade, pois ele se encontra na transversalidade de frases, proposições e atos de linguagem: ele é “sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (p. 32); trata-se de “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que [estas] apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (p. 99). (FISCHER, 2001. Pg. 5)

Dessa forma, o enunciado seria caracterizado por essa “função” de, através de sua manifestação concreta, trazer à tona seus elementos constitutivos. Ainda segundo Fischer, Foucault delimita quatro estruturas básicas da enunciação (ato de enunciar): um referente (a figura para quem o enunciado fala), um sujeito (é quem fala, quem se reconhece na enunciação. Mas esse sujeito também é falado), um campo associado (a quais outros enunciados ele se relaciona e se apoia para construir o discurso) e uma materialidade específica (como ele se manifesta, por qual meio e com quais palavras).

Segundo Eni Puccinelli Orlandi (Pontes, 2003),

(...) a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (ORLANDI, 2003, p. 15)

Ainda segundo a autora, a Análise de Discurso Francesa está inscrita na junção de três campos do conhecimento que se inter-relacionam e, dessa forma, constituem um novo campo do saber: a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise.

Da lingüística, a AD assume diversos conceitos e mecanismos de compreensão do texto como objeto privilegiado de estudo, do Marxismo incorpora e redefine a noção de ideologia e de poder e, da Psicanálise, busca compreender como o sujeito se constitui como tal e como este torna-se agente transformador da dinâmica social.

Este novo campo que se forma, na década de 60 na França, sob o chavão do estruturalismo, busca identificar como os processos ideológicos ocorrem na abordagem discursiva, e estão intimamente ligados ao contexto político e filosófico desse período histórico. (MAINGUENEAU, 1997)

Apesar de se desenvolver majoritariamente sobre uma abordagem que parte da linguagem, a AD não se restringe ao campo da lingüística. Diferentemente de outras abordagens analíticas, que entendem o texto como algo acabado, como fechado em si mesmo, a posição discursiva não o entende dessa forma. O discurso, apreendido através do texto – mas não somente nele – é entendido de forma relacional com a conjuntura em que foi elaborado, com os papéis e jogos de cena, com as impossibilidades de seu meio etc.

Isso significa dizer que o texto está inserido numa historicidade, seja externa ou interna ao próprio texto, e que é manifesta em sua materialidade lingüístico-histórica. Em outras palavras:

Não vemos nos textos os “conteúdos” da história. Eles são tomados como discursos, em cuja materialidade está inscrita a relação com a exterioridade. Entre a evidência empírica e o cálculo formal exato, trabalhamos, na Análise de Discurso, em uma região menos visível, menos óbvia e menos demonstrável, mas igualmente relevante, que é a da materialidade histórica da linguagem. O texto, referido à discursividade, é o vestígio mais importante dessa materialidade, funcionando como unidade de análise. Unidade que se estabelece, pela historicidade, como unidade de sentido em relação à situação.

(...)Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização lingüística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: lingüístico-histórica. (ORLANDI, 2003, p. 68-69)

Dessa forma, a AD se distingue da pragmática anglo-saxônica, que entende o texto como uma unidade terminada e auto-significante, ou mesmo da filologia e da lexicologia, que se atêm unicamente aos aspectos lingüísticos.

No entanto, esta abordagem não impossibilita que o analista do discurso recorra a outros suportes teóricos em seu trabalho. De fato, essa tensão latente entre a língua e o discurso não busca retomar a dicotomia saussuriana língua/fala, onde a língua seria entendida como um sistema constante e a fala sua ocorrência assistemática, mas sim entende que nem a língua é totalmente fechada e nem o discurso é totalmente aberto. (ORLANDI, 2003)

Dentro do próprio discurso, ao tomarmos um enunciado – entendido como uma concatenação de frases, dentro de um texto, mas que possuem uma unidade de sentido própria -, podemos identificar diversas vozes distintas neste texto (polifonia).

Num enunciado, podemos distinguir, por exemplo, o enunciador do locutor. O locutor seria aquele que se assume como o responsável pelo enunciado, o que não necessariamente corresponde ao produtor físico do enunciado. Já o enunciador, diferentemente do locutor, não se assume como autor do enunciado, mas fala através da enunciação. O enunciador seria uma das vozes implícitas na enunciação. “O enunciador representa, de certa forma, frente ao “locutor” o que o personagem representa para o autor em uma ficção. (...) O “locutor” assume as palavras, mas não o ponto de vista que elas representam.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 77)

A partir dessa ótica, podemos inferir que a mídia, entendida como um ambiente de construção múltipla, ao elaborar um discurso sobre determinado tema, recorre de forma consciente ou não a esses elementos, buscando apresentar um determinado acontecimento a partir de concepções forjadas na relação que o sujeito que enuncia estabelece com o referente, com as fontes, com as rotinas produtivas e dinâmicas da empresa etc, assim como com a própria enunciação e, dessa forma, expõe suas interpretações sobre o que seria o “real”.

Ao entender o discurso como um processo de significação, sujeito a diversas coerções de ordem interna e externa, a AD propõe uma nova forma de leitura do texto. Os dizeres não são encarados como mensagens a serem decodificadas, mas “efeitos de sentido” que estão inseridos em certas condições. Nesse sentido, ORLANDI faz uma distinção fundamental entre as diversas formas de se encarar o objeto de análise, distinguindo **inteligibilidade**, **interpretação** e **compreensão**:

A inteligibilidade refere o sentido à língua: “ele disse isso” é inteligível. Basta se saber português para que esse enunciado seja inteligível; no entanto não é interpretável pois não se sabe quem é ele e o que ele disse. A interpretação é o sentido pensando-se o contexto (as outras frases do texto) e o contexto imediato. Em uma situação “x” Maria diz que Antonio vai ao cinema. João pergunta como ela sabe e ela responde: “Ele disse isso”. Interpretando: “ele” é Antonio e “o que” ele disse é que vai ao cinema. No entanto, a compreensão é muito mais do que isso. Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem. Por exemplo, nas palavras de Maria, pode-se compreender que ela não quer ir, ou que Antonio é quem decide tudo, ou que ele está indo em outro lugar etc. (ORLANDI, 2003, p.26)

Isso não significa dizer que a AD busca revelar o real sentido de um texto, trazendo à tona o que foi ocultado de forma premeditada num recurso retórico, mas sim compreendê-lo em sua própria dinâmica. Dessa forma, os discursos não são vistos como claros, objetivos, mas como objetos opacos, constituídos por diversas vozes e significações implícitas e explícitas e que ganham novas significações no contato com seus destinatários.

Outro conceito bastante importante é a noção de “**condições de produção**”, que seria entendido como a relação dos sujeitos com a situação. Quem eu penso que sou, quem eles pensam que sou, quem eu penso que eles pensam que eu sou, o que eu represento em determinado contexto seriam exemplo dessas “condições de produção”.

Segundo ORLANDI, entre as condicionantes da produção, podemos citar a memória como fator relevante. A **memória** é aqui entendida como a utilização de

certos recursos discursivos que estão presentes de alguma maneira num “inconsciente” coletivo. Exemplo disso seriam as palavras: das diversas palavras existentes na língua, ao elaborarmos um enunciado, optamos por certas palavras e não por outras. Fazemos isso porque, consciente ou inconscientemente, sabemos o que estas palavras significam dentro de nosso contexto social, cultural, histórico e político por meio da memória.

Esse conceito possui zonas de convergência com outro conceito relevante, que é o de **paráfrase**. A paráfrase seria a “escolha” de se dizer algo de uma forma e não de outra. Citaremos o exemplo trazido por ORLANDI sobre uma faixa eleitoral dentro de uma Universidade, no período de escolha de seus novos administradores. Numa faixa de um candidato, com fundo preto e com os dizeres “Vote Sem Medo”, a significação decorrente desse texto está condicionada tanto pela memória quanto pela paráfrase. Ela nos diz que, se o escrito e o fundo da faixa fossem outros, por exemplo, um fundo vermelho e o escrito “Vote com Coragem”, a significação obtida provavelmente seria outra.

“Vote Sem Medo” faz alusão direta ou indireta ao autoritarismo. E o fundo preto, sendo o preto a cor historicamente associada ao fascismo, traria implicitamente, em conjunto com o escrito, a idéia de que o outro candidato representa de certa forma tudo isso. Se a faixa fosse outra, de fundo vermelho e escrita com “Vote Com Coragem”, a significação implícita faria alusão ao comunismo, ou à uma idéia genérica de esquerda política (cor vermelha), sendo enfatizada pela palavra Coragem, colocando expectativas no futuro, na renovação e na mudança.

No entanto, ao pensarmos a paráfrase como a possibilidade de se dizer algo de forma diferente, mas que inexoravelmente está dentro de um conjunto pré-determinado de significações, podemos entender de maneira errônea a dinâmica discursiva e, dessa forma, encará-la como estática. É aí que outro conceito chave se faz fundamental: o conceito de **polissemia**. A polissemia representaria justamente a ruptura, atestando a dinâmica da linguagem, onde novos movimentos são forjados e as regras são deslocadas, abrindo espaço para novas significações.

Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o

mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. (ORLANDI, 2003, p. 36)

Mais uma vez salientamos que o processo de significação resultante de determinado discurso não é totalmente manipulável e premeditado, mas sim decorrente desse processo remissivo constante a uma memória coletiva, de determinado público em determinado contexto, e pelas escolhas parafrásticas pensadas ou não, assim como as novas possibilidades abertas pela ruptura das regras e dos padrões enunciativos.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “x” (ilusão da entrevista in loco). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados. (ORLANDI, 2003, p. 32)

Outras noções importantes são as de **interdiscurso**, **intertexto** e **intertextualidade** que, apesar de parecidas não querem dizer as mesmas coisas. De forma sucinta, entende-se por interdiscurso a remissão a outros discursos já ditos, historicizados, mas que, através do **esquecimento**²⁶, tomamos como nosso. Ou seja, só falamos a partir do que já foi dito, não falamos e criamos um sistema simbólico propriamente nosso, mas nos apropriamos dessa simbologia coletiva.

Já por intertexto de uma formação discursiva, “entender-se-á o conjunto dos fragmentos que ela efetivamente cita e, por *intertextualidade*, o tipo de citação que esta formação discursiva define como legítima através de sua própria prática.” (MAINGUENEAU, 1997, p.86)

Por fim, dentro do que chamaremos de “macro-conceitos” da AD, podemos também falar em **relação de força**, que significa dizer que o “lugar” do qual o sujeito

²⁶ M. Pêucheux (apud ORLANDI) faz a distinção entre dois esquecimentos: o número um e o número dois. Este seria de ordem parafrástica, semi-consciente, “de tal forma que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim.” (p. 35); aquele é um esquecimento ideológico, ou seja, “embora se realizem em nós, os sentidos se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não pela nossa vontade.” (p.35)

fala é constitutivo do que ele diz, ou seja, a posição que o sujeito ocupa na sociedade (ex: o professor, o padre, a mãe) reverbera em seu discurso, atribuindo ou refutando a validade de seu discurso.

Vale registrar que os conceitos expostos acima são apenas uma pequena parte de um universo muito mais amplo de conceitos, sejam estes advindos de outras escolas lingüísticas (como a pragmática, a lexicologia, a fonologia etc) e que muitas vezes são incorporados na AD, sejam conceitos advindos de outros campos do saber.

Cabe ainda uma confissão e uma justificativa de nossa escolha por esse conjunto teórico um tanto quanto disperso denominado AD Francesa.

Ao se apoiar em noções e conceitos amplos e que, de certa forma permitem uma flexibilidade na delimitação do corpus analítico e da própria análise, o conceito do discurso como espaço analítico privilegiado perpassado pela ideologia pode nos levar a sentir falta de uma metodologia mais sistemática.

Esta “falta” de uma sistematização, que para alguns poderia tipificar um caráter pouco científico da análise, subjetivista em demasia, é justamente o que, para nós, enriquece a análise, visto que nas ciências humanas em geral, diferentemente do que ocorre nas ciências exatas (e até mesmo nelas), não existem verdades absolutas, mas apenas premissas tomadas de antemão e construídas ao longo da pesquisa, de forma mais ou menos consciente, explícita ou não.

Na Análise do Discurso – mas não apenas nela -, o analista deve ter consciência de que, assim como qualquer outro ser humano, também é influenciado e perpassado pela ideologia, seja ela claramente identificável ou não e que, portanto, sua análise – que também é um discurso – está imersa num arcabouço de determinadas significações, voltadas para determinado “público” e de certa forma intencionais, sendo acatadas ou não pelo leitor.

Além disso, a construção do corpus analítico é uma seleção, apenas um recorte dentro de tantos outros possíveis e que, portanto, não se esgota.

Fazer tais ponderações e assumir a tensão inerente à análise, longe de ser um *mea-culpa* que busca uma cumplicidade com o leitor (será que não?), é mais uma auto-análise que busca explicitar e assumir suas falhas.

Dito tudo isso, cabe agora apresentar e justificar efetivamente nosso corpus de análise. É aí que a remissão aos capítulos anteriores deste trabalho, que realizaram a

discussão “sociológica” e “filosófica” de diversos aspectos dos jogos e dos esportes e, especificamente do MMA, entram em cena.

Acreditamos que a AD nos permite trabalhar de forma satisfatória esses conceitos, já que entende a importância fundamental do simbólico, da ideologia diluída na palavra. Não busca separá-la, entendê-la como algo negativo (a ideologia), mas sim inerente e indissociável à formação discursiva e às representações e construção do “real”.

Sendo assim, delimitamos nossa análise a um determinado conjunto de textos que possuem um fio condutor significativo e que, dessa forma podem ser caracterizados como um discurso. Em nosso caso, como nosso tema central é o MMA e a sua inserção nas sociedades capitalistas contemporâneas, mais especificamente ao crescimento da atenção dada a esta atividade pela mídia nacional, selecionamos como corpus de análise uma série de programas veiculados pela emissora de TV aberta Rede Globo que, de alguma forma, fizeram algum tipo de referência a esta atividade.

Exporemos mais à frente os procedimentos de coleta e seleção do corpus analisado.

4.2 – Apresentação do material analisado e procedimentos de coleta

Apresentados os principais conceitos norteadores dos esportes contemporâneos, as formas como estes são significados e representam uma série de valores imbricados na própria constituição das sociedades, assim como finda a apresentação da trajetória do MMA até os dias de hoje, da sua aparição à sua consolidação, nos deteremos neste espaço à compreensão de como este esporte vem sendo trabalhado pela emissora de televisão aberta Rede Globo, de outubro de 2011 a março de 2013.

Nosso objetivo é entender como a emissora, valendo-se de uma estratégia de autopromoção, buscou de forma sistêmica inserir em sua vasta grade de programação materiais audiovisuais voltados para a promoção do MMA. Seja por meio de matérias jornalísticas veiculadas pela emissora, seja por meio de seus programas de

entretenimento, nosso objetivo é compreender como este metadiscorso vem sendo trabalhado pela emissora.

Para tanto, realizamos uma busca destas diversas manifestações em vários programas da emissora a partir do momento de aquisição dos direitos de transmissão de algumas lutas do campeonato UFC, datada de 27/10/2011.

Por meio de uma classificação da grade de programação, categorizando os produtos midiáticos veiculados pela emissora segundo as suas características fundamentais (jornalismo ou entretenimento), pudemos constatar que, à exceção de poucos programas produzidos pela emissora, a maioria de suas produções retratou, em algum momento, a atividade MMA.

Não incluímos como material de análise os programas esportivos da emissora, visto que nosso objetivo é mostrar que a atividade possui uma permeabilidade dentro da grade de programação da emissora que transpassa em muito a esfera da comunicação essencialmente esportiva. Vale também deixar claro que nossa análise não contemplou as produções regionais, mas somente as produções de abrangência nacional.

Antes de apresentarmos o nosso material de análise, gostaríamos de explicitar a forma como buscamos o nosso corpus. Como já dissemos, nosso objetivo é buscar entender como diversos programas da grade da emissora Rede Globo de Televisão trabalharam de forma cíclica a atividade e, para tanto, tivemos que buscar quando e como o tema MMA foi relatado por estes programas.

Para executar tal tarefa possuíamos algumas opções: a primeira seria a de acompanhar, diariamente, todos os programas da emissora. Por motivos óbvios, esta opção ficou fora de cogitação.

Outra opção encontrada foi a de buscar, no site da emissora ou no site específico dos programas por ela veiculados, algumas palavras-chave, tais quais: MMA, UFC e o nome de alguns dos principais lutadores.

Esta opção, procedimento de busca por nós majoritariamente adotado, apesar de ter sido bastante funcional, também mostrou-se problemática por alguns motivos: nem todo o conteúdo veiculado pela emissora está disponível na internet; muitas das buscas não encontravam resultados, apesar de sabermos, por outras fontes, que os programas trataram do tema.

Uma forma de tentar contornar essa situação foi acrescentar aos mecanismos de busca do site da emissora outros buscadores, principalmente a ferramenta Google.

Apesar das buscas complementares terem sido de bastante utilidade, precisamos ser honestos com o leitor, com nós mesmo e com a pesquisa, e deixar claro que as informações coletadas aqui, apesar da pretensão de dar conta de todas as vezes que o tema MMA veio à tona dentro da grade de programação da emissora desde a aquisição dos direitos de transmissão do UFC, não poderão ser assumidas como dados inconteste, ou seja, alguns programas e conteúdos que trataram da atividade podem não ter sido encontrados em nossa busca.

Apesar desta ponderação, não acreditamos que a falta destes dados seja um empecilho para a nossa investigação. Dizendo de outro modo: caso a nossa hipótese seja confirmada, caso constatemos que, de fato, a emissora Rede Globo de Televisão lançou mão de seus diversos programas com o intuito de promover as lutas de MMA, caso parte deste processo não tenha sido documentada, esta falta de dados apenas endossará mais ainda a nossa hipótese. Ou seja, caso esta pesquisa seja refeita em momento futuro e incorpore os dados que porventura ficaram de fora de nosso corpus, a única possibilidade constativa é de que o tratamento dado à modalidade foi maior do que pudemos demonstrar, nunca poderá vir no sentido contrário, dizer que a emissora empregou menor tempo de sua grade na exposição da temática.

4.3 - Autopromoção e humanização da atividade

Sendo os meios de comunicação brasileiros, principalmente o rádio e a televisão, baseados fundamentalmente num modelo de concessão do uso do espectro eletromagnético público, nosso sistema de desenvolvimento da produção audiovisual, salvo algumas exceções, ficou a cargo de empresas privadas que, apesar de legalmente possuírem atribuições de caráter nacional-desenvolvimentista, sempre tiveram como principal objetivo a consolidação das empresas concessionárias no mercado audiovisual, com gestão pouco ou nada diferente de qualquer outro empreendimento capitalista, pautado pelo crescimento de participação no mercado e pela obtenção do lucro.

Resgatar este histórico de formação do panorama audiovisual brasileiro não é nosso objetivo, esta tarefa já foi muito bem realizada por outros estudos. Nosso objetivo é apenas dizer que, como os meios de comunicação de massa brasileiros são, na prática, empresas privadas voltadas para a obtenção do lucro, não é de se estranhar que suas ações busquem essencialmente a venda de seus produtos.

Há algum tempo, venho defendendo a ideia de que, ao lado das funções tradicionalmente conhecidas para a televisão (informação, entretenimento e educação), existe uma outra que lhe é inerente e que praticamente perpassa as demais: é a função promocional. Isso porque, dado o caráter comercial das emissoras de televisão no Brasil, elas precisam desdobrar-se entre o seu papel de veículo de comunicação (efeito comunicativo) e a sua condição de empresa de atuação no mercado (operação mercadológica), o que as obriga à tarefa simultânea de qualificar sua produção e de buscar a maneira adequada de divulgá-la. (CASTRO, 2010, p. 1)

O discurso autopromocional não é algo novo, nem exclusividade da Rede Globo de televisão, como bem salientado por alguns estudos voltados para esta questão. No entanto, o fundamental para nossa análise é entender como este recurso autopromocional insere-se numa rede maior de significação, estando fundamentalmente atrelado a um processo discursivo voltado à depuração da violência dos combates, buscando de diferentes maneiras a humanização da atividade.

Mais do que a simples publicidade sobre o produto/esporte UFC, buscaremos evidenciar que este processo incide sobre os padrões culturais de uma comunidade, ampliando a possibilidade de significações da atividade, deixando de lado os aspectos mais inerentes ao jogo em si.

Queremos dizer com isso que a exploração de outros valores éticos e morais, tais quais a disciplina, o autocontrole, o direcionamento “saudável” da violência para dentro do ringue, o adestramento do corpo e a melhora de sua condição física, a superação e a possibilidade de ascensão social por meio do esporte etc, constituem verdadeiros pilares de sustentação da atividade.

Este processo de depuração da percepção da violência não deverá ser aqui entendido de forma excludente, como se fosse um procedimento unicamente realizado pela emissora analisada, muito pelo contrário. Queremos, sim, dizer que este processo de depuração, de filtragem, não pode ser entendido de forma alijada dos

padrões culturais, morais e econômicos das sociedades contemporâneas. Além do mais, este trabalho de depuração da atividade a fim de torná-la mais palatável, é também realizado por diversos outros veículos de comunicação que já veicularam ou não lutas deste tipo.

A promoção da atividade é também realizada, a todo momento, pela própria entidade promotora do evento que, por meio da organização de coletivas de imprensa com os lutadores, com a realização de vídeos antes das lutas demonstrando o cotidiano e a história de vida dos lutadores, bem como por meio do lançamento de diversos produtos ligados às lutas, tais quais brinquedos, roupas, jogos eletrônicos etc, também trabalham o esporte em diversos níveis.

No entanto, também acreditamos que todas estas estratégias discursivas e de marketing não seriam totalmente efetivas se, por outro lado, não houvesse uma sintonia entre os valores “publicizados” e os próprios padrões de conduta dos indivíduos inseridos dentro das lógicas de funcionamento das sociedades capitalistas contemporâneas.

Funcionando em uma lógica empresarial, os meios de comunicação de massa, mais precisamente a televisão, lançam mão de sua principal ferramenta, a sua grade de programação para a constituição de audiências e, conseqüentemente, para a venda de diversos produtos.

Se antes a divulgação de produtos de anunciantes e dos próprios programas de uma emissora de televisão eram realizados quase que exclusivamente por meio de spots, de inserções nos intervalos comerciais, ao longo do tempo as emissoras foram incorporando em seus próprios programas outras formas de *publicização*.

Nesse sentido, o gênero promocional televisual: (1) configura-se como um fenômeno de comunicabilidade dentro da mídia, que mobiliza produtores e receptores em diferentes situações de vida; (2) mostra sua vinculação com o mundo, refletindo as contingências da realidade social ou as problemáticas da cultura de massa; (3) instaura, entre a objetividade da informação e a subjetividade do encantamento, um funcionamento narrativo que tem mediação imposta pelo mercado; (4) usa as ações de atribuição de valores positivos / conferência de prestígio como recurso de alimentação e de retroalimentação de seus próprios produtos; (5) caracteriza-se como um gênero híbrido que, na tensão do real, ficcional e lúdico,

propõe um cruzamento de mundos, publicizando e/ou projetando pessoas, ideias, produtos, marcas, serviços. (CASTRO, 2009, p. 57)

Duarte (2009) identifica três principais realidades discursivas utilizados pelos meios de comunicação de massa: a metarrealidade; a suprarrealidade e a pararealidade. A primeira diz respeito aos fatos exteriores ao meio, os acontecimentos sociais que serão retratados pelo meio; a segunda realidade discursiva, a suprarrealidade, não tem necessariamente um referente exterior ao meio, mas pressupõe uma concatenação discursiva coerente consigo própria. São exemplos desta realidade os gêneros ficcionais, tais quais os novelas, seriados e filmes. A terceira realidade discursiva, a pararealidade:

(...) é tipo de realidade veiculada pela televisão que não tem como referência o mundo exterior, mas um mundo paralelo, cujos acontecimentos são artificialmente construídos no interior do próprio meio – constituindo-se naqueles produtos –, alguns tipos de reality shows, talk shows, magazines, que têm por base acontecimentos provocados e controlados pela própria televisão, que então estabelece suas regras de operação. (DUARTE, 2009, p. 90)

As três categorias misturam-se a todo momento, criando um substrato próprio do meio e gerador de um sujeito, o “eu” televisivo. Este sujeito enunciador manifesta-se por meio de estratégias discursivas, como a metadiscursividade e a autoreflexividade. A primeira é fruto da interdiscursividade, da referência a outro discurso anterior, pré-existente, e que é atualizado, resgatado, para ancorar o enunciado.

Já a autoreflexividade, “implica a presença de um sujeito que faça de si próprio objeto do discurso por ele mesmo produzido.” (DUARTE, 2009, p. 91).

Diante destas observações, devemos direcionar o nosso olhar para os meios, buscando entendê-los não apenas como mecanismos mediadores de uma realidade externa, mas paralelamente devemos nos atentar para o seu poder de criar um mundo próprio, um sujeito próprio que se utiliza de diversas estratégias discursivas para ampliar sua visibilidade, para ampliar sua audiência.

Ao observarmos a recorrência a estas estratégias tendo em vista o nosso objeto de estudo, o MMA trabalhado pela emissora Rede Globo, é possível traçarmos um

“mapa” das operações realizadas por este sujeito enunciativo, é possível compreender em quais níveis a atividade foi retratada.

Antes de trazermos os dados deste percurso discursivo, é fundamental que falemos, mesmo que brevemente, do contexto que levou a emissora a investir neste novo conteúdo.

Com já dissemos, as emissoras de televisão, empresas em última instância, buscam a ampliação de suas audiências, buscam identificar novas tendências culturais e de consumo, enfim, novos nichos mercadológicos a serem explorados. O crescimento do interesse pelo MMA, como já discutimos em capítulo anterior, deve ser pensado como elemento componente e evidenciador dos valores normativos das sociedades contemporâneas. Com o surgimento de um novo ciclo cultural, onde os valores da competição e da destreza do indivíduo, de sua força para derrotar um oponente, são cada vez mais valorizados, é “natural” que estas tendências sejam rapidamente incorporadas pelas empresas de comunicação e trabalhadas de forma a criar um novo produto passível de consumo.

Antes da Rede Globo de televisão comprar os direitos de transmissão, as lutas do UFC no Brasil estavam restritas, essencialmente, ao canal por assinatura *Combate*, da *GloboSat*, fundado em 2002. Em TV aberta, a emissora pioneira na divulgação da modalidade foi a *RedeTV!*, por meio de seu programa *UFC Sem Limites*, veiculado de junho de 2009 a dezembro de 2011, que trazia vídeos das principais lutas do campeonato. No entanto, as transmissões não eram ao vivo, e muitas das lutas veiculadas já haviam acontecido há algum tempo. A primeira transmissão ao vivo realizada pela emissora foi o UFC Rio, ocorrido em 27 de agosto de 2011.

Com audiência recorde para a emissora naquele horário, chegando até a superar por um breve momento a *Globo*, líder de audiência brasileira, a *RedeTV!* pode ser considerada como um grande laboratório para a massificação da atividade.

Observado o sucesso e um crescente interesse do público por tais lutas, as emissoras concorrentes logo disputaram o contrato com o UFC, sendo a disputa vencida pela *Rede Globo*, cujos direitos foram adquiridos em 27 de outubro de 2011.

Soma-se ao crescimento das audiências nacionais das lutas de MMA um crescimento simultâneo da atividade em nível global²⁷, assim como a profissionalização da atividade, cada vez mais regrada e, portanto, considerada cada vez mais um esporte.

É a partir do momento da aquisição dos direitos de transmissão do UFC que a Rede Globo amplia o seu discurso sobre a modalidade, dedicando enorme atenção à atividade não apenas em seus programas esportivos, mas sim ao longo de toda a sua grade de programação.

Não é de todo certo dizer que a emissora não fazia menções ao MMA antes da aquisição dos direitos do UFC, já que pudemos constatar em alguns de seus programas a presença do assunto, mesmo que de forma mais dispersa. No entanto, o grande “boom” discursivo se deu quando da compra dos direitos.

Para melhor explorar as estratégias discursivas adotadas pela emissora, optamos por realizar uma breve classificação dos programas que fizeram referência ao MMA em duas categorias básicas: entretenimento e jornalismo. Sabemos que esta classificação, bastante redutora, talvez não seja a mais satisfatória, visto que ela poderia mascarar as condições próprias de imanência de cada discurso inserido em cada programa específico. As discussões sobre gêneros e formatos televisivos possuem grande penetrabilidade nos estudos das mídias, ora pendendo para uma classificação e descrição pragmática, próxima da realizada pelos próprios meios ao referirem-se a seus produtos, ora explorando outros aspectos da dinâmica dos programas televisivos, como as estratégias de comunicabilidade e as relações sócio-históricas e culturais circundantes. Apesar de reconhecermos a importância destes estudos, optamos por não desbravarmos este aspecto dos programas visto que, a nosso ver, alongaríamos por demais o nosso trabalho.

Para “compensar” o fato de não realizarmos uma categorização mais refinada de nossos programas, classificando-os ora como programas de entretenimento, ora como programas jornalísticos, incorporaremos a descrição destas especificidades dos programas ao longo de nossa análise discursiva.

²⁷ A data da primeira transmissão das lutas do UFC na globo, dia 12/11/2011, também foi a data da primeira transmissão deste tipo de modalidade em TV aberta nos Estados Unidos, realizada pela emissora FOX. Inclusive, o nome oficial dado ao evento fora UFC on FOX 1.

Vejamos, então, alguns dados referentes à quantidade de referências feitas ao MMA nos programas analisados: no ano de 2011, antes da aquisição dos direitos de transmissão das lutas, ou seja, até o dia 27/10/2011, foram encontradas nos programas classificados na categoria entretenimento²⁸ 13 referências ao MMA; após a aquisição, no período que vai do dia 27/10/2011 até março de 2013, o número de referências feitas ao MMA foi de 54. Para termos uma comparação temporal adequada, se nos restringirmos ao período de 2011, anterior à aquisição dos direitos, teremos um universo de 10 meses, portanto, o mesmo período após a compra dos direitos é o que deverá ser analisado, ou seja, o período de comparação temporal deverá ser o que compreende novembro de 2011 a agosto de 2012.

Desta forma, no período que vai de janeiro de 2011 até o dia 27 de outubro do mesmo ano foram, na categoria entretenimento, contabilizadas 13 referências feitas à atividade; entre novembro de 2011 e agosto de 2012 este número subiu para 35.

Tais dados evidenciam um maior grau de atenção dedicado à atividade, aproximadamente 169 por cento a mais do que antes da aquisição, no entanto, apesar de servirem para demonstrar que, de fato, a atividade vem sendo trabalhada mais incisivamente pela emissora, precisamos também nos atentar para o caráter dos programas que trataram do tema.

A seguir, apresentaremos um quadro com os **programas de entretenimento** em que foram encontradas referências ao MMA, bem como o número de vezes em que o assunto foi tratado²⁹:

²⁸ Nossa análise deixou de fora os programas esportivos da emissora, tanto o diário Globo Esporte quanto o dominical Domingo Espetacular, bem como o programa Corujão do Esporte.

²⁹ Vale ressaltar que quando falamos em referências feitas ao MMA não estipulamos critérios de tempo, de quantidade ou qualidade, ou seja, 1 entrevista de 20 minutos, em nossa classificação, se iguala a uma esquete de comédia de 2 minutos. O mesmo vale para as telenovelas: tomamos como 1 referência todos os capítulos da novela, ou seja, apesar de as lutas aparecerem em diversos dias da trama, tomaremos a telenovela como um todo de conteúdo.

Entretenimento

01/01/2011 a 27/10/11

Altas Horas: **4**

Fantástico: **3**

Mais Você: **2**

Programa do Jô: **1**

Vídeo Show: **1**

Caldeirão do Huck: **1**

Aventuras do Didi: **1**

Total : 13

De 27/10/11 a agosto de 2012

Domingão do Faustão: **7**

Altas Horas: **7**

Fantástico: **4**

Mais Você: **1**

Programa do Jô: **2**

Vídeo Show: **2**

Caldeirão do Huck: **3**

Novela Fina Estampa: **1**

Esquenta: **1**

Encontro com Fátima Bernardes: **5**

Zorra Total: **1**

Pequenas Empresas & Grandes Negócios: **1**

Total: 35

De setembro de 2012 a março de 2013

Domingão do Faustão: **1**

Altas Horas: **7**

Fantástico: **2**

Auto Esporte: **1**

Programa do Jô: **1**

Caldeirão do Huck: **2**

Encontro com Fátima Bernardes: **1**

Casseta e Planeta: **1**

Bem Estar: **1**

A Grande Família: **1**

Novela Guerra dos sexos: **1**

Total: 19

O primeiro fato a ser notado é a diversificação dos programas: a atividade foi tratada em 5 novos programas quando comparado ao período anterior. Além disso, os

programas que mais devotaram atenção ao MMA foram os de auditório, principalmente os que utilizam-se da entrevista como ferramenta de abordagem.

É o caso do programa Altas Horas e Encontro com Fátima Bernardes. No programa Domingão do Faustão, apesar de certa diversificação em sua estrutura, nos dias analisados, os lutadores foram interpelados, principalmente, por meio das entrevistas. O mesmo procedimento foi adotado pelo programa matinal Mais Você.

Assim, os programas encarregam-se de tratar, a seu modo, do entorno das lutas de MMA, adaptando-o às suas especificidades.

Nessa perspectiva, o discurso da promoção, em consonância com a marca, concentra (1) a necessidade constante de, com a evolução dos comportamentos de consumo, variar suas mensagens, para atingir públicos mais específicos; (2) a diversificação de instrumentos, mudando o discurso de acordo com o suporte escolhido; e (3) a vontade de estreitar os laços com os destinatários, resultando em ações sistemáticas, direcionadas à divulgação dos produtos da emissora e, também, à propagação de sua marca e imagem. (CASTRO, 2009, p. 3)

É interessante notarmos que, diferentemente de uma autopromoção convencional, onde o sujeito promove a si mesmo, ocorre com o UFC um processo um pouco diferente, uma espécie de promoção casada. A organização das lutas, o pagamento dos atletas, a própria geração do sinal no dia da competição, tudo isso fica a cargo da empresa Zuffa!, dona da marca UFC. A Rede Globo é apenas uma retransmissora do conteúdo, cabendo a ela a narração das lutas e nada mais. Obviamente que, ao promover a atividade, valorizando o programa que irá retransmitir, a empresa Globo valoriza a sua grade e amplia a sua captação de recursos publicitários para um horário que, até pouco, não era dos mais valorizados, já que as lutas, geralmente, ocorrem aos finais de semana, no período da madrugada.

Do Jornal Nacional ao Vídeo Show, do Fantástico ao Pequenas Empresas & Grandes Negócios, basicamente todos os programas da emissora assumiram o discurso do MMA, um discurso que fundamentalmente apoia-se em alguns pilares básicos: o discurso esportivo, os discursos derivados do discurso esportivo (superação, garra, determinação, trajetória do herói), o discurso nacionalista, os dramas pessoais e a possibilidade de novos negócios originada com o crescimento da modalidade.

Para ampliar o número de espectadores, para massificar as lutas, a tônica discursiva da emissora precisou ser orientada não apenas para falar das lutas, dos seus resultados, mas fundamentalmente precisou ser direcionada para a “quebra” de um dos aspectos mais impactantes e característicos da própria atividade: a violência.

Se o discurso da autopromoção é moeda corrente nos mais diversos meios de comunicação, seja na promoção de programas produzidos pelas empresas, seja por meio da valorização de determinados personagens e figuras midiáticas, como é o caso dos atletas no geral, para que o MMA de fato se disseminasse, foi preciso um trabalho extra, uma reiteração discursiva mais intensa do que a maioria das outras atividades e programas já consolidados.

Ou seja, a participação de um artista de telenovela ou mesmo de um jogador de futebol em programas de auditório, ou num programa de entrevista, não é algo novo. No entanto, a atividade por eles praticada inscreve-se em um espaço já consolidado, suas atividades geralmente não são fontes polêmicas: não é necessário justificar perante o público a existência da ficção televisiva ou mesmo das competições esportivas já enraizadas na cultura, como a grande maioria das modalidades olímpicas, por exemplo.

Com o MMA, as suas características mais marcantes, a violência e a agressividade, precisam passar por um processo de atenuação, de filtragem, buscando uma espécie de desvio do olhar do espectador, ou ao menos a ampliação de sua visão sobre a atividade, demonstrando outras de suas características que não as mais latentes.

Vejamos agora como as lutas de MMA foram retratadas pelo **jornalismo** transmitido nacionalmente pela emissora. Em nossa busca realizada no portal Globo.com, bem como nos sites dos telejornais, encontramos ao todo 12 referências ao MMA. Segue o quadro com o número de aparições por telejornal:

Período de janeiro de 2011 a março de 2013

Bom Dia Brasil – 5

Jornal Hoje - 1

Jornal Nacional – 3

Jornal da Globo – 2

Profissão repórter – 1

Apesar de bem menos abundantes do que as aparições na categoria anteriormente apresentada, a do entretenimento, algumas das matérias jornalísticas veiculadas são bastante elucidativas sobre o papel da emissora na busca de audiência para a nova modalidade por ela transmitida

Observemos então, com alguns exemplos, estas estratégias discursivas.

CAPÍTULO V - Análise

5.1 A abordagem discursiva: programas de entretenimento

5.1.1 – Sandy na casa dos campeões

Vejamos o quadro “Sandy na casa dos campeões”, veiculado no programa dominical “Fantástico”, entre os dias 25/03/2012 e 08/05/2012, e que teve como mote a apresentação do dia-a-dia dos lutadores de MMA participantes do TUF – The Ultimate Fighter, reality show em que os vencedores ganham um contrato com o UFC.

Este quadro do programa Fantástico é paradigmático por alguns motivos: primeiro, em se pensando nas estratégias promocionais da emissora, ela efetua neste caso uma promoção tripla: promove-se a emissora, promove-se o reality show e promovem-se as lutas em geral. Em segundo lugar, e talvez mais fundamental, é a escolha da apresentadora do quadro, a cantora Sandy, uma espécie de símbolo jovem de bom comportamento, tipo singular de personagem cujo desenvolvimento e crescimento pessoal e físico foram acompanhados pelas massas, fora televisionado. Celebridade, filha de celebridade, casada com outra celebridade, todas as fases de sua vida foram registradas pelas câmeras, suas canções tocadas nas diversas rádios, suas fotos estampadas nas mais variadas revistas.

Ao escolher esta espécie de “princesinha midiática”, cujas marcas mais evidentes e mais popularizadas são a delicadeza e uma espécie de comedimento no trato e no jeito de falar, a emissora busca atrelar o discurso promocional de seu novo programa, o TUF, a uma realidade discursiva pré-existente. A figura da Sandy, exemplo de boa moça e exemplo de sucesso profissional, serve como uma espécie de figura autorizadora, uma espécie de “censora”, alguém que firma o carimbo e timbra a atividade. Se até a Sandy assiste, que mal teria em também fazê-lo?

O excerto retirado do primeiro capítulo deste quadro é emblemático de como, discursivamente, esta figura de Sandy é trabalhada:

Olha ela aí, a nossa menina de ouro. Mais de vinte anos de carreira, protagonista de novela, cantora, mais de 17 milhões de discos vendidos. Quem será a celebridade que chega agora ao Fantástico

com a missão de mostrar como são os lutadores de MMA quando estão fora do octógono. Sinceramente eu não sei com o que você vai ficar mais surpreso, se é com a história de vida desses futuros campeões ou com a identidade da nossa convidada misteriosa, uma apaixonada por lutas. É a Sandy. Como assim, a Sandy?

O empréstimo que Sandy realiza vai além: ela se declara fã das lutas de MMA e se diz praticante de boxe, algo que num primeiro momento poderia soar um tanto quanto estranho para aqueles acostumados com a figura palaciana da garota. Além do lado passional, Sandy também justifica o ato de gostar da atividade por outros meios, salientando os seus benefícios para o corpo e para a mente.

A primeira vez que eu encontrei com um lutador foi com o Anderson Silva e o Júnior Cigano ao mesmo tempo. Eu pedi para tirar uma foto com eles. Quando eu tô lutando eu sinto que eu descarrego um pouco a minha tensão, então é como meio que uma terapia mesmo, para o meu corpo, para a minha cabeça.

O quadro, além da busca de sustentação e da aproximação da figura de Sandy com a atividade, também busca instruir o telespectador sobre o funcionamento do reality, sobre as suas regras, apresentar seus participantes etc, visto que esta fora a primeira edição do programa no Brasil. (A segunda edição brasileira teve início em 17/03/2013; nos EUA o programa está em sua 17ª edição).

Nos capítulos seguintes, Sandy visita a casa em diversas circunstâncias, e mostra as brincadeiras dos participantes, a bagunça que fazem, a desordem em que a casa se encontra, sempre de forma amistosa, quebrando a imagem do lutador brutamontes e briguento, do pit-boy anencéfalo.

5.1.2 – Anderson Silva no programa Mais Você

No programa Mais Você do dia 07/11/2011, veiculado diariamente pela emissora Rede Globo e conduzido por Ana Maria Braga - espécie que tipifica a figura da mulher de meia idade bem sucedida, descontraída e com ares de moderna, ícone de uma classe média-alta ociosa que tem por hobby os afazeres domésticos, a moda, a

decoreção etc – o convidado foi Anderson Silva, campeão dos pesos meio-pesados do UFC.

Após uma breve apresentação sobre o UFC, sobre a modalidade - evidenciando o caráter instrutivo solicitado pela emissora a fim de promover esta “nova” competição - em tom bastante amistoso, “Já é de casa, seja bem-vindo!”, o lutador é recebido pela apresentadora para falar sobre a luta, que ocorreria no dia 12/11/2011, transmitida pela emissora, entre o brasileiro Júnior Cigano dos Santos e o estadunidense Cain Velásquez.

Ao adentrar o estúdio, Anderson é cumprimentado com beijinhos no rosto e é convidado pela apresentadora para sentar-se junto a ela à mesa e tomar um café matinal.

Com uma atmosfera que remete ao ambiente familiar, tanto pelo cenário, pela mesa de café da manhã, quanto pela primeira pergunta feita pela apresentadora, “Como vai a família?”, Ana Maria Braga pergunta sobre a estreia de Anderson Silva como comentarista da luta, sobre a insegurança de estar do outro lado, fora do octógono e sobre a expectativa para a luta de Cigano.

Com bastante serenidade, fala mansa e jocosa, Anderson busca romper com a imagem do lutador briguento, violento. Ele fala da família, de seus cinco filhos e do amor que sente por eles.

Ana Maria Braga mostra um vídeo em que Anderson Silva dança valsa na festa de quinze anos de sua filha, elogia a menina e faz perguntas sobre a figura paterna de Anderson, se é ciumento, e como se relaciona com os namorados ou pretendentes da filha.

AM³⁰ - Ela pode arrumar namorado?

AS – Ela tinha, ela tava namorando, mas aí acabou que ela mesma decidiu terminar o namoro, para se dedicar ao vôlei, que ela joga vôlei...

AM – Mas o pretendente, quando chega pela primeira vez na sua frente, treme?

AS – É..., mais ou menos, né... Na verdade eles não respeitam muito, né.

³⁰ Siglas: AM = Ana Maria Braga; AS = Anderson Silva; LJ – Louro José;

Risos

AS – É, porque é aquele impacto, eles respeitam até ouvir a minha voz, aí eu abro a boca e já...

Risos

AS – Ah, tá no papo...

AM – Esse sogrão é...

AS – Mas eu sou super amigo dos meus filhos, assim, eu sou super tranquilo.

Logo em seguida, a infância de Anderson Silva, sua criação pelos tios e sua paixão desde menino pelas artes marciais são os temas brevemente explorados.

Mais uma vez o assunto volta a ser a luta de Cigano, seu treinamento, seu oponente, suas chances e a sua importância enquanto representante brasileiro fora do país.

AM – O que representa pro Brasil essa luta?

AS – Então, é, é aquela coisa de você ter o Brasil representado fora do país de uma forma unânime, né. Os brasileiros são muito respeitados lá fora e...

AM – O Cigano já é bem conhecido, né.

AS – Super conhecido, as pessoas param ele lá em Los Angeles, né.

AM – Você sabe que os brasileiro lá fora, em algumas modalidades de esportes não tão reconhecidas no Brasil, é, eles são parados o tempo todo na rua, as pessoas tem a maior admiração tanto jiu-jitsu quanto qualquer tipo de...

AS – É.

AM – Eles são admirados, queridos, e no Brasil as pessoas nem ouviram falar.

AS – É verdade. No Japão as pessoas param o Minotauro, o Wanderlei Silva, eu mesmo já fui parado várias vezes no Japão, de passar mulheres grávidas assim...

AM – Leva até um susto.

AS – É, as mulheres param assim a gente, pedem pra gente tocar a barriga delas para que a pessoa e o neném, tal, aquelas coisas. É bem bacana isso. O reconhecimento é muito legal.

Neste trecho, podemos observar como o discurso esportivo, atrelado ao discurso nacionalista, é utilizado como ferramenta validadora da atividade. Não se questiona a violência dos combates, o sangue, a agressividade, pelo contrário, tudo isso é sutilmente esquecido e reformulado sob o viés da disputa saudável, da competição esportiva que recompensa as dificuldades vividas pelos atletas e permite a ascensão social, o reconhecimento e o prestígio tanto fora quanto dentro do país.

O formato do programa e a postura adotada por Ana Maria não é algo novo. Podemos encontrar diversas produções semelhantes, como nos lembra o clássico estudo sobre Hebe Camargo publicado no início dos anos 1970, "A noite da madrinha", de autoria de Sérgio Miceli.

Compreendendo que a esfera cultural, mesmo que reconheçamos uma certa autonomia, é um imbricado de inúmeras relações de poder, de classe e de representações das figuras moralmente aceitáveis dentro da sociedade, estes programas e suas figuras conhecidas e de grande empatia com as massas, encarnariam o papel dos conciliadores entre os diversos estratos sociais, validando as atividades e as figuras consideradas dignas de respeito e admiração pelas massas.

É o que faz Ana Maria ao despedir-se do atleta

AM – Gente, oh, a gente queria assim, eu trouxe você para pedir que nos represente lá, né, porque eu adoraria tar lá para ver essa luta pessoalmente, mas vou ficar te escutando, né, é, dizer que você é uma pessoa que eu aprendi, nesse pouco tempo que te conheço, mas já aprendi a te admirar e a gostar muito, né.

AS – Brigado, brigado.

AM – E estou te seguindo aí pelo mundo, as coisas que você tá fazendo, é, desejando que você faça uma boa estreia, né, do lado de cá, tá bom?

AS – Ah, brigado, brigado.

LJ – Nosso colega de trabalho.

AM – É, agora tamo muito chique.

AS – Vai dar tudo certo, vai dar tudo certo.

LJ – Claro que vai.

AM – Dê um beijo grande lá no Cigano, leva também as nossas forças e energias, e para a sua família linda aí.

AS – Tá bom.

AM – Manda um beijo grande.

AS – Tá bom ,vou mandar. Brigadão pra você também por ter mais uma vez, né, me recebido aqui no seu programa.

AM – Você é uma gracinha.

AS – Brigado, brigado.

LJ – Spiderman.

AM – Eu adoro conversar com ele.

LJ – E não percam dia 12 a luta com transmissão exclusiva aqui da Globo.

AM – Brigado, viu. Se quiser continuar tomando café aí, ficar acompanhando o Louro, é muito bem vindo.

LJ – Fica aí, parceiro.

5.1.3 – Anderson Silva e Cigano no “Pizza do Faustão”

Estratégia parecida foi a adota pelo programa Domingão do Faustão, que no período entre 27/10/2011 e 30/08/2012 convidou diversos atletas para participarem de vários quadros do programa: o Pizza do Faustão, espécie de teatralização de uma reunião entre amigos para comer uma pizza, onde os convidados, geralmente artistas da emissora e figuras de grande expressão nacional fazem comentários sobre os mais diversos assuntos colocados em pauta pelo apresentador. No natal de 2011, um dos convidados do quadro foi novamente Anderson Silva, que utilizou-se do espaço para falar da popularização da modalidade e da importância dos meios de comunicação na expansão e aceitação do esporte.

Outro convidado do quadro Pizza do Faustão foi Júnior Cigano dos Santos que, no dia 19/02/2012, também teve a oportunidade de falar sobre o esporte. Sentado ao lado de outros ícones da cultura televisiva e esportiva brasileira, como as atrizes Eva Wilma, Grazi Massafera, Dudu Azevedo e o ex-jogador de futebol e atual comentarista

esportivo, Júnior, a conversa teve como tônica a história de superação do atleta e a defesa de que a modalidade é regrada e, portanto, algo digno de ser consumido por todos. Vejamos alguns trechos:

FS³¹ – Você sempre foi um cara de bem com a vida, você como garoto era briguento, como que era a tua vida na infância?

JC – Não, não, era muito tranquilo, muito bobão, ao contrário. Se eu tenho umas três briguinhas, assim, na minha vida, 2 delas eu apanhei.

FS – E, afinal de contas, quando é que você viu que poderia virar atleta e fazer desse esporte uma profissão?

JC – Então, isso aconteceu um pouco tarde, meu primeiro contato com luta mesmo foi aos 21 anos de idade...

FS – Que que você fez então até os 21, meu, conta pra mim! Quantas profissões você teve?

JC – Oh, tive muitas. Eu sou de uma cidade chamada Caçador, em Santa Catarina, e já trabalhei de tudo, com dez anos eu vendia picolé, entreguei jornal, servente de pedreiro, cargas, já colhi maçã, feijão, alho, de tudo um pouco. E acho que foi daí que saiu um pouco da força que eu tenho hoje, exatamente.

FS – Agora, você tem um sorriso, que às vezes a pessoa passa por tudo isso, fica recalçada, fica amarga, e você não parece passar esse tipo de coisa.

JC – Não, eu sou uma das pessoas mais felizes do mundo. Eu me encontrei na minha vida, eu acho que eu não trocaria quem eu sou hoje por nada no mundo, nada, eu sou muito feliz sendo quem eu sou.

As falas de ambos, tanto a do atleta quanto a do apresentador, reforçam o senso comum de que o esporte é um meio de ascensão social e uma forma dignificante de conduta. Além do mais, o atleta declara que sempre fora uma pessoa tranquila, “bobão” quando garoto e, acima de tudo, feliz, realizado. Este discurso, o da felicidade, o da realização profissional, pode ser considerado como um dos mais presentes e valorizados dentro das sociedades capitalistas contemporâneas, assim como nos lembra Bauman, um discurso que reforça o esforço e a dedicação individual

³¹ Siglas: FS – Fausto Silva; JC – Júnior Cigano;

como *locus* e ferramenta ideal para a obtenção da felicidade e do reconhecimento perante os demais.

Em seguida, a conversa é direcionada para a questão da violência, na verdade, para a negação da violência no MMA. É o próprio Faustão que, ao emprestar a sua popularidade, salienta os critérios do esporte e a sua não violência.

FS – A verdade é que muita gente reclama com relação à violência, só que no UFC, é bom que se diga, são profissionais treinados, tem a categoria, o limite de peso, e tem regras, não é isso?

JC – Exatamente. Aliás, tem muitas regras, entendeu, que protege o atleta, tem o árbitro lá dentro do octógono pra ficar prestando atenção se acontecer alguma coisa, que ele ver que você já não tá mais respondendo como deveria, ele para a luta imediatamente, entendeu, então tem toda uma regra, tem todo um cuidado com os atletas.

FS – E a responsabilidade que você, o Anderson, o Vitor Belfort, os grandes brasileiros, e outros, o Minotauro, o Minotouro, e todos os astros do UFC tem com relação à garotada que vai fazer arte marcial pra brigar ou pra descarregar a violência, ou pra descarregar seus problemas ou seus recalques?

JC – É, então, o MMA hoje em dia, eu tava até conversando isso lá atrás com o Dudu e com o Júnior...

FS – É, o Dudu é do ramo!

JC – É....

FS – O Júnior dava muita porrada quando jogava também.

JC – Sobre isso do MMA que tá trazendo, tinha aquele tempo dos pit-boys que tinha, dos brigões na rua, e hoje não tem mais. Acabou um pouco disso...

FS – Melhorou bem isso.

JC – Porque hoje o pessoal vê que pode ganhar uma grana até. Se é um bom lutador, vá lutar dentro...

FS – Com regra e dentro do ringue.

JC – Exatamente, e acabou um pouco disso, até porque você não vai querer mexer com qualquer pessoa na rua, porque pode ser até um lutador também. Porque hoje em dia todo mundo tá treinando MMA, né?!

Logo em seguida, Fausto Silva pede a opinião do ator Dudu Azevedo, que na época do programa interpretava o personagem Wallace Wu, lutador de MMA, na novela Fina Estampa. Novamente, o bom caráter dos lutadores e, em especial o de Júnior Cigano, são salientados:

Dudu - Eu fico lisonjeado de estar fazendo o personagem que eu faço nessa novela, e você vê como é incrível a postura e a educação de um cara desse, que ele tem consciência de que ele é um representante do nosso país em cima do octógono, ele tem a noção de que ele é um formador de opinião, de que a atitude dele serve como referência pra criança, pra jovens e pra adultos também. E, eu fico admirado, e eu te diria que 99% dos lutadores que eu conheço são pessoas educadas, pessoas esclarecidas e conscientes, que sabem se comunicar como esse cara....

Outro ponto largamente explorado pelo apresentador foi o caráter informativo, a busca de se explicar o que é a modalidade, o que é o MMA para o grande público, tornando-o algo familiar.

FS – Pergunta pra galera, vamos explicar pra quem não conhece o que é MMA. Tão pensando que é o novo bloco que você vai sair, entendeu, como que é, explica o que é o MMA.

JC – O MMA é mistura das artes, todas as artes numa só. É o antigo vale-tudo, mas hoje em dia com regras, entendeu? Porque há um tempo atrás o pessoal chamava vale-tudo, ainda chamam, muita gente ainda chama, mas na verdade é uma mistura das artes marciais.

FS – Mas acaba sendo injusto porque não é um vale-tudo, porque tem regra e tem limites.

JC – É, tem regra e tem limites e trás todas as artes, todo mundo tem chance. Não precisa ser bom só em boxe, ou só no muay-thai, ou só no jiu-jitsu pra ser isento de poder participar, você pode participar também se você sabe lutar bem no chão e não sabe lutar bem em pé, você pode ter uma chance também de ser um lutador de MMA.

FS – Maravilha.

JC – Então dá mais oportunidades.

FS – Júnior Cigano, galera! Vai falar de carnaval também daqui há pouco.

O programa Domingão do Faustão, talvez devido ao grande espaço que possui na emissora aos domingos, sendo exibido praticamente ao longo de todo o período da tarde, foi um dos que mais atenção devotou à atividade. Com conteúdo diversificado, mesclando entrevistas com grandes personalidades, fatos curiosos, competições jocosas e certo humor, o programa é um espaço reservado para a exibição do lado mais “humano” de seus convidados, voltado para mostrá-los, geralmente, fora de seu “habitat natural”.

Buscando saciar a curiosidade do grande público, o programa utiliza-se de diversos quadros para cumprir esta função. Alguns exemplos mais recentes e bastantes interessantes para tomarmos nota são os quadros Dança dos Famosos e Arquivo Confidencial. O primeiro possui formato de uma competição de dança onde os convidados, as celebridades, geralmente contratadas da emissora, recebem notas de um júri composto por “especialistas”, por mais celebridades e também pelo público, que juntos decidem quem serão os vencedores. O segundo quadro, o Arquivo Confidencial, como o próprio nome sugere, explora a vida pregressa e presente dos convidados. Montado por meio de depoimentos recolhidos de amigos, parentes e de figuras conhecidas do grande público, e mesclados com intervenções do apresentador e do convidado, busca-se revelar fatos e acontecimentos “pitorescos” ou trágicos da vida dos famosos. De forma similar às chamadas “revistas de fofoca”, o quadro atua na esfera afetiva, volta-se para a criação de empatia com o público, humaniza a celebridade e a devolve para o terreno dos mortais, assim como já salientado por Edgar Morin.

Em ambos os quadros pudemos verificar a participação de atletas do MMA.

5.1.4 – Minotauro no “Dança dos Famosos”

Lutador dos pesos-pesados, Antônio Rodrigo Nogueira, conhecido como Minotauro, já foi campeão do UFC em 2008, sendo o primeiro atleta a ter unificado os títulos do PRIDE (extinto campeonato de MMA) e do UFC, atleta bastante conhecido e admirado no meio, fora um dos competidores do quadro Dança dos Famosos.

A proposta inusitada, aceita pelo lutador, possui uma carga simbólica extremamente forte e incide sobre uma série de padrões e estereótipos. Ao ser

transportado de um ambiente, o da luta, para este novo espaço, o da dança, subverte-se uma distinção imperante no senso comum, a de que existem certas atividades que são destinadas quase que exclusivamente para determinados “tipos” de indivíduos, geralmente atreladas a certa identidade de gênero. Apesar de uma relativa distensão e abertura das fronteiras morais entre o gênero e a atividade a ser praticada, é difícil negarmos que atualmente ainda perdurem certos estigmas como, por exemplo, o de que os esportes são atividades majoritariamente masculinas e que as práticas de cunho artístico, principalmente a dança, sejam coisas destinadas a mulheres ou indivíduos masculinos “afeminados”.

Apesar de não romper estreitamente com o estereótipo, já que, ao ser solicitado pela sua parceira de dança para rebolar, o lutador diz de forma jocosa, “Um cara brabo como eu, ele não rebola! Mas pular de perna junto, eu também não pulo. Quando o cara é brabo ele não pula de perna fechada!”, a figura estereotipada do lutador, do indivíduo másculo, potente e destemido dá lugar à figura do indivíduo complacente, que mostra um lado minimamente delicado e sensível.

Obviamente que a exploração deste novo espaço, o da dança, não alterou totalmente a figura do lutador, do “cara brabo”, mas o trouxe para uma zona afetiva que, se não cativa totalmente o público do programa para também tornar-se público das lutas, ao menos busca defender discursivamente que o MMA não é somente constituído de pessoas violentas e sedentas por sangue, mas também de indivíduos que, fora do ringue, são tão “normais” quanto todos nós.

5.1.5 – Anderson Silva no Arquivo Confidencial

Em outro quadro do programa, no Arquivo Confidencial do dia 26/08/2012, o convidado foi novamente Anderson Silva.

Antes do início do quadro propriamente dito, Anderson Silva, supostamente, participaria do programa para falar de sua última luta até então, contra o estadunidense Chael Sonnen, e para responder as perguntas do público. É só mais à frente que Anderson é avisado por Faustão de que ele estaria lá, na verdade, para participar do quadro Arquivo Confidencial (é forçoso acreditarmos que a sua assessoria de imagem, gerenciada pela empresa 9ine, de propriedade do ex-jogador de futebol

Ronaldo Fenômeno não o tenha comunicado com antecedência, assim como autorizado as pessoas que deram depoimentos sobre a vida de Anderson e estas terem sido devidamente assessoradas pela empresa).

Antes de o quadro ser anunciado, o apresentador introduz o atleta de forma bastante intensa:

FS – Olha aí, para todas as classes, para todas as idades, seja no Brasil ou fora do Brasil, o mundo fala dele, Anderson Silva.

Após a exibição de trechos de algumas lutas de Silva, o apresentador pergunta sobre os próximos passos do atleta e brinca sobre o fato de ser pai de cinco filhos e de ter que arcar com as despesas da casa. A figura paternal do atleta é realçada, a noção do exemplo de conduta, do exemplo a ser seguido, do herói, é a todo momento invocada.

FS – O negócio interessante que nós vamos mostrar aqui é, porque o Anderson tem esse comportamento na vida pessoal, decente, ele vai pela dignidade, fora o talento que de dentro do ringue todo mundo sabe. Mas a imagem dele é muito forte. Por isso, por onde você viaja tem publicidade com o Anderson Silva. Serve pra mostrar bem que ele é um exemplo pra todas as gerações. Ele tem muita consciência disso, até porque eu repito, ele tem cinco filhos. Então, ele precisa ser um espelho, uma referência disso pra dentro da sua casa.

A primeira pergunta realizada por um membro da plateia é voltada para a última luta do atleta, que enfrentou o americano Chael Sonnen, espécie de figura polêmica que possui como estratégia de autopromoção a provocação de seus adversários e até mesmo do país de origem do oponente. Figuram entre seus comentários sobre o Brasil³²:

“Escolhi o meio de comunicação cuidadosamente para falar do Brasil. Fui para a internet. Se tivesse a mais remota ideia de que existem computadores no Brasil, não teria feito isso”;

“Quando criança, falava com amigos sobre medicina e inovações tecnológicas, enquanto Anderson brincava na lama no Brasil”;

³² <http://manualdohomemmoderno.com.br/esportes/25-frases-polemicas-para-voce-odiar-chael-sonnen>

“Vocês sabiam que a escova de dente na verdade foi criada no Brasil? Se fosse criada nos Estados Unidos ou em qualquer outro lugar seria chamada de escova de dentes (ênfatizando o plural, ou seja, mais de um dente)”

“Anderson Silva vem sempre com aquela babaquice de se curvar para cumprimentar (à moda oriental). Isso não pode ser feito no Brasil. Já estive lá e sei que se você abaixar a cabeça te roubam a carteira na hora”;

Vejamos a pergunta feita pela plateia e a resposta dada por Anderson Silva:

PLATEIA – Você acha que quando na última luta do Sonnen que ele falou mal dos brasileiros, da mulher brasileira, te motivou mais a socar a cara dele?

Risos

AS – Então, eu acho que ele foi infeliz nos comentários. Eu acho que é um esporte e como esportista ele deveria ter se portado da maneira correta. Mas, a gente fez o que tinha que fazer, né. Ele não recebeu educação em casa, os brasileiros foram lá e educaram ele.

Após derrotar Sonnen pela segunda vez, Anderson Silva encarna a figura do herói nacional, do guerreiro que, imbuído de uma missão, a de defender a honra de seu país, cumpre-a e retorna para dividir os louros da vitória com seus compatriotas. Anderson assume aqui a figura do herói mitológico proposta por Campbell.

Além do mais, o esporte mais uma vez mostra-se como elemento altamente permeável de paixão e de identidade, ora pendendo para o elemento nacional, ora evidenciando o caráter da superação individual, da destreza e da habilidade. No caso da luta de Anderson, mais do que a simples exibição de suas habilidades marciais, a disputa representava, talvez, uma das únicas maneiras de “resposta” para as declarações negativas feitas em relação ao país, uma das poucas formas de se defender de uma afronta feita por um elemento de fora, por um estrangeiro.

A própria maneira como Anderson responde à pergunta, apesar de dizer, “os brasileiros foram lá e educaram ele”, busca manter um tom sereno, bem próximo à imagem de herói nacional, de pessoa decente, pai de família, espelho e exemplo para uma geração, como dito pelo apresentador.

O tom desta resposta contrasta em muito com as declarações feitas por Anderson Silva pouco tempo antes da luta, que de forma bastante incisiva e com uma violência verbal raras vezes vista no cenário esportivo, disse:

Por baixo, por cima, de lado, em pé... Ele vai apanhar, vai apanhar muito. Não tem conversinha dessa vez. Quando entrar lá dentro vai engolir todos os dentes da boca dele. Vou arrancar dente por dente. Depois que eu bater nele muita gente vai ficar assustada com o que vai acontecer com o esporte. Estou dedicado, preparado para fazer uma coisa que ninguém nunca fez no UFC, quebrar Chael Sonnen inteiro. Perna quebrada, cara quebrada, vou quebrá-lo inteiro. Ele está escutando, vai apanhar muito, vai sair de maca lá de dentro.³³

Após responder as perguntas da plateia, - e ser comunicado pelo apresentador que ele participaria, naquele momento, do quadro Arquivo Confidencial – Faustão inicia a exibição de uma série de depoimentos de figuras midiáticas proeminentes, de Suzana Vieira a Steven Segal, passando por Tony Ramos, Fernanda Torres, Ivete Sangalo, Neymar e Pelé. Vejamos algumas das falas destes depoentes:

IVETE SANGALO – Quando eu penso em Anderson Silva, a palavra que me vêm à cabeça é orgulho. É uma satisfação familiar. Ele passa pra gente uma garra de, como se fosse da nossa família.

TONY RAMOS – A importância sempre pra mim, ela está claramente ligada à responsabilidade social que uma pessoa tão popular como o Anderson tem com o público. É importante sempre. A posição do ponto de vista ético junto a seu público. E eu acho que o Anderson tem de uma maneira muito bacana, muito clara, muito objetiva.

NEYMAR – Anderson Silva: ídolo, mito, lenda, enfim. Queria te desejar os parabéns por tudo o que você já fez na sua vida e dizer que eu sou seu fã.

FERNANDA TORRES – Ele não é lutador, ele é bailarino. Eu acho que ele esconde o jogo e que em casa ele fica treinando, sabe, plié, battement. O Anderson, eu acho que é o único lutador que eu conheço, que ele bate com o pé, já viu isso, ele dá tapa na cara com o pé, porque ele levanta o battement e tem a finalização, ele faz assim.

SUZANA VIEIRA – Você deve se sentir muito abençoado e ser amado e admirado. Porque no Brasil é muito difícil você fazer sucesso,

³³ <http://sportv.globo.com/platb/sensei/2012/06/25/anderson-silva-explode-e-xinga-sonnen-em-conferencia-por-telefone-ouca-aqui/>

chegar ao número um. Sempre existem milhares de críticas, você chegou ao número um por isso, por isso e aquilo, você chegou ao número um por sua vontade, por sua garra, pelas suas pernas. É isso que eu bato palmas. Anderson Silva.

Estas declarações, vindas destas pessoas, nos soam bastante estranhas num primeiro momento. A exibição de depoimentos desta variada “fauna midiática”, que mistura a cantora de Axé, o ator e atriz veteranos, a comediantes e tantos outros, nos remete à mesma estratégia já observada no quadro “Sandy na Casa dos Campeões”.

O endosso destas figuras à atividade, cuja atuação em nada tem a ver com o MMA, servem de alavancas para a ruptura do estereótipo do fã da modalidade. O objetivo é mostrar, na verdade, que o esporte e seus atletas são figuras cuja identificação não fica restrita a um público específico, mas sim que todos podem fruí-la. Louva-se a determinação, a garra, a vontade do esportista, sua figura pacífica e paterna.

Outros depoimentos, apresentados logo em seguida, ampliam a cadeia de significação, validam o atleta e a atividade por outros ângulos. É o caso dos depoimentos de Pelé, considerado o maior ídolo do esporte brasileiro, o atleta do século (passado), o de Steven Seagal, ator de filmes de ação mundialmente conhecido e de Dana White, presidente do UFC, portanto, patrão de Anderson Silva.

PELÉ – (...)eu me orgulho muito porque ele é um brasileiro que é respeitado, que é pai de família, que é uma pessoa idônea, além da parte atlética dele. A parte atlética, é o que meu pai me falava: oh, você joga muito bem, desde garoto você é um craque, mas isso foi um presente de Deus. Deus que te deu esse presente, você não fez nada. Agora você tem que ser um homem, tem que respeitar as pessoas, e isso, eu vejo no Anderson. Ele respeita as pessoas, é um bom pai de família. Eu fico feliz em poder estar aqui mandando o meu abraço a ele. Ganhar ou perder, é do jogo, mas ser um homem responsável e elevar o nome do Brasil, como ele tem feito, isso é de uma responsabilidade muito grande.

STEVEN SEAGAL – Ele me enviou uma mensagem pedindo que eu o ensinasse algumas técnicas. Quando eu conheci o Anderson, eu vi que ele tinha uma tremenda agilidade, tinha um bom olhar para os ataques, os golpes dos adversários. Bons movimentos e habilidade para aprender. Nós nos divertimos muito aperfeiçoando as técnicas que eu o ensinei. Eu sempre espero que os lutadores pratiquem o que eu ensino e, certamente, Anderson Silva tem praticado muito.

Ele, usando um dos meus chutes para derrubar Vitor Belfort é um bom exemplo disso.

DANA WHITE – O Anderson pode fazer coisas que os outros lutadores não podem. Ele quebrou todos os recordes do UFC. Uma coisa que as pessoas não notam é a idade dele. Eu sempre falo isso. Ele tem 37 anos e, geralmente quando os lutadores atingem esta idade, eles começam a declinar. Anderson Silva está indo pra cima. Eu não o vejo parando em um futuro próximo. Ele é um atleta e um ser-humano especial. Oi, Anderson Silva, eu já disse isso na sua frente milhões de vezes, mas hoje eu digo aqui novamente para todo o Brasil: você é o melhor lutador de todos os tempos, eu adoro como você representa o cinturão, o esporte, e espero que você permaneça por aqui sempre fazendo o melhor.

Pelé defende a figura responsável de Anderson e a sua capacidade de representar o país mundo afora. Ao falar sobre o atleta, Pelé traz Anderson para próximo de si, doa parte de sua figura de herói do esporte nacional e a divide com o lutador, “abençoando-o” e firmando a sua capacidade de defender a imagem do Brasil.

Logo em seguida, os depoimentos de Steven Seagal e de Dana White salientam a habilidade e a perspicácia do atleta, louvam a sua determinação e seus feitos. Anderson é mostrado como o bom aluno, digno dos ensinamentos do grande professor, e também é mostrado como funcionário exemplar, admirado pelo patrão e digno de representar a entidade pela qual luta.

Após os depoimentos das proeminentes figuras e celebridades, Anderson agora é conduzido pelo apresentador para recordar de sua infância, para lembrar das dificuldades por que passou. Deixado pela mãe biológica aos 3 anos de idade sob cuidados de seus tios, abandonado pelo pai, que apenas registrou-o oficialmente mas quase nunca teve contato, a história de Anderson nos remete às mazelas vividas por boa parte da população brasileira, que sofre com a pobreza, a falta de acesso à saúde e à educação e todos os problemas adjacentes que a condição possa trazer. No entanto, Anderson representa a subjugação das condições sociais impostas de antemão, a superação das dificuldades. Exalta-se, novamente, a figura do herói mítico.

Relembrando Caillois, Anderson representa aquele que, por uma combinação rara entre *alea* e *agôn*, nasceu pobre, mas com a habilidade para fazer o que faz, para lutar da forma que luta mas, acima de tudo, teve a determinação de vencer os desafios impostos pela vida, foi capaz de ganhar a competição. Anderson, assim como tantos

outros esportistas, torna-se uma espécie de “avatar”, uma projeção, uma idealização de uma figura que, apesar de ter compartilhado da mesma condição da maioria, diferenciou-se, lutou e venceu.

FS – Que sinceridade da dona Vera Lúcia, heim! Imagina o que essa mulher deve ter passado. Ela foi julgada, ela foi criticada, e o que ela passou só ela sabe. E não tá aqui você pra criticar ou analisar o seu Juarez, seu pai biológico, a dona Vera Lúcia. Agora, é uma história que mexe com você e, talvez por isso, você seja tão dedicado, tão focado nos teus filhos.

AS – Então, Fausto. É, é, pra mim é, foi uma coisa, assim, muito ruim que aconteceu. Mas em partes foi bom, porque a minha tia passou bons e maus bocados comigo também, me deram todo o amor que eu precisava...

Em seguida, o pai e irmãos de criação de Anderson falam de suas peripécias quando criança. Depois, os filhos e a esposa de Anderson falam sobre sua personalidade, sobre o carinho que tem por eles, sobre as dificuldades por que passaram e sobre o orgulho e admiração que nutrem pelo lutador. Ao terminarem as declarações, o apresentador arremata:

FS – Eu acho que essa é a razão da sua luta, essa é a razão da sua vida. É o patrimônio que qualquer ser humano mais almeja. Ter uma família decente, unida, uma família tem todos os problemas mas você, ao longo da tua história, tá mostrando isso. Por isso que o Pelé falou o que falou aqui.

Mais a frente, além de agradecer e retribuir o carinho do público, coloca-se como “patrimônio” do país, mostra-se ciente de sua condição de ídolo e assume-a:

AS – (...) eu acho que todo mundo deve sempre ovacionar o Pelé e eu tenho ele também como grande ídolo, como grande exemplo, né, ele Ayrton Senna, como grandes outros atletas nacionais, o Flávio Canto também, um grande mestre, e eu fico feliz de poder continuar esse trabalho que eles fizeram durante um longo tempo, né. Eu acho que é um patrimônio brasileiro ser o que a gente é, e a gente vai continuar fazendo a nossa parte. Eu fico muito feliz de ter todos esses fãs aqui no Brasil, de ter essas pessoas...

5.1.5 – Anderson Silva no Caldeirão do Huck

Neste programa, o mote para a aparição de Anderson Silva não é, desta vez, a história do atleta. De forma um pouco diferente dos outros programas que contaram com a presença de atletas de MMA, desta vez Anderson é inserido na narrativa como mais um personagem, talvez até mesmo um figurante, apesar de não desvencilhar-se totalmente de um papel um tanto quanto heroico.

Anderson Silva, desta vez, participa de um dos quadros mais populares do programa Caldeirão do Huck, o “Lata Velha”, atração em que pessoas que se inscrevem no quadro e são selecionadas, ganham a chance de terem seus veículos já bastante castigados (Lata Velha) totalmente reformados, ganhando aparência e equipamentos de última geração. No entanto, apesar de reproduzir um formato já utilizado em outros canais internacionais, a exemplo do programa *Pimp My Ride*, veiculado na MTV, o quadro Lata Velha incorpora mais uma dimensão à atração. Para que o espectador sorteado pela produção do programa consiga que seu veículo seja reformado, este deverá realizar uma “prova”, geralmente algum tipo de dança ou teste de destreza a ser executado no palco do programa.

Neste programa, a “pessoa” escolhida, na verdade, fora uma instituição, a APAE de Montes Claros – MG.

O quadro inicia-se em tom melodramático, expondo a história de um professor de Biologia da cidade de Montes Claros que, após perder sua filha, que tinha síndrome de Down, no dia do parto, começa a conhecer a APAE de sua cidade.

É lá que o professor se dá conta das péssimas condições do veículo que faz o transporte dos alunos até a instituição, um ônibus bastante velho e deteriorado. Indignado com o estado do ônibus, o professor André Ricardo Martins inicia uma série de manifestações, tanto pela internet quanto por meio de outros mecanismos, expondo publicamente as más condições do veículo e pedindo ajuda, inclusive ao programa Caldeirão do Huck.

Além do tom dramático do programa, soma-se a ele um “quê” de suspense. O professor André, junto de uma grande “caravana” da cidade mineira estão participando da gravação do programa na plateia. No entanto, eles ainda não sabem que seu pedido fora atendido.

Luciano Huck simula um intervalo comercial e fala para os espectadores de casa sobre tudo o que se passa. Ele chama um vídeo com uma matéria produzida sobre a instituição e as condições do ônibus da APAE.

Após contar a história da entidade, reafirmar a sua função social por meio de depoimentos de pessoas ligadas a ela, o apresentador volta para o palco e, após fazer um merchandising da loja mineira Ricardo Eletro, pede para a produção, ligar para o dono da empresa anunciante e, supostamente, faz um pedido não combinado com o empresário, pede que ele dê para cada membro da plateia, mais de 400 pessoas, uma câmera filmadora que está em promoção em sua rede de lojas, com valor unitário aproximado de 700 reais.

Acentua-se o caráter assistencialista do programa e de seus patrocinadores que, teoricamente, apesar dos altos custos envolvidos, conseguem ajudar ou presentear as pessoas que os acompanham.

Após o Merchandising, o apresentador começa a perguntar ao público presente, *in loco*, quem é da cidade de Montes Claros. Após grande manifestação entusiasmada, Huck começa a contar à plateia sobre uma das visitas que fez à cidade, e comenta que ficou sabendo do estado do ônibus da APAE da cidade.

Ele entrevista, na plateia, a presidente da entidade de Montes Claros, que conta sobre o péssimo estado do ônibus. Logo em seguida, ele pergunta, como se não soubesse, quem foi o autor da campanha que fez a solicitação da reforma do veículo. O professor Ricardo é apresentado e é chamado ao palco para contar a sua história pessoal e sua motivação para o início da campanha.

Logo em seguida, Luciano pergunta: "O ônibus, por acaso, é aquele ali?"

Abre-se uma porta e, surpresa!, o ônibus está no palco.

O professor e o público da plateia choram e, ao som de "We are the Champions", Luciano anuncia: "Agora, o lata velha é com você".

O ônibus, em seguida, é mostrado em detalhes. Acentua-se o caráter inaceitável da condução, que não possui lugar para cadeirantes, possui "cintos de segurança" improvisados de panos, estava coberto de ferrugem e com a lataria se soltando.

Em seguida, Luciano pergunta se André sabe como funciona o quadro. Ele diz que sim, que conhece, e que sabe que teria que realizar uma prova. No entanto,

Luciano anuncia que, desta vez, não será o solicitante que realizará o desafio, mas sim outra pessoa.

LH: O que posso dizer é o seguinte: a prova do lata velha de hoje é a sua luta. A proa do lata velha de hoje é a luta que você fez, na verdade, para chegar até aqui esse ônibus. Agora, eu tenho um amigo, que esse luta! Não é que luta, para mim, de longe, um dos melhores lutadores da história. Par mim, um lutador no nível, em outra modalidade é claro, mas no nível, na elegância de um Mohamed Ali, de Mike Tyson. Para mim, um lutador que luta não só dentro do ringue mas fora do ringue. Que luta pelo bem, por passar uma mensagem positiva e que eu convidei para lutar pelas crianças da APAE de Montes Claros. Senhoras e senhores, recebam com muito carinho, Anderson Silva, no Caldeirão!

Gritos da plateia

LH: Oh, vou contar uma coisa para você: o que vai acontecer a partir de agora, é quando os anjos, de fato, conspiram a favor. O que vai acontecer a partir de agora é uma sequencia de fatos que essa carta do ônibus da APAE desencadeou. É impressionante como as coisas foram se encaixando. É inacreditável. Esse cara topou, ele tinha que estar nos EUA, ele tem que viajar hoje às 8 da noite, topou estar aqui hoje, tá há três dias ensaiando, não sai do estúdio, para lutar neste palco pelas crianças da APAE. Anderson Silva, antes de mais nada, brigado, meu companheiro.

AS: Valeu. Brigado a todos vocês, e a gente vai fazer de tudo para que a gente consiga ganhar esse Lata Velha.

Aplausos

LH: Agora,...

PLATEIA: Anderson, Anderson, Anderson!

LH: Eu adoraria poder sacanear mais a voz dele aqui no palco, mas eu não vou fazer isso porque, por motivos óbvios, as consequências não poderiam ser as mais saudáveis para esse apresentador narigudo que vos fala. Mas, cantar você acha que dá?

AS: Será, será? Acho que não vai dar.

LH: Faz um refrãozinho só de uma música que você gosta, brinca aí.

PLATEIA CANTA TRECHO DE MÚSICA DE JUSTIN BIEBER

LH: Justin Bieber você acha que dá para cantar?

AS: Não, não dá.

LH: Senhoras e senhores, vou comunicar: para o Lata Velha, pro Lata Velha voltar reformado, esse Mercedes Bens 1989, para ele voltar 100 por cento reformado para Montes Claros, hoje, neste programa, Justin Bieber, ou melhor, Anderson Silva, dançando Justin Bieber, no palco do Caldeirão.

AS: Vamo lá, eu vou tentar.

LH: E o melhor, sabe quem vai ser o professor? O próprio Justin Bieber!

GRITOS DA PLATEIA

LH: A partir de agora, o ensaio de Anderson Silva e as aulas de Justin Bieber. Pode rodar.

O apresentador chama um vídeo gravado onde, inicialmente, apresenta o cantor teen. Logo em seguida, o vídeo mostra o apresentador, Justin e Anderson Silva juntos.

LH: Nesta entrevista, eu tive o privilégio de juntar dois mega-ídolos, o dos palcos e o dos ringues. Já deu para ver que Justin Bieber é mega-fã de Anderson Silva. Olha a cara dele quando viu o lutador.

JB: You're the better!

AS: No, you are the best.

LH: Senhoras e senhores, estamos aqui no backstage do show do Justin, mó bagunça, várias entrevistas, e a gente tá num canto aqui. Vou falar um pouco em inglês e um pouco em português.

O apresentador faz uma brincadeira com os convidados, mostrando um cartaz anunciando uma suposta luta entre Anderson e Justin. Ambos riem. Luciano pergunta se Justin gosta de lutas e o cantor *teen* diz que sim. Luciano pergunta outras coisas, comenta sobre a notícia veiculada na imprensa mundial sobre o fato de o garoto ter batido uma Ferrari. Pergunta sobre como funciona o processo de emissão de carteiras de habilitação para veículos automotores nos EUA, que permite que jovens a partir dos 16 anos de idade possam conseguir o documento e, por fim, explica ao cantor como funciona o quadro Lata Velha.

LH (OFF): Já que nós falamos de carro, eu expliquei a ele que nós recebemos cartas do país inteiro de pessoas que querem reformar

seus carros, mas que no Caldeirão era diferente dos programas estrangeiros. Aqui, o dono do carro também passa por uma transformação, o participante se transforma e faz uma performance no palco do programa e, se mandar bem, recebe o carro de volta, novinho em folha. Então, contei do professor André, da Maria Vitória e do ônibus da APAE de Montes Claros em Minas Gerais. Expliquei que, nesse caso, eu precisa de alguém que pudesse lutar por essas crianças.

JB: Esse cara aqui? (Apontando para AS) Ele terá que cantar

LH (OFF): Eu expliquei ao Justin a missão do Anderson, que será imitá-lo no palco do Caldeirão. Justin, dê uma dica ao Anderson para ele fazer bonito no palco do Caldeirão.

AS: Você tem que me ajudar.

LH (OFF): Mas antes de começar o ensaio, eu decidi fazer com o Justin uma brincadeira, e ensinei a eles algumas frases em português. Afinal, para dar tudo certo entre eles, eles precisam falar a mesma língua.

JB (lendo uma ficha, em português, entregue pelo apresentador): Por que a sua voz é tão fina?

Risos

Após outras perguntas da mesma estirpe, Luciano propõe que Anderson vista uma peruca para ficar mais parecido com o cantor. Huck coloca a peruca na cabeça de AS e, por cima dela, um boné. Logo em seguida, todos se levantam, Luciano coloca em um aparelho toca CD uma das músicas de Bieber e, o cantor começa a ensinar a Anderson alguns passos de dança que executa em suas apresentações.

JB: Muito impressionante, bom trabalho.

Justin e Anderson terminam a entrevista simulando uma “encarada” que os lutadores, geralmente, realizam antes de suas lutas. Justin convida Anderson para participar, mais tarde, de seu show.

LH: As pessoas vão ficar loucas quando ele subir no palco

JB: Com certeza. Ele é o melhor.

AS: Não, você é o melhor.

JB: Você é o melhor.

LH: Senhoras e senhores, no Lata Velha de hoje, Anderson Silva dançando e cantando Justin Bieber.

Em seguida, são exibidas imagens de Anderson Silva ensaiando os paços da dança junto ao coreógrafo do programa. O lutador, sempre sorridente, é elogiado pelo coreógrafo, que diz que Anderson possui ritmo e vai surpreender.

Na sequência, após a fala do apresentador, Anderson entra no palco acompanhado de outros 12 bailarinos para “cumprir” sua missão. Ao término da dança, o lutador é fortemente aplaudido pela plateia. Em seguida, Anderson recebe um longo abraço de Luciano Huck.

LH: Olha, gente, eu tô muito feliz. Esse cara aqui do lado que topou essa brincadeira, ele já foi, se eu tiver errado você me corrige, Anderson, já foi atendente de lanchonete, já foi office boy, já teve passagens em sua vida de preconceito, de todo o tipo de coisa, e hoje é um dos atletas mais importantes de todo o Brasil. Topou vir dançar Justin Bieber, no palco do Caldeirão, que não é qualquer um, defendendo as crianças da APAE de Montes Claros. Sem pestanejar. Anderson, muito obrigado.

AS: Valeu, Lu, eu acho que o mais importante é a gente saber que a gente pode ajudar, que a gente tá sempre disposto a fazer o que a gente sabe, é, em prol das crianças, eu acho que é uma grande oportunidade que você me deu, e você é um cara fantástico por estar sempre ajudando, por estar sempre disposto a ajudar, e a mudar a história do nosso país. A gente tá aí pra ajudar, pra concluir os objetivos como cidadão brasileiro, ajudando todo mundo.

LH: Muito obrigado. Eu fiquei muito impressionado quando a gente foi gravar com o Justin e com o Anderson, cara, a hora que os moleques, os gringos viram o Anderson, eu não tô brincando não, bicho, parou o backstage do show. Veio a mão do Justin tirar foto com o Anderson, todos os bailarinos, todos os seguranças, toda a equipe. O Justin ficou louco, falou pra ele ir ao palco, foi mesmo, cuidou dele a pão de ló, ou seja, é incrível poder ver um atleta do UFC reconhecido nacional e internacionalmente. Muito obrigado, Anderson. Muito obrigado aí pela gentileza. Eu queria agradecer muito à 9INE, ao Marcos Buaiz, ao Ronaldo, por nos ajudar a viabilizar isso aqui, muito obrigado mesmo pelo trabalho impecável que vocês estão fazendo. E gente, a gente precisa se despedir porque ele vai para Houston daqui há duas horas, então o Anderson recebe os aplausos e o carinho da Caldeirão.

A transcrição de alguns trechos exposta acima nos ajuda a melhor identificar os atores presentes neste discurso mas, mais do que isso, os pressupostos assumidos pelos enunciadores na construção da narrativa.

O primeiro pressuposto assumido é o de que, uma das poucas possibilidades de recuperação do objeto valor perdido, no caso o ônibus danificado da APAE de Montes Claros, é a de recorrer ao Programa Caldeirão do Huck. Os atores envolvidos na narrativa, em especial o professor de biologia e os dirigentes da APAE, ao buscarem o auxílio do programa, mesmo que indiretamente e em prol de uma causa extremamente válida, acabam por reforçar algumas formas de ação e, ao mesmo tempo, a desacreditar outras. Valida-se uma imagem e um certo caráter benevolente do programa, enaltece-se a figura de Luciano Huck como espécie de salvador mas, ao mesmo tempo, assume uma certa impossibilidade de ação (como a organização popular e a busca por direitos constitucionais junto aos órgãos governamentais competentes, por exemplo).

O forte apelo emotivo do quadro assistencialista, já bastante consagrado e longe de ser exclusivo do programa de Huck, apesar de alterar de fato uma realidade, seja individual ou coletiva, serve de plataforma para a criação de uma imagem altamente idealizada do programa e de seu apresentador, inclusive endossada por Anderson, que o chama de “um cara fantástico por estar sempre ajudando, por estar sempre disposto a ajudar, e a mudar a história do nosso país”.

Ao tornarem suas histórias públicas, os participantes do quadro funcionam como figuras arquetípicas de identificação junto ao público. São pessoas como nós, com alegrias e dificuldades mas que, por sorte ou determinação, foram escolhidos pela produção do programa para terem seus veículos arrumados.

Permeando a história da obtenção de um novo carro, existe uma verdadeira plataforma para a venda de publicidade e para a criação de mais empatia junto ao público por parte do programa e de seus patrocinadores. As empresas “doadoras” são tomadas quase como entidades filantrópicas, verdadeiramente preocupadas e comovidas com as histórias dos participantes do quadro.

Opera-se, no nível discursivo, um processo de esquecimento da real função e objetivo tanto do programa quanto dos anunciantes, em última instância, visam a expansão de seus lucros e a solidificação de suas imagens.

Assim como em programas anteriormente analisados, novamente a imagem do lutador violento é deixada de lado. O programa obtém êxito em colocar lado a lado duas figuras icônicas da cultura *pop*, cada uma a seu modo, Anderson e Justin, o esportista e o cantor. Ao tecerem elogios mútuos, sob a batuta de Luciano Huck, ambos os estereótipos de personalidade acabam de certa maneira por fundirem-se. Ocorre uma espécie de doação, Anderson empresta parte de sua agressividade ao cantor *teen* e, Justin, doa a Anderson certa delicadeza e sensibilidade.

Ao fundirem-se, mesmo que momentaneamente, cria-se uma ideia de não segmentação, de totalidade, uma espécie de fala subentendida de que ambos os públicos, tanto o do lutador quanto o do cantor não necessitam necessariamente adotar uma ou outra postura, podem gostar e consumir ambas as personalidades, ambos os produtos.

Mais uma vez, é evidenciado o caráter auto-referente da mídia, capaz de unir vozes e estereótipos aparentemente distintos mas que, em última instância, servem apenas para a criação de uma espécie de curto-circuito discursivo, um verdadeiro caldeirão, como mesmo sugere a alcunha do programa, que se nutre daquilo que cozinha: imagens, estereótipos, destruição e ressignificação destas mesmas imagens e estereótipos capazes de gerarem reproduções de si mesmas, bem como a promoção de novos espaços mercadológicos.

Este intercâmbio de personalidades tem como ponto alto a apresentação de Anderson no palco de Huck que, ao som de Justin Bieber, cumpre sua missão e consegue um ônibus novo para a APAE de Montes Claros.

5.2 A abordagem discursiva: programas jornalísticos

Dedicaremos este espaço do capítulo à apresentação e à interpretação do discurso jornalístico empreendido pela emissora ao tratar do MMA. Tentaremos observar, brevemente, quais as marcas discursivas próprias deste gênero quando contrastadas com os programas de entretenimento.

5.2.1 - Bom Dia Brasil

No Bom Dia Brasil, telejornal matinal diário da emissora, encontramos o maior número de referências à modalidade. A primeira matéria encontrada, veiculada na edição do dia 11/11/2011, tem como mote o anúncio do início das transmissões do UFC na Globo, mais especificamente da luta entre Júnior Cigano e Cain Velasquez.

Apesar de não termos tido acesso ao vídeo, já que o mesmo encontra-se indisponível no site do programa e não foi encontrado por outros mecanismos de busca, é possível acessarmos o conteúdo transcrito da matéria, veiculado no site do telejornal.

A matéria tem caráter instrutivo, explica o que é o UFC, fala de algumas de suas regras, mostra as diferenças entre o chamado vale-tudo e o MMA e salienta a preparação do atleta brasileiro para a luta, mostrando a grande equipe de profissionais que o auxilia nos treinos.

A reportagem termina com um chamamento do atleta:

Com certeza vai ser uma luta bonita de se ver e uma troca de técnicas muito boa. O povo brasileiro todo, que já é um povo guerreiro, um povo lutador, ama lutas. Todo mundo, até quem não conhece, quem nunca assistiu UFC, tenho certeza que vai adorar assistir essa luta.

A segunda matéria encontrada, do dia 13/01/2012, assemelha-se à primeira no que tange ao caráter instrutivo: explica brevemente o que é o MMA e fala de alguns dos principais lutadores brasileiros. No entanto, o enfoque da matéria é outro, é voltado para o crescimento da procura por aulas de MMA nas academias, que “apesar da fama de luta violenta, vem atraindo muitas mulheres”.

Além de mostrar a “quebra” de preconceitos, a matéria também explora a questão da saúde, mostra os treinos de MMA como maneiras de melhorar a qualidade de vida, exemplificado com o caso de Bruna, que conseguiu perder trinta quilos com os treinos:

“De 94kg baixei para 65kg, mais ou menos em dois anos, sem remédios, só com alimentação e com o esporte.”

É interessante notarmos que a matéria fora veiculada um dia antes da segunda transmissão de lutas do UFC pela Globo, do UFC 142, que teve como luta principal a defesa de cinturão do lutador brasileiro José Aldo contra Chad Mendes.

A terceira matéria encontrada na edição do dia 08/11/2012 do telejornal *Bom Dia Brasil* fala de uma campanha lançada pelo Conselho Nacional do Ministério Público, que tem como mote a redução do número de homicídios banais.

Quase metade dos homicídios no Brasil é causada por motivos banais no trânsito e nas ruas. O Conselho Nacional do Ministério Público começa nesta quinta-feira (8) uma campanha de conscientização, e as estrelas do MMA e do judô vão passar uma mensagem importante: 'A raiva passa e a vida fica'.

A entrevistada, coordenadora da campanha, diz:

Nós temos os embaixadores da paz: Anderson Silva, Júnior Cigano, Sarah Menezes e Leandro Guilherme, pessoas especialmente selecionadas para essa campanha porque fazem da sua vida um mantra pela paz. São lutadores, mas pessoas que passam a mensagem de que a luta é no tatame e no octógono. Na vida, a luta é pela paz

Longe de reduzir a importância da campanha, é interessante notarmos a enorme capilaridade que estes atletas possuem, como de fato o esporte é enxergado como uma esfera muito particular da vida, um mundo realmente a parte, como nos diz Huizinga, e capaz de dar vazão a impulsos e emoções amplamente condenáveis em outros espaços, como nos lembram Elias & Dunning.

A quarta matéria por nós encontrada, na verdade uma nota coberta, é diferente das demais. O que desta vez se noticia, é a morte de um lutador de MMA, a tiros, por uma mulher na Suíça.

A última matéria, veiculada na edição do dia 11/02/2013, também não tem como enfoque o MMA, ela é um apanhado do desfile das escolas de samba da cidade de São Paulo. A modalidade aparece apenas em uma frase da locução do repórter:

Em todas, concentração máxima antes de começar. Alguns pareciam se preparar para uma luta de MMA. "A responsabilidade é grande, mas a gente treinou bastante", diz um integrante.

5.2.2 - Jornal Hoje

A única matéria por nós encontrada no Jornal Hoje, datada de 08/11/2012, também tem como mote a campanha contra a violência lançada pelo Conselho Nacional do Ministério Público. A reportagem apenas cita que os lutadores de MMA e de Judô fazem parte da campanha e mostra um pequeno trecho do vídeo da campanha em que Anderson Silva pede: “Conte até 10: a raiva passa e a vida fica.”

5.2.3 - Jornal Nacional

A primeira matéria que encontramos sobre o tema, veiculada na edição de 12/11/2011 é datada do mesmo dia da estreia da exibição das lutas do UFC na Globo. Além da divulgação do fato em si, da luta, é interessante notarmos como novamente o apelo à figura do atleta de origem simples que subverte as más condições de vida é explorada.

Guri tranquilo e dedicado, além de bom aluno na escola, ajudava a família que vivia em uma casa simples. “Eu vendia picolé”, lembra Cigano.

Já nas primeiras aulas de jiu-jitsu, se destacou. Começou a treinar boxe. Tão rápido como os golpes foi a carreira no MMA, uma sigla que significa artes marciais mistas. Em cinco anos e depois de 13 vitórias, ele ganhou a chance de lutar pelo cinturão dos pesos pesados do UFC. “Eu lembro que eu via na TV aquelas histórias de gente humilde que virou um grande artista, um grande atleta. Hoje eu estou vivendo isso”, diz.

O caráter instrutivo, explicativo da modalidade, fica a cargo da segunda matéria sobre o tema. Exibida no dia 14/01/2012, mesmo dia do UFC 142, evento parcialmente transmitido pela emissora, é agora Anderson Silva quem fica a cargo de explicar o que vale e o que não vale na modalidade. Novamente, a tônica do discurso é a defesa do esporte, a sua validação enquanto disputa limpa, clara e objetiva. Diz o repórter:

“No passado, o esporte era conhecido como Vale-Tudo, mas aí, perceberam que esse nome não tinha nada a ver”.

Após a apresentação das regras, simulada por dois lutadores dentro do ringue e explicadas por Anderson Silva, a matéria termina com o lutador dizendo:

AS – Eu, particularmente, posso dizer que as lesões dentro do MMA são muito poucas perto das lesões que tem no futebol, né. Mas cada esporte tem a sua intensidade.

A terceira matéria, veiculada no sábado, dia 01/02/2013, mesma data do UFC 156, tinha como objetivo falar sobre as lutas do evento, que contou com participação de vários brasileiros. Além do apelo ao elemento nacional, “Não é só o número de atletas brasileiros que chama atenção. É o caso de quantidade com qualidade.”, o tom afetivo, apesar de mais atenuado do que em outras matérias e programas já analisados, também esteve bastante presente. Desta vez, o UFC é tido como “um conto de fadas na versão masculino”. A modalidade é apresentada, novamente, assim como o futebol, como um dos poucos mecanismos que permitem a ascensão social em nosso país.

5.2.4 - Jornal da Globo

A primeira matéria por nós encontrada, datada de 26/10/2011, faz apenas uma breve menção ao MMA. A matéria fala sobre a eliminação das estrelas estampadas nas camisas do clube de futebol paulista Corinthians, mencionando que até o atleta do clube, Anderson Silva, usou um calção defasado, com uma estrela a menos na disputa do mundial de artes marciais.

A segunda matéria encontrada no site do telejornal, veiculada no dia 06/07/2012, portanto um dia antes da segunda luta entre Chael Sonnen e Anderson Silva, transmitida pela emissora, destoou um pouco das matérias veiculadas anteriormente nos outros telejornais. Com caráter mais informativo e menos voltada para a exaltação da figura mítica do atleta, a matéria trouxe a pesagem dos lutadores e entrevistas com alguns fãs, perguntados sobre a expectativa para a luta. A abordagem nacionalista, apesar de presente, também ficou mais comedida. Uma das poucas alusões foi feita pelo repórter quando disse:

Eu falei para o americano que eu era de uma TV brasileira. Ele nem deu bola. Já Anderson Silva...

5.3 – Primeira transmissão ao vivo de uma luta do UFC na Globo

Ao longo dos exemplos discursivos apresentados acima evidenciamos, em parte, o tratamento dado pela emissora ao MMA, cuja tônica foi basicamente o esquecimento do caráter violento das lutas e sua consequente substituição por outras estratégias discursivas, ora salientando a figura pacata e pacífica dos lutadores, ora expondo suas árduas trajetórias de vida, ou ainda valendo-se da permeabilidade do discurso esportivo, das regras esportivas, como validadoras daquela atividade. Não devemos nos esquecer, também, do forte apelo nacionalista muitas vezes solicitado, da exaltação das vitórias de atletas brasileiros e de como eles “levam o nome do país” para outros cantos do globo.

No entanto, é interessante, a título de curiosidade, expormos brevemente como este discurso é endossado ou refutado no momento auge deste esporte, a transmissão de suas lutas.

Para termos uma base de comparação discursiva entre a estratégia empregada nos diversos programas da emissora e a utilizada no momento da luta, exporemos alguns excertos da narração de Galvão Bueno, coletados da transmissão da luta entre o atleta brasileiro peso-pesado Júnior Cigano dos Santos e o norte-americano Cain Velasquez, realizada no dia 13/11/2011.

³⁴GV – Bem, amigos da Rede Globo. Bem vindos ao UFC Combate. Pela primeira vez a Rede Globo vai mostrar ao vivo pra você, em todo o Brasil, esse esporte que é o que mais cresce no mundo nos últimos 10 anos. Uma verdadeira febre, uma grande mania, uma enorme excitação, adrenalina que corre por todas as partes do corpo. São os gladiadores do terceiro milênio, são os super-atletas, super-preparados no UFC Combate. Nessa mistura de todas as artes marciais, que traz o jiu-jitsu, que traz o boxe, que traz Muay-Thai, que traz o Wrestling, a luta Greco-Romana, o Karatê, o Tae Kwon Do, tudo. É como se pudesse juntar em uma só pessoa o atleta mais bem preparado. As arenas, o octógono, a arena montada, como se fosse a

³⁴ GB – Galvão Bueno ; VB – Vitor Belfort;

arena de um Coliseu, e milhares de pessoas no local e milhões de pessoas espalhadas por 135 países do mundo, vivendo esse momento e essa expectativa. E a gente tem, então, a honra e a felicidade de ter aqui conosco esse primeira transmissão para o UFC Combate. E olha só, dia 14 de janeiro, na arena Pan-Americana, no Rio de Janeiro, nós vamos ter a edição de número 142 do UFC Combate, ao vivo no Brasil para você, com disputa de cinturão, com brasileiros lutando, pra você curtir tudo. Hoje é apenas a primeira vez em que nós vamos apresentar para você. Vamos trazer aqui, assim como estivéssemos anunciando um grande campeão, porque ele é um grande campeão, dono já de 2 cinturões de títulos mundiais, aos 34 anos de idade, com 20 vitórias no seu cartel, com 14 nocautes, a gente chama como se fosse anunciando no canto, vindo deste canto, Vitor Belfort.

VB – Boa noite, Galvão. Boa noite a todos vocês aí de casa. É um prazer enorme. Eu tenho certeza que hoje o UFC vai ser um sucesso, e hoje ganhamos carteira de habilitação, hoje estamos aqui na Globo, debutando, né.

GB – Ele fala carteira de habilitação porque no dia 12 de novembro de 1993 foi a primeira edição do UFC, vencida por um brasileiro.

VB – Royce Gracie.

GB – Royce Gracie ganhou quatro das cinco primeiras edições, e foi o primeiro grande nome desses tantos nomes de brasileiros que nós temos. Você tá mais nervoso aqui ou fica mais nervoso lá no octógono? Aonde é que você se sente mais à vontade?

VB – Ah, não é fácil estar do seu lado, né, Galvão. É um prazer estar aqui, o nervosismo maior é aqui, com certeza. Lá a gente consegue lidar mais com a situação, mas hoje, milhões de brasileiros assistindo, isso pra mim era um momento esperado, aguardado, que chegou, e eu tenho que falar muito obrigado a todos vocês aqui da Globo.

GB – Eu tenho aqui do meu lado, portanto, um dos grandes gladiadores do terceiro milênio, estes super-atletas, quase super-homens, que enlouquecem todo mundo, no mundo inteiro.

Os lutadores e o juiz são apresentados e entram no octógono. Bruce Buffer é que faz o anúncio dos atletas. Galvão fala por cima da voz do narrador.

VB – Que momento, heim.

GB - É um show à parte sempre o anúncio.

VB – Vemos aí o grande Minotauro.

GB – Minotauro, um ídolo, um ícone dos lutadores brasileiros. Aí ele fala da altura, da idade, da envergadura, do peso. Você tem ali também o Dória, que foi o técnico do Popó, do Acelino Popó Freitas.

VB – O Dória é um grande treinador, é o cara que fez o Cigano.

GB – E o Cigano sendo anunciado, recebendo as vaias da torcida mexicana. Isso mexe, dá mais vontade, dá mais força. Aí você vai vendo, com 9 lutas, com 9 vitórias, com nenhuma derrota, tem cara de mau, jamais sorri.

VB – Mas ele tá tenso, ele tá muito tenso. Ele não é assim não.

GB – O campeão do mundo. O repórter César Augusto está no meio dessa loucura toda, dessas 16 mil pessoas. César Augusto, são os Gladiadores do terceiro milênio, você tá na arena, você tá no Coliseu, César.

CA – E é impressionante o clima aqui. 17 mil ingressos, todos vendidos, completamente lotado o ginásio, inclusive com a presença de vários campeões e ex-campeões do UFC, Jonh Jones, Brocke Lesnar, Minotauro, Chuck Liddel, o Anderson Silva, Tito Ortiz, todo mundo por aqui para curtir essa "lutaça" que vai começar agora.

GB – E vamo lá! Ele pergunta (árbitro): -"Você tá pronto, você tá pronto? Luta!" Vamo bora. Júnior Cigano, calções brancos. De calções pretos o campeão do mundo, Cain Velasquez. Ele tenta o primeiro chute por baixo, com a perna direita. Reparem a mão esquerda à frente. Soltou o primeiro cruzado de direita.

VB – A combinação do Júnior vai ser usar o jeb como entrada e saída, defesa, e vai combinar o direto e o gancho.

GB – Veja só que trabalha por baixo com a perna, tentando chamar atenção. Por baixo, entrou!

VB – Boa defesa, muito boa a defesa. O Júnior treinou muito Wrestling, tá preparado.

GB – Ele tentou o primeiro take-down, o single leg, puxando uma perna. A gente vai usando o termo em inglês e traduzindo. O take-down é puxar pra baixo, botar pro chão. Single leg puxando uma perna. Double leg puxando as duas pernas.

VB – O que a gente não esperava tá acontecendo. O Cain Velásquez trocando golpes.

GB – E tão mandando ele girar para a direita, não é o corner. Opa!

VB – Nossa, pegou!

GB – Pegou! Pegou! Pegou! Vamo lá, pra terminar.

VB – Vai acabar.

GB – Vamo lá. Mão esquerda! Um, dois, três, quatro! Bate! Acabou! Acabou!

VB – É Brasil!

GB – Acabou! Acabou! Júnior, Júnior, Júnior Cigano, do Brasil!

VB – Chegou o momento. O fair-play é demais. O fair-play, depois desse momento, o reconhecimento.

GB – E olha só, ele que foi vaiado é delirantemente aplaudido, porque foi um grande vencedor.

VB – Ele merece. Júnior Cigano, parabéns.

GB – Não deu a menor possibilidade para o homem invicto a tantos e tantos anos, um campeão mundial, senhoras e senhores. Um minuto e quatro segundos. Vencedor por nocaute. E agora, o novo campeão (Braziiiiii) dos pesos pesados, Júnior dos Santos, Júnior Cigano, do Brasil! (Braziiiiii).

VB – O que tá passando pela cabeça dele, Galvão, maravilha. Um garoto novo, merecedor.

Talvez, os primeiros elementos a serem levados em conta sejam os aspectos adjacentes à transmissão da Rede Globo. A luta, transmitida mundialmente, sob a geração de imagens da empresa Zuffa, dona do UFC, é também a primeira a ser transmitida em Tv aberta para os EUA, no canal FOX, sendo o evento inclusive chamado oficialmente de UFC on Fox, diferentemente do nome fantasia adotado pela transmissão brasileira, UFC Combate.

A adoção deste nome, e aqui somente podemos especular, provavelmente foi tomada com o intuito de fazer alusão a outro canal das empresas Globo, o canal pago da TV fechada chamado *Combate*, que possui toda a sua programação voltada para o mundo das lutas, majoritariamente ao do MMA.

O segundo ponto a ser evidenciado é o fato de a emissora ter transmitido apenas uma luta do evento (que contava com mais 9 lutas), a principal, entre o atleta brasileiro Júnior Cigano e Cain Velasquez. Este aspecto, que também está mais sujeito à especulação do que balizado em fatos, sugere o caráter experimental desta primeira transmissão, que pretendia analisar a reação e a receptividade do público em relação ao esporte. A escolha por se transmitir apenas a luta de Cigano sugere que, além de possíveis contratos comerciais que impeçam a transmissão das demais lutas do card, que a emissora buscou certa coerência entre o discurso que vinha adotando desde a compra dos direitos de transmissão, evidenciando muito mais a participação dos atletas brasileiros no evento do que o próprio esporte em sentido mais amplo. Não se buscou, ao menos neste primeiro momento, uma maior massificação do esporte na TV

aberta, reduzindo-o à participação de brasileiros. Talvez também possamos atribuir este fato a estratégias comerciais das organizações Globo que, num primeiro momento, possam ter considerado mais interessante e lucrativo fortalecer o canal Combate, delimitando a este a exibição dos eventos completos, “forçando” os aficionados pelo esporte a desembolsarem altas somas na compra de eventos pay-per-view ou mesmo adquirindo a assinatura do canal.

Outro ponto a ser levado em conta nesta transmissão é a escolha do narrador e do comentarista. Ao optar por escalar Galvão Bueno como narrador oficial de sua primeira transmissão de uma luta de MMA, a emissora busca, por meio da figura já consagrada do narrador - o principal da emissora e mais conhecido do grande público – atribuir ao evento o “peso” de um grande acontecimento esportivo, tais quais os geralmente narrados por Galvão. A figura do locutor serve de sustentáculo legitimador da importância desta transmissão.

A escolha de Vitor Belfort como comentarista também não parece destoar da motivação da escolha de Galvão. Vitor Belfort, atleta consagrado da modalidade, atuava, à época, como “embaixador” do MMA no Brasil, cargo oficialmente atribuído ao atleta pelo UFC com o intuito de promover a modalidade no país ³⁵. De ambas as empresas, tanto da Globo quanto do UFC, as diretrizes eram a de escalação de suas mais proeminentes figuras para a transmissão.

Ao adentrarmos na análise dos aspectos discursivos da transmissão da luta, devemos no atentar primeiramente ao caráter explicativo-fantástico adotado por Galvão no início de sua fala. O esporte é tratado como a síntese mais perfeita entre as diversas modalidades de artes marciais, do Boxe ao Tae-Kwon-Do mas, acima de tudo, os atletas (que, geralmente, mesmo em outras modalidades já são elevados à categoria de sobre-humanos) são tratados como seres fantásticos, “super-atletas” nas palavras de Galvão.

Outro ponto interessante a ser destacado em sua fala, em consonância com as adjetivações anteriores, é a forja do bordão “Gladiadores do Terceiro Milênio”. Ao escolher tal expressão para tratar dos atletas de MMA, o locutor utiliza-se de uma estratégia de aproximação que, num primeiro momento, parece destoar dos

³⁵ <http://esporte.uol.com.br/lutas/vale-tudo/ultimas-noticias/2011/08/17/belfort-ganha-segundo-emprego-do-ufc-e-vira-embaixador-do-mma-no-brasil.htm>

tratamentos anteriormente dados aos atletas da modalidade. A palavra gladiadores faz remissão aos sangrentos espetáculos romanos, que comumente terminavam com a morte de muitos lutadores, majoritariamente escravos ou homens das classes mais subalternas do Império. O que, num primeiro momento poderia ser tomado como uma ode à violência, ao sangue e à cruza das batalhas, passa em seguida por um processo de atenuação, por meio de seu complemento nominal “do terceiro milênio”.

Ao misturar numa mesma frase os dois termos, “Gladiadores” e “Terceiro Milênio”, Galvão Bueno, de forma, reconheçamos, bastante tenaz, sintetiza em uma frase algumas das características de maior apelo desta modalidade esportiva em relação às demais modalidades de lutas. Cria-se uma imagem acústica capaz de misturar elementos anacrônicos da história humana, como os combates mais variados, assim como a própria agressividade. Também inclui uma designação temporal que faz uma distinção entre o tipo de violência e agressividade que a emissora transmitirá. É como se a intensidade dos combates gladiatoriais fosse mantida sem, no entanto, adotar uma postura bárbara, ultrapassada, considerada não-civilizada para os padrões culturais do Terceiro Milênio.

Tal leitura acaba por se confirmar no momento em que, finda a luta, o locutor diz:

GB: É mais um, é mais um grande orgulho do esporte brasileiro, é mais um que coloca o seu nome nesta lista desses gladiadores do terceiro milênio. Os gladiadores que lutavam por sobrevivência e para deixarem de serem escravos. Esses não, são pais de família. O Vitor que está aqui do meu lado tem três filhos pequenos, tem uma mulher maravilhosa, uma família linda, que ele se dedica. Assim como o Cain também tem seus filhos, também é casado.

Novamente recorre-se à idealização da figura paternal e da estrutura familiar como garantidores dos bons modos e da boa conduta, assim como constatamos em diversos outros programas da emissora. A tônica é que, a despeito de qualquer questionamento que a modalidade possa receber, a conduta moral destes atletas está assegurada pela adequação às normas sociais, pelo respeito à instituição familiar.

No entanto, como já mencionamos, os discursos nunca são produções individuais, são polifônicos por excelência, ganham vida relativamente autônoma a

partir do momento em que são enunciados, são passíveis de muitas interpretações e podem ser recebidos de formas distintas pelos enunciatários.

Se, por um momento a violência era deixada de lado, era escondida discursivamente, com o início da luta, este discurso não mais se sustenta, pelo menos da maneira como proferido antes.

Ciente da necessidade de não entrar em discordância com o discurso imagético dos socos e pontapés, Galvão Bueno adere a uma nova ênfase discursiva. Se até poucos momentos a agressividade era amainada, agora ela é assumida como o ápice da narrativa.

GB – E tão mandando ele girar para a direita, não é o corner. Opa!

VB – Nossa, pegou!

GB – Pegou! Pegou! Pegou! Vamo lá, pra terminar.

VB – Vai acabar.

GB – Vamo lá. Mão esquerda! Um, dois, três, quatro! Bate! Acabou! Acabou!

VB – É Brasil!

GB – Acabou! Acabou! Júnior, Júnior, Júnior Cigano, do Brasil!

VB – Que emocionante! Que emocionante!

GB – Espetacular! Um cruzado de direita, explodiu na ponta do queixo de Cain Velásquez! Botou ele no chão! Quando caiu já caiu nocauteado, veja só. Um jeb de esquerda, um cruzado, quase um gancho de direita! Pegou na orelha, foi pro chão Cain Velásquez! Por outro ângulo! No primeiro round. O Brasil já tem dois campeões mundiais em sete categorias do UFC Combate! Esquerda, Esquerda, trocou, direita, direita, na cabeça, acabou, acabou! É campeão do mundo! (Braziiiiiiii ao fundo)

VB – Júnior Cigano, que momento, que momento maravilhoso que o Brasil passou. Nesse exato momento o Júnior não parou, ele conectou os golpes, ele não parou de bater em nenhum momento, e foi um swing muito bem aplicado. Parabéns.

A exaltação dos golpes desferidos por Cigano em Velásquez, do nocaute - atitude esta que provavelmente fora de uma disputa esportiva seria tomada, no mínimo como perversa e sádica -, acaba por receber uma alforria momentânea.

No entanto, esta ode à agressividade, é logo depurada. Primeiramente por Vitor Belfort que, cumprindo o seu papel de “embaixador” da modalidade no país, assume o tom ufanista da vitória. Divide-a quase que imediatamente com os espectadores. A vitória não é mais de Cigano, ela é do Brasil. Tal postura é também adota por Galvão: “Júnior, Júnior Cigano do Brasil”. Faz-se remissão a um bordão bastante consagrado do narrador, ouvido, por exemplo, nas vitórias de Ayrton Senna na Fórmula 1, ou nos gols marcados pela seleção brasileira nas Copas do Mundo. A vinheta “Brazillzillzilll!!!”, também marca característica da emissora em outras vitórias esportivas nacionais, ajuda a compor um cenário sonoro minimamente familiar. De uma só tacada – de um só soco, na verdade -, atrela-se o MMA a outras modalidades esportivas já largamente aceitas nacionalmente. Discursivamente, não deixa-se tempo para que o espectador reflita sobre a dureza dos golpes, sobre o impacto imagético de ver um homem tombar desacordado após ser atingido na face e, ainda no chão, receber mais uma saraivada de socos. A forma de lidar com estas sensações é logo direcionada: comemoremos a vitória de um atleta brasileiro da mesma forma que sempre fizemos, embalados pelos bordões e pelas vinhetas que há muito já estamos ambientados.

A atenuação da agressividade também é realizada por Vitor Belfort que, ao ver o replay das imagens, diz:

VB – Você vê que a intervenção do juiz é principal, a integridade física. Ele parou a luta no momento certo.

A tônica emotiva do discurso é mantida até o fim da transmissão, mas agora o foco é a sensação do lutador vencedor, é a emoção pela qual Cigano está passando, ou ao menos deve estar, de acordo com Galvão:

GB – Portanto, você curtiu o Bra... E chora, porque vive o grande momento dele, toda a equipe. E chora. E chore mesmo. Ele agora deve estar se lembrando da infância difícil, do menino que vendia sorvete, que vendia picolé aos 10 anos de idade, que saiu sem saber exatamente a distância de Caçador, em Santa Catarina, para chegar até Salvador, na Bahia. Ele deve estar pensando, claro, na Dona Maria de Lurdes, a sua mãe, no Seu Sebastião, que já não está mais, o falecido Seu Sebastião, pai dele, deve estar pensando na Vilsana dos Santos, a sua esposa. E aí está ele, chorando, chorando as lágrimas da

emoção de quem venceu. O Dória, o Minotauro. É mais um, é mais um grande orgulho do esporte brasileiro, é mais um que coloca o seu nome nesta lista desses gladiadores do terceiro milênio. (...)E vamos ao momento da consagração. Júnior dos Santos. De Santa Catarina para a Bahia. Da Bahia para o mundo.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho buscamos discutir a capilaridade dos jogos nas sociedades humanas, bem como a forte presença dos esportes modernos e suas múltiplas representações em um mundo cada vez mais globalizado, cujo poder de permeabilidade das mídias vem alterando de forma significativa as formas de se viver, pensar e fruir o mundo.

Buscamos refletir sobre o quê o MMA, pensado neste contexto de abertura das fronteiras sensíveis, representa, não só para aqueles que acompanham a modalidade, mas, sobretudo, sobre as suas representações que em muito escapam à esfera do campo delimitado para a atividade.

Como expusemos ao longo de nossa discussão, ora de forma mais explícita, ora de forma menos latente, não tentamos excluir as incertezas do ato de pesquisar, não consideramos que este estudo dê conta da totalidade das representações do MMA em nossas sociedades contemporâneas. Esta incerteza, para nós, não deve ser encarada de forma negativa, não deve ser pensada como uma espécie de incapacidade reflexiva, muito pelo contrário. Ela apenas reflete uma forma de se conceber a ciência, de entender que os estudos em geral, principalmente aqueles ligados às ciências humanas, por mais lógicas e “racionais” que sejam as metodologias por eles adotadas, servem apenas como alavancas para uma pesquisa que não tem fim. Apontam, sugerem aspectos, nunca concluem de forma definitiva o que determinado fato significa.

Esta impossibilidade de delimitação de qualquer fenômeno serve-nos como evidência de uma das características mais fundamentais das relações homem-homem/homem-mundo, que é a constante dinâmica e possibilidade criativa, impossível de ser totalmente restrita a parâmetros investigativos-metodológicos de qualquer natureza.

Longe de tentar fazer um *mea-culpa*, uma justificada que busque enviar a leitura de nosso trabalho, o que queremos dizer de forma bastante clara é que reconhecemos as nossas limitações sem que isso inviabilize as contribuições por nós apresentadas.

As discussões sobre as condicionantes sócio-históricas que permitem com que a modalidade seja aceita e ganhe cada vez mais espaço, não apenas midiático, mas

como atividade de lazer, sugerem que as formas de sensibilidade dos indivíduos inseridos neste contexto variam de forma pendular, ora pendendo para a incorporação de novas maneiras de sentir, ora voltando-se para as formas mais anacrônicas destes aspectos.

O crescimento do MMA, para nós, sugere justamente este aspecto tão humano que é a ruptura/continuidade do viver, sem que os dois termos excluam-se mutuamente. Eles andam de mãos dadas: o homem contemporâneo é outro daquele de séculos atrás, porém, ainda é o mesmo. O homem que inventa os mais modernos aparelhos médicos é o mesmo que cria as armas de destruição mais poderosas. Civilização ou barbárie? Não, civilização e barbárie!

No entanto, reconhecer estes aspectos subterrâneos da existência humana não impede que almejemos a criação e o estabelecimento de padrões coletivos de conduta, não nos isenta do pensar reflexivo e da discussão sobre os rumos que queremos tomar.

A análise do elemento lúdico da cultura, do jogo em seu aspecto mais plural, nos lembra, constantemente, que somos essa curiosa síntese: que somos sérios, mas nem tanto, que somos racionais e dementes juntos na mesma pessoa, que temos impulsos, mas que em parte os podemos controlar, que somos perenes, mas mortais ao mesmo tempo. O jogo é sempre o mesmo, mas cada jogada é única.

Talvez esta forma de se conceber o mundo, o reconhecimento desta tensão fundamental entre o sério e o não-sério, entre o racional e o irracional, que para alguns possa soar como uma espécie de holismo barato, seja reflexo deste contexto em que estamos inseridos, que flexibiliza as certezas de ontem e nos joga num mundo cada vez mais virtualizado, cada vez mais contaminado pelo vir-a-ser que nos escapa. Somos reféns e sequestradores de nós mesmos.

A eclosão do MMA é, assim, tributária ao mesmo tempo de um discurso *mass-midiático* elaborado por empresas que almejam o lucro de todas as formas, que querem vender seu novo produto – plataforma publicitária de grande monta - mas é também uma forma encontrada por parte dos indivíduos de simbolizar esta tensão entre passado e futuro, entre o próximo e o distante, tensão entre a liberdade e a restrição, entre o amigo e o inimigo, entre o local e global, entre a ordem e desordem.

Esta forma de estruturação discursiva, polifônica, que consegue abarcar tantos aspectos e variáveis da atividade quanto possíveis, valorizando determinados aspectos em certos momentos e ocultando outros quando isto se mostra necessário, foi amplamente constatada nos excertos por nós analisados.

Como novo produto a ser explorado comercialmente em larga escala pela Rede Globo, o discurso acerca do MMA foi “pulverizado” ao longo da programação da emissora, recebendo tratamentos diferenciados dependendo do programa e público alvo, ou seja, a mesma emissora que coloca Sandy na “Casa dos Campeões” e que torna Minotauro e Anderson Silva bailarinos por um dia é a mesma que designa seu principal narrador esportivo para exaltar, ao vivo, os potentes golpes de Cigano que levaram seu oponente, inconsciente, à lona. A estratégia se repete em várias circunstâncias, sempre de acordo com o público e as características mais marcantes de cada programa, trazendo o MMA para dentro deste cenário e desta realidade discursiva já incorporada e absorvida pelos espectadores.

Cada programa, pensado como sujeito, age de forma similar à da cantora Sandy, utiliza-se do mesmo modelo validador para dar sustentação à atividade, para demonstrá-la para além da violência. Além da “doação” de credibilidade efetuada pelos programas e por seus figurões midiáticos, personagens bastante conhecidos e com grande empatia com o público, o discurso esportivo se faz presente em praticamente todos os momentos em que a atividade é tema. Sempre que a questão da violência e da agressividade é levantada, logo ela é rebatida com a justificativa de que aquilo que se passa dentro do ringue fica dentro do ringue, que os lutadores são profissionais capacitados e muito bem assistidos, que sabem dos riscos da atividade e não hesitam em corrê-los. Cria-se na verdade uma cadeia simbólica de sustentação ancorada em dois pilares fundamentais, o esportivo e o afetivo, sempre mediados pelas figuras validadoras, pelas celebridades cujos carimbos certificam que a atividade é moralmente justificada em diversos aspectos.

Longe de buscar “demonizar” a emissora por optar esta estruturação discursiva, o que queremos dizer é que esta estratégia reflete a concepção por ela adotada em relação ao seu público: este é tão heterogêneo, submetido às mais diversas condicionantes econômicas e culturais encontradas em território nacional que, para conseguir atingir uma espécie de consenso em relação ao MMA, esta teve

que lançar mão de grande parte de suas “ferramentas”, seus programas e figuras já tarimbadas, capilarizando e trabalhando o discurso do MMA de tantas formas quanto possíveis.

Soma-se a isto uma postura bastante adotada não apenas no discurso esportivo, mas principalmente nele, que é a de caráter nacionalista. Os atletas brasileiros são trabalhados como imãs de identificação, como seres que encarnam o *ethos* nacional e o defendem mundo afora. A estratégia *nós x eles*, o Brasil contra o outro, seja ele quem for, apesar de não encontrar correspondência “prática”, na atividade em si – as lutas não são organizadas por entidades internacionais oriundas de representatividade multinacional, mas sim por uma empresa dona da marca UFC -, de não ser uma espécie de esporte dotada de um caráter essencialmente olímpico, de “domínio comum”, esta característica é muitas vezes simplesmente atenuada ou mesmo deliberadamente esquecida.

Esta forma de se portar caracteriza a própria tensão advinda da globalização dos fluxos informacionais e de capitais, que solicitam às empresas comunicacionais em geral uma certa postura, seja aderindo a esta narrativa que foge a seu controle e a tente reinserir dentro de seu espaço de relativo domínio, seja portando-se de forma refratária a ela. Queremos dizer com isso que, com a criação de narrativas que não mais restringem-se a um determinado *locus*, como as lutas de MMA, por exemplo, bem como com o surgimento de uma nova dinâmica e sensibilidade que emerge globalmente por parte dos indivíduos – uma vontade de também jogar o jogo que todos estão jogando globalmente -, as empresas nacionais de comunicação não podem simplesmente ignorar estes aspectos. Retomando o nosso exemplo estudado, caso a Rede Globo não tivesse adquirido os direitos de transmissão das lutas do UFC, outra emissora nacional concorrente certamente o faria (a RedeTV, na verdade, o fez), colocando parcialmente em perigo o domínio da platinada.

Este trabalho, como já dissemos, não traz respostas prontas, não encerra de forma alguma o fenômeno, mas discute na medida do possível uma série de condicionantes que entrelaçam-se de forma nem sempre clara e nem sempre com “peso” detectável mas que, juntas, criam as condições objetivas e subjetivas para que determinado discurso e determinada narrativa sejam assumidos tanto por seus enunciadores quanto por seus enunciatários.

Referências

AWI, Felipe. **Filho teu não foge à luta**: Como os Lutadores Brasileiros Transformaram o MMA em um Fenômeno Mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BARBANTI, Valdir José . **O que é esporte?** Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, v. 2, p. 54-58, 2006.

BARTHES, Roland. **“O que é esporte”**, em Revista Serrote, nº 3, São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt (a). **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt (b). **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BECK, Daniel ; BOSSHART, Louis. **Sports and Media**. In: Communication Research Trends Volume 22 (2003) Number 4. Disponível em: < http://cscs.scu.edu/trends/v22/v22_4.pdf > ; acesso em: <17/05/2012>

BOURDIEU, Pierre. **Coisa ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRACHT, Valter. Sociologia Crítica do esporte: uma introdução. Ijuí: Unijuí, 2003

Budô: The Martial Ways of Japan. Tokyo: Nippon Budokan Foundation: 2009

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovia, 1990.

CALHOUN, Donald W. **Sport, culture and personality**. Champaign: Human Kinetics, 1987.

CAMPBELL, Joseph, com Bill Moyers. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CASSIANI, Suzani; LINSINGEN, Irlan Von; GIRALDI, Patrícia M. **Análise do Discurso: Enfocando os estudos sobre a Ciência e a Tecnologia na Educação**. Disponível em: <www.necso.ufrj.br/esocite2008/trabalhos/36312.doc> Acesso: 05/11/2009.

CASTRO, Maria Lília Dias de. **Autopromocionalidade em televisão: movimentos e configurações**. In: ANIMUS, Vol. VIII, n. 15, jan-junho 2009. P 53-68. Disponível em: < <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus/article/view/6202/3699> > ; Acesso em: <20/10/2012>

CASTRO, Maria Lília Dias de. **Nos bastidores do entretenimento: a ação promocional**. Compós, 2010. Disponível em: < http://compos.com.puc-rio.br/media/gt11_maria_lilia_dias.pdf > ; Acesso em: 20/10/2012

CORNELL, T.J. **On War and Games in the Ancient World**. The Global Nexus Engaged. Sixth International Symposium for Olympic Research, 2002, pp. 29-40. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/ISOR/ISOR2002e.pdf>> Acesso em: 26/04/2011

DI FOLCO, Philippe. **Fight**. San Francisco, USA: Fitway Publishing, 2007.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Metadiscursividade e autoreflexividade como estratégias autopromocionais**. In: ANIMUS, Vol. VIII, n. 15, jan-junho 2009. P 87-101. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus/article/view/6202/3699>> ; Acesso em: <20/10/2012>

ELIAS, Norbert ; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México, D.F: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FISCHER, Rosa M. B. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, novembro/ 2001 p. 197-223, novembro/ 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742001000300009&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso: 03/11/2009

GABLER, N. **Vida, o filme**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GARRAFFONI, R. S; FUNARI, P. P. **Morte e vida na arena Romana: a contribuição da teoria social contemporânea**. In: Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Janeiro/ Fevereiro/ Março de 2007 Vol. 4 Ano IV nº 1. Disponível em:< www.revistafenix.pro.br>

GASTALDO, Édison. **Homo Ludens e o Esporte Moderno**. In: Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação. Marques, José Carlos ; Morais, Osvando J. de (orgs). P 125-136. São Paulo: INTERCOM, 2012

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GUTTMANN, Allen. **The appeal of violent sports**. In: Why We Watch: The Attractions of Violent Entertainment. GOLDSTEIN, Jeffrey. (org). Nova Iorque: Oxford University Press, 1998.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARRIS, Janet C ; PARK, Roberta J. **Play, Games and Sports in cultural contexts**. Champaign: Human Kinetics Publishers, 1983.

HELAL, Ronaldo. **Futebol, Comunicação e Nação: a trajetória do campo acadêmico**. In: Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação. Marques, José Carlos ; Morais, Osvando J. de (orgs). P 139-168. São Paulo: INTERCOM, 2012

HOBBSAWM, E. J. **O novo século**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KERCKHOVE, D. de. **A Pele da Cultura**. Lisboa: Editora Relógio D'água, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre : Sulina, 2005

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MARQUES, José Carlos (Org.). **Comunicação e Esporte: diálogos possíveis**. São Paulo: Artcolor, 2007.

MATTELART, A. **A globalização da comunicação**. Bauru: Edusc, 2002. 2ª edição.

MATTELART, Armand. **Comunicação Mundo – História das idéias e das estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1994

MELO, Victor Andrade de. **Cause e consequência: Esporte e Imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX**. In: Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação. Marques, José Carlos ; Morais, Osvando J. de (orgs). P 103-124. São Paulo: INTERCOM, 2012

MICELI, Sérgio. **A noite da madrinha – e outros ensaios sobre o éter nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Vol I – Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MÜLLER, Uwe. **Esporte e mídia: um pequeno esboço**. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. V. 17, n. 3, 1996. Disponível em: < <http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/849/503>> ; acesso em: <22/08/2012>

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.

PICCOLO, G.M. **O universo lúdico proposto por Caillois**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - Nº 127 - Diciembre de 2008. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/> >. Acesso em <14/05/2011>

STAN, Robert. **Bakhtin: Da Teoria Literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992

VIRGÍLIO, S. **Conde Koma. O invencível yondam da história**. Campinas: Átomo, 2002

QUADRO 1

Jornalismo

Nome do Programa	Data de veiculação	Tema	Link
Jornal da Globo	26/10/2011	Anderson Silva usa calção defasado do Corinthians	http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2011/10/corinthians-decide-tirar-do-simbolo-estrelas-que-lembram-conquistas.html
1Bom Dia Brasil	11/11/2011	Primeira transmissão do UFC na Globo	http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/11/ufc-combate-sera-transmitido-pela-primeira-vez-na-tv-globo-saiba-mais.html
2Jornal Nacional	12/11/2011	Primeira transmissão do UFC na Globo	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/junior-cigano-tenta-ganhar-o-titulo-mundial-de-pesos-pesados-no-ufc.html
3Bom Dia Brasil	13/01/2012	MMA nas academias do Rio de Janeiro	http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/01/nova-paixao-brasileira-mma-invade-academias-do-rio-de-janeiro.html
4Jornal Nacional	14/01/2012	Anderson Silva explica as regras do MMA	http://www.youtube.com/watch?v=OCBWwU8yQf0
5Profissão Repórter	10/04/2012	Sobre lutadores iniciantes de MMA e sobre a vida de	Pt. 1 - http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/a-rotina-de-disciplina-e-treino-dos-praticantes-de-mma-parte-1/1897439/ Pt. 2 - http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/a-rotina-de-disciplina-e-treino-dos-praticantes-de-mma-parte-2/1897445/

		Anderson Silva	
6Jornal da Globo	06/07/2012	Sobre a defesa de cinturão de Anderson Silva	http://g1.globo.com/jornal-da-globo/videos/t/edicoes/v/anderson-silva-vai-defender-titulo-mundial-dos-pesos-medios-no-ufc/2029705/
7Bom Dia Brasil	08/11/2012	Campanha contra a violência	http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/11/campanha-tenta-diminuir-numero-de-homicidios-por-motivos-banais.html
8Jornal Hoje	08/11/2012	Campanha contra a violência	http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/11/campanha-busca-reduzir-os-crimes-por-motivos-banais-no-brasil.html
9Jornal Nacional	12/11/2012	Sobre a defesa de título de Júnior Cigano	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/11/junior-cigano-tenta-ganhar-o-titulo-mundial-de-pesos-pesados-no-ufc.html
10 Bom Dia Brasil	21/11/2012	Lutador brasileiro é morto a tiros na Suíça	http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/11/lutador-brasileiro-e-morto-tiros-por-mulher-em-cidade-da-suica.html
11 Jornal Nacional	01/02/2013	Defesa de título do lutador José Aldo	http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/02/jose-aldo-defende-titulo-do-peso-pena-do-ufc-contra-frankie-edgar.html
12 Bom Dia Brasil	11/02/2013	MMA no desfile de Carnaval	http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/02/carnaval-de-sao-paulo-tem-historias-e-inovacoes-nos-dois-dias-de-desfile.html

QUADRO 2

Entretenimento

Nome do Programa	Data de veiculação	Tema	Link
1 Altas Horas	19/02/2011	Anderson Silva é convidado do programa Altas Horas	http://tv.globo.com/programas/altas-horas/v2011/AltasHoras/Internas/0_MUL1648597-17069,00-ANDERSON+SILVA+CONTA+COMO+ESTA+A+VIDA+DE+SUPERSTAR.html
2 Fantástico	20/02/2011	Ronaldo fala que era novo para jogar a Copa do Mundo e faz menção a Anderson Silva	Indisponível
3 Mais Você	11/03/2011	Anderson Silva toma café da manhã com Ana Maria Braga	http://www.youtube.com/watch?v=kgR6gHZQ6f0
4 Programa do Jô	05/05/2011	Entrevista com o Lutador Júnior Cigano dos Santos	http://www.youtube.com/watch?v=4JN8UROI1Fk ; http://www.youtube.com/watch?v=qYDhzPQOa4s
5 Fantástico	13/05/2011	Anderson Silva fala de sua intimidade e comenta luta contra Chael Sonnen	http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/anderson-silva-fala-sobre-intimidade-e-da-cutucada-em-chael-sonnen/1945784/
6 Altas Horas	28/05/2011	Lyoto Machida fala sobre sua carreira e urinoterapia	http://tv.globo.com/programas/altas-horas/v2011/AltasHoras/Internas/0_MUL1663117-17069,00-AQUELE+CHUTE+EU+JA+TINHA+TREINADO+CONTA+O+LUTADOR+LYOTO+MACHIDA.html
7 Altas Horas	18/06/2011	José Aldo é	http://www.youtube.com/watch

		convidado do programa Altas Horas	?v=llNyqeAB3lk
8 Fantástico	19/06/2011	A apresentadora Renata Ceribelli faz treino de MMA para o quadro Medida Certa	http://g1.globo.com/fantastico/quadros/medida-certa/noticia/2011/06/zeca-camargo-e-renata-ceribelli-encaram-trilha-no-rio-de-janeiro.html
9 Altas Horas	13/08/2011	Vitor Belfort é convidado do programa Altas Horas	http://tv.globo.com/programas/altas-horas/v2011/AltasHoras/Internas/0_MUL1669960-17069_00-IALTAS+HORASI+ENTRA+NO+CLIMA+DE+DIA+DOS+PAIS+COM+FILHOS+DE+BARRICHELLO.html
10 Mais Você	04/10/2011	Vitor Belfort faz matéria sobre perda de calorias em treino de MMA	http://globo.com/mais-voce/v/melhores-momentos-2011-vitor-belfort-perde-quase-mil-calorias-em-aula-de-mma/1761759/
11 Vídeo Show	11/10/2011	Bruno De Luca aprende golpes de MMA	http://globo.com/video-show/v/bruno-de-luca-aprende-golpes-com-dudu-azevedo-e-minotauro/1658951/
12 Caldeirão do Huck	15/10/2011	Anderson Silva participa de entrevista ao lado do cantor Justin Bieber	http://www.youtube.com/watch?v=yVkXKdsP_To ; http://www.youtube.com/watch?v=MD2cVb65Kyw
13 Aventuras do Didi	23/10/2011	Lutador Minotauro participa de esquetes do programa	http://tv.globo.com/programas/aventuras-do-didi/programa/platb/?s=minotauro
14 Domingão	30/10/2011	Ator Malvino	http://tv.globo.com/programas/do

do Faustão		Salvador fala sobre filme em que interpretará José Aldo	mingao-do-faustao/Bastidores/noticia/2011/10/malvino-salvador-conta-que-interpretara-lutador-no-cinema.html
15 Programa do Jô	02/11/2011	Entrevista com a lutadora de Jiu-Jitsu Kyra Gracie	http://www.youtube.com/watch?v=SZM_r-LhABw
16 Mais Você	07/11/2011	Anderson Silva é convidado do programa Mais Você	http://tv.globo.com/programas/mais-voce/v2011/MaisVoce/0,,MUL1676559-10345,00-ANDERSON+SILVA+COMENTA+CONFRONTO+DE+PESOSPESADOS.html ; http://www.dailymotion.com/video/xm716s_mais-voce-07-11-2011-parte-1-programa-de-segunda-feira_people#.UWLSFqJoQto (a partir de 30' 09'')
17 Caldeirão do Huck	03/12/2011	Luciano Huck fantasia-se de Elvis e dá carona a Vitor Belfort	http://tv.globo.com/programas/caldeirao-do-huck/O-Programa/noticia/2011/12/vestido-de-elvis-huck-entrevista-brasileiros-em-las-vegas-entre-eles-vitor-belfort.html
18 Domingão do Faustão	25/12/2011	Anderson Silva fala do crescimento da modalidade e da visibilidade do MMA.	http://tv.globo.com/programas/do-mingao-do-faustao/O-Programa/noticia/2011/12/anderson-silva-diz-que-o-mma-ganhou-visibilidade-em-2011.html
19 Novela Fina Estampa		Personagem é lutador de MMA	
20 Esquenta	08/01/2012	Participação dos irmão Minotauro e Minotouro no programa Esquenta	http://globotv.globo.com/rede-globo/esquenta/v/minotauro-e-minotouro-falam-sobre-atuacao-de-dudu-azevedo/1759784/

21 Fantástico	15/01/2012	Comentários sobre a luta de José Aldo e Vitor Belfort	http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1677871-15605,00.html
22 Altas Horas	21/01/2012	Ator Dudu Azevedo fala de seu personagem lutador de MMA na novela Fina Estampa	http://globo.com/rede-globo/altas-horas/v/dudu-azevedo-conta-que-sempre-foi-viciado-em-mma/1779012/
23 Vídeo Show	25/01/2012	Vitor Belfort treina com atores Rodrigo Simas e Dudu Azevedo	http://tv.globo.com/programas/video-show/v2011/VideoShow/Noticias/0,,MUL1678008-16952,00-VITOR+BELFORT+GRAVA+FINA+ESTAMPA+E+DA+DICAS+PARA+LEANDRO+SER+UM+VENCEDOR.html
24 Altas Horas	04/02/2012	Lutadora Cris Cyborg participa do programa Altas Horas	http://tv.globo.com/programas/altas-horas/v2011/AltasHoras/Internas/0,,MUL1678204-17069,00-CRIS+CYBORG+DIZ+ACREDITAR+AINDA+SER+A+DETENTORA+DO+CINTURAO+DOS+PESOS+PENA.html
25 Domingo do Faustão	19/02/2012	Lutador Júnior Cigano participa do quadro Pizza do Faustão e fala sobre o MMA	http://tv.globo.com/programas/domingao-do-faustao/pizza-do-faustao/noticia/2012/02/junior-cigano-se-considera-uma-das-pessoas-mais-felizes-do-mundo.html ; http://globo.com/rede-globo/domingao-do-faustao/v/junior-cigano-comenta-bom-momento-no-ufc/1820303/
26 Altas Horas	25/02/2012	Lutador Minotauro participa do Programa Altas Horas	http://globo.com/rede-globo/altas-horas/v/minotauro-comenta-a-ascensao-do-mma-no-brasil/1830672/
27 Caldeirão do Huck	03/03/2012	Luciano Huck entrevista o lutador Wagner Caldeirão	http://globo.com/rede-globo/caldeirao-do-huck/v/huck-entrevista-wagner-participante-que-ensaio-icaro-e-os-amigos/1840409/

28	Vídeo Show	08/03/2012	Ator Dudu Azevedo fala de seu personagem Wallace Um	http://globo.com/rede-globo/video-show/v/wallace-wu-volta-aos-ringues-em-fina-estampa-confira-os-bastidores-da-cena/1847599/
29	Domingão do Faustão	18/03/2012	Lutador José Aldo fala de sua trajetória profissional	http://tv.globo.com/programas/domingao-do-faustao/O-Programa/noticia/2012/03/jose-aldo-dono-do-cinturao-do-ufc-fala-sobre-sua-trajetoria-na-luta.html
30	Encontro com Fátima Bernardes	20/03/2012	Anderson Silva é convidado do programa Encontro com Fátima Bernardes	http://globo.com/rede-globo/encontro-com-fatima-bernardes/v/anderson-silva-comenta-a-popularidade-do-mma-no-brasil/2469958/
31	Fantástico	01/04/2012	Tem início o quadro Sandy na Casa dos Campeões, quadro do Fantástico onde a cantora Sandy mostra a rotina dos lutadores na casa do reality show TUF – Brasil.	http://www.youtube.com/watch?v=T8xVwQH6l0w
32	Zorra Total	07/04/2012	Humorista imita Anderson Silva	http://tv.globo.com/programas/zorratotal/videos/t/programa/v/reporter-confunde-wanderson-da-silva-com-anderson-silva/1893892/
33	Altas Horas	25/04/2012	Lutador Wanderlei Silva é convidado do	http://tv.globo.com/programas/altashoras/v2011/AltasHoras/Internas/0,,MUL1679245-17029,00-GOSTO+DE+GANHAR+DE+CARAS+B

		programa	ONS+COMENTA+WANDERLEI+SOBRE+LUTA+COM+BELFORT.html
34 Domingão do Faustão	29/04/2012	José Aldo “luta” com as bailarinas do programa.	http://globo.com/rede-globo/programa-do-faustao/v/jose-aldo-e-desafiado-para-lutar-com-bailarinas-e-acaba-dancando/1880585/
35 Programa do Jô	01/05/2012	Jô Soares entrevista o jornalista Felipe Awi sobre seu livro “Filho Teu não foge à luta”, sobre a história do MMA.	http://globo.com/programa-do-jo/v/felipe-awi-lanca-livro-sobre-as-artes-marciais/1928779/
36 Fantástico	08/05/2012	Último episódio do quadro “Sandy na Casa dos Campeões”.	http://www.youtube.com/watch?v=aWMRTC4scLI
37 Altas Horas	12/05/2012	Sandy fala de sua experiência na casa do TUF	http://tv.globo.com/programas/altas-horas/v2011/AltasHoras/Internas/0,,MUL1680289-17069,00-SANDY+DIZ+QUE+FOI+UMA+DELICIA+CONVIVER+COM+LUTADORE+S+DE+MMA.html
38 Domingão do Faustão	27/05/2012	Minotauro estreia no quadro “Dança dos Famosos”	http://globo.com/rede-globo/programa-do-faustao/v/minotauro-impresiona-em-sua-estreia-com-juliana-valcezia/1966251/
39 Fantástico	27/05/2012	Comentários sobre a vitória de Júnior Cigano na luta	http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1680597-15605,00.html

		contra Frank Mir	
40 Altas Horas	09/06/2012	Vitor Belfort é convidado do programa	http://globo.com/rede-globo/altas-horas/v/vitor-belfort-da-uma-cutucada-em-wanderlei-silva/1986263/
41 Caldeirão do Huck	23/06/2012	José Aldo participa como "comentarista" do "MMA Animal".	http://globo.com/caldeirao-do-huck/v/jose-aldo-e-comentarista-de-mma-animal-no-palco-do-caldeirao/2008855/
42 Encontro com Fátima Bernardes	25/06/2012	Lutador Fábio Maldonado fala sobre depilação masculina.	http://globo.com/encontro-com-fatima-bernardes/v/bruno-gissoni-e-fabio-maldonado-assuem-que-depilam-o-corpo/2010317/
43 Encontro com Fátima Bernardes	06/07/2012	Os lutadores Minotauro e Bodão falam sobre o interesse feminino pelo MMA	http://globo.com/encontro-com-fatima-bernardes/v/minotouro-e-bodao-falam-sobre-o-interesse-das-mulheres-no-mma/2028314/
44 Encontro com Fátima Bernardes	30/07/2012	Lutador Minotauro fala de seu atropelamento quando era criança	http://globo.com/encontro-com-fatima-bernardes/v/rodrigo-minotouro-foi-atropelado-por-um-caminhao-aos-11-anos/2064874/
45 Altas Horas	04/08/2012	Lutador Demian Maia participa do programa Altas Horas	http://www.youtube.com/watch?v=i16O0aDxSd8
46 Pequenas Empresas & Grandes	05/08/2012	Empresas que fabricam produtos de MMA faturam	http://globo.com/pequenas-empresas-grandes-negocios/v/empresarios-de-sao-paulo-faturam-alto-com-produtos-tematicos-do-mma/2073499/

Negócios		alto	
47 Encontro com Fátima Bernardes	15/08/2012	Repórter Paula Sack fala sobre ser jornalista especializada na cobertura de MMA ; Victor Sarro faz paródia de treinamento de MMA	http://globo.com/rede-globo/encontro-com-fatima-bernardes/v/reporter-e-especialista-em-cobertura-de-lutas/2090406/ ; http://globo.com/rede-globo/encontro-com-fatima-bernardes/v/victor-sarro-visita-a-academia-de-minotauro/2090399/
48 Domingão do Faustão	26/08/2012	Anderson Silva participa do quadro "Arquivo Confidencial"	http://globo.com/rede-globo/ Domingao-do-faustao/v/anderson-silva-faz-dancinha-do-michael-jackson-no-domingao/2108045/ ; http://globo.com/rede-globo/ Domingao-do-faustao/v/familia-de-anderson-silva-presta-homenagem-ao-campeao-do-no-domingao/2108052/ ; http://globo.com/rede-globo/ Domingao-do-faustao/v/fas-famosos-stein-seagal-e-dana-white-comentam-o-sucesso-do-spider/2108035/
49 Fantástico	02/09/2012	Anderson Silva é homenageado no Brazilian Day em NY	http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/anderson-silva-e-homenageado-no-brazilian-day-new-york/2119530/
50 Fantástico	20/10/2012	Os golpes do lutador Anderson Silva são registrados em câmera lenta.	http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/anderson-silva-aceita-desafio-e-exibe-golpes-diante-da-supercamera-lenta/2201244/
51 Auto	21/10/2012	Júnior Cigano faz	http://globo.com/autoesporte/v/lutador-do-

Esporte		teste com uma McLaren.	ufc-encara-desafio-especial-com-um-mclaren-p4-12c/2200883/
52 Altas Horas	27/10/2012	Minotauro é convidado do programa Altas Horas	http://globotv.globo.com/rede-globo/altas-horas/v/minotauro-conta-que-e-a-favor-da-proibicao-das-cotoveladas-no-mma/2212839/ ; http://www.youtube.com/watch?v=2AB04H3HEKM
53 Caldeirão do Huck	03/11/2012	Ator Taylor Lautner é entrevistado por Luciano Huck e declara-se fã de MMA.	http://tv.globo.com/programas/caldeirao-do-huck/O-Programa/noticia/2012/11/luciano-huck-entrevista-taylor-lautner-e-apresenta-fa-apaixonada-ao-ator.html
54 Encontro com Fátima Bernardes	05/11/2012	Ana Maria Índia fala de como é ser uma lutadora de MMA.	http://globotv.globo.com/rede-globo/encontro-com-fatima-bernardes/v/lutadora-de-mma-diz-que-luta-e-otima-para-autoconhecimento/2225287/ ; http://globotv.globo.com/rede-globo/encontro-com-fatima-bernardes/v/ana-maria-india-fala-sobre-o-preconceito-com-o-mma/2225270/
55 Casseta & Planeta Vai Fundo	09/11/2012	Episódio temático que trata das paixões nacionais, dentre elas o MMA.	http://www.dailymotion.com/video/xuzuo2_casseta-planeta-vai-fundo-09-11-2012-parte-1-ep-02-segunda-temporada_fun#.UVN-3hdoQto ; http://www.dailymotion.com/video/xuzunt_casseta-planeta-vai-fundo-09-11-2012-parte-2-ep-02-segunda-temporada_fun#.UVOFRdoQto
56 Altas Horas	12/11/2012	Lutador José Aldo é convidado do programa Altas Horas.	http://tv.globo.com/programas/altas-horas/v2011/AltasHoras/Internas/0_MUL1676643-17069.00.html
57 Bem Estar	30/11/2012	Mostra MMA como opção de atividade física.	http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2012/11/lutas-e-artes-marciais-sao-uma-opcao-de-exercicio-intensa-e-divertida.html
58 A Grande	07/12/2012	Vitor Belfort faz	http://tv.globo.com/programas/a-

Família		campanha política para o personagem Agostinho Carrara.	grande-familia/Por-tras-das-Cameras/noticia/2012/12/ra.html
59 Altas Horas	24/12/2012	Ex-lutador e treinador de MMA Dedé Pederneiras é convidado do programa.	http://tv.globo.com/programas/altas-horas/v2011/AltasHoras/Internas/0,,MUL1677439-17069,00-DEDE+PEDERNEIRAS+COMENTA+UMA+POSSIVEL+LUTA+ENTRE+ANDERSON+SILVA+E+JON+JONES.html
60 Altas Horas	12/01/2013	Vitor Belfort é convidado do programa.	http://globo.com/rede-globo/altas-horas/v/vitor-belfort-comenta-que-gostaria-de-uma-revanche-com-anderson-silva/2342954/
61 Altas Horas	19/01/2013	Cantor Bruno do KLB fala de sua estreia como lutador de MMA.	http://globo.com/rede-globo/altas-horas/v/bruno-do-klb-conta-se-a-familia-o-apoiou-na-carreira-de-lutador/2356782/
62 Altas Horas	02/02/2013	Lutador Rafael Feijão fala de sua contratação pelo UFC.	http://globo.com/rede-globo/altas-horas/v/rafael-feijao-conta-que-minotauro-foi-grande-incentivador-de-sua-carreira/2383874/
63 Altas Horas	23/02/2013	Lutador Demian Maia é convidado do programa Altas Horas.	http://globo.com/rede-globo/altas-horas/v/demian-maia-fala-sobre-luta-polemica-com-anderson-silva/2424729/
64 Domingão do Faustão	24/02/2013	Lutador Renan Barão fala de sua história de vida e de sua trajetória no MMA.	http://globo.com/rede-globo/ Domingao-do-faustao/v/conheca-a-historia-de-superacao-do-lutador-renan-barao/2425084/
65 Programa do Jô	01/03/2013	Lutador José Aldo grava vídeo dando dicas de treino para	http://tv.globo.com/programas/programa-do-jo/O-Programa/noticia/2013/03/bato-no-thiago-e-ele-bate-em-mim-brinca-fernanda-sousa-sobre-muay-

		a atriz Fernanda Souza.	thai.html
66 Caldeirão do Huck	16/03/2013	Anônimo é transformado em lutador de MMA por uma dia.	http://tv.globo.com/programas/caldeirao-do-huck/O-Programa/noticia/2013/03/caldeirao-da-fama-transforma-anonimo-em-lutador-de-mma.html ; http://tv.globo.com/programas/caldeirao-do-huck/O-Programa/noticia/2013/03/bondedas-maravilhas-leva-a-danca-do-quadrado-ao-caldeirao.html
67 Novela Guerra dos Sexos			